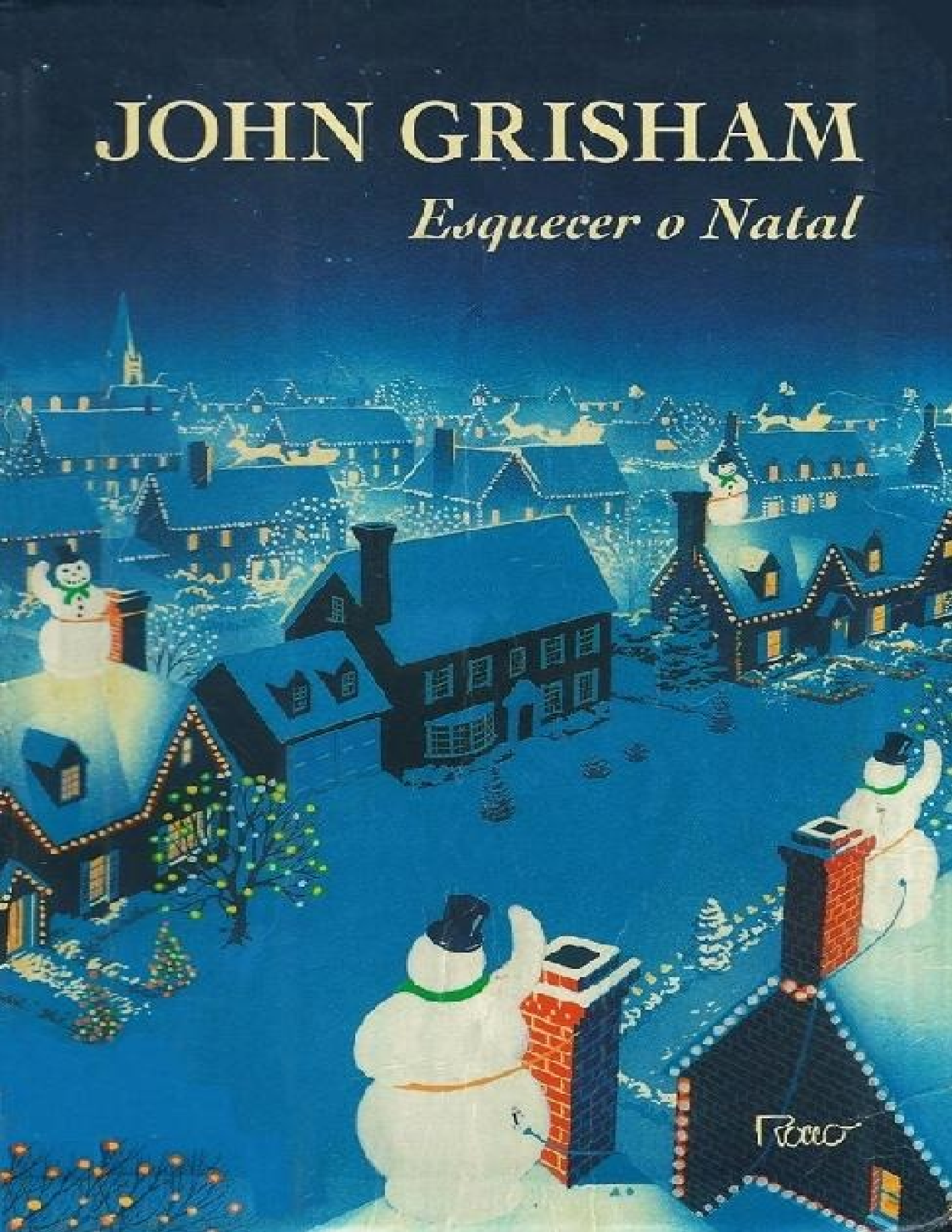
JOHN GRISHAM

Esquecer o Natal



contra-capa

Nada de árvores, estresse de shopping lotado, despesas sem controle, cartões com mensagens de paz e felicidade. O Natal dos Krunk será diferente: no lugar da festa, do panetone, do peru ou das luzinhas piscando no quintal, o plano é fazer um cruzeiro ao Caribe e desprezar qualquer emoção natalina que ponha tudo a perder.

John Grisham provoca boas gargalhadas no leitor com essa hilariante fábula de Natal.

John Grisham

Esquecer o Natal

Tradução de

Aulyde Soares Rodrigues

Rocco

Rio de Janeiro - 2002

Título original

SKIPPING CHRISTMAS

Copyright © 2001 *by* Belfry Holdings, Inc.

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens são ficcionais. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 — 5º andar - 20011-040 — Rio de Janeiro - RJ Tel: 2507-2000 - Fax: 2507-2244

e-mail: rocco@rocco.com.br www.rocco.com.br

*Printed in Brazil/I*mpresso no Brasil

preparação de originais

JUPY JUNIOR

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G688e Grisham, John, 1955-

Esquecer o Natal/John Grisham; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. - Rio de Janeiro: Rocco, 2002

Tradução de: Skipping Christmas

ISBN 85-325-1397-2

I. Ficção americana. L Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título.

02-0337 CDD-813 CDU - 820(73)-3

Digitalização, formatação e correção: **Chuncho (LAVRo)**

Um

O portão de embarque estava repleto de viajantes cansados, a maior parte de pé e encostada na parede, porque a pequena coleção de cadeiras de plástico havia muito estava tomada. Cada avião que chegava e partia levava pelo menos oitenta passageiros, mas a sala tinha lugar apenas para algumas dúzias.

Parecia que milhares esperavam o voo de dezenove horas para Miami. Estavam amontoados e carregados, e, depois de enfrentar o tráfego e o balcão das companhias aéreas e as multidões, estavam desanimados. Era o domingo depois do Dia de Ação de Graças, um dos mais movimentados do ano para as viagens aéreas, e, à medida que acotovelavam e eram acotovelados na direção do portão de embarque, muitos se perguntavam, não pela primeira vez, por que tinham escolhido exatamente esse dia para voar.

As razões eram várias e irrelevantes no momento. Alguns tentavam sorrir. Alguns tentavam ler, mas era difícil com o aperto e o barulho. Outros apenas olhavam para o chão e esperavam. Ali perto, um Papai Noel magro e negro tocava um sino irritante e resmungava votos de boas festas.

Uma pequena família aproximou-se e, quando viu o número do portão e a multidão, parou na fila, e começou a espera. A Filha era jovem e bonitinha. Seu nome era Blair, e estava evidentemente partindo. Seus pais, não. Os três olhavam para o povo, e eles também, naquele momento, perguntavam silenciosamente por que tinham escolhido aquele dia para viajar.

Ninguém mais chorava, pelo menos quase ninguém. Blair tinha vinte e três anos e acabara de se formar no colegial com um belo currículo, mas não estava pronta para uma carreira. Uma amiga de colégio estava na África com o Corpo da Paz, e isso inspirou Blair a dedicar os dois próximos anos a ajudar os outros. Fora designada para o leste do Peru para ensinar as crianças a ler. Ia morar num galpão sem encanamento, eletricidade, telefone, e estava ansiosa para começar

sua jornada.

O voo a levaria de Miami a Lima, depois seriam três dias num ônibus para as montanhas, e então para outro século. Pela primeira vez na sua vida jovem e protegida, Blair passaria o Natal longe de casa. A mãe segurava com força sua mão e tentava ser forte.

Todas as despedidas tinham sido feitas. “Tem certeza de que é isso que você quer?”, perguntaram uma centena de vezes.

Luther, seu pai, olhava carrancudo para a multidão. Que loucura, ele pensava. Tinha deixado as duas na frente do aeroporto e depois dirigido quilômetros para encontrar uma vaga num estacionamento satélite. Um ônibus apinhado o levou de volta à seção de partida, e daí ele abriu caminho com a mulher e a filha até aquele portão. Ele estava triste com a partida de Blair, e detestava aquele bando de gente. Luther estava mal-humorado. As coisas iam ficar piores para ele.

Os agentes ansiosos do portão voltaram à vida e a fila andou um pouco. O primeiro aviso foi feito, pedindo aos que precisavam de mais tempo e os que iam viajar de primeira classe para passar à frente. Os empurrões e acotovelamentos subiram de nível.

— Acho que é melhor irmos embora — Luther disse para a filha única.

Eles se abraçaram outra vez, lutando contra as lágrimas. Blair sorriu e disse:

— O ano vai passar voando. Estarei em casa no próximo Natal.

Nora, sua mãe, mordeu o lábio, balançou a cabeça assentindo e a beijou outra vez.

— Por favor, cuide-se — por que não podia parar de dizer isso?

— Vou ficar bem.

Eles a soltaram e a observaram entrar na longa fila e afastar-se vagarosamente, para longe dos pais, longe de casa e da segurança e de tudo que ela conhecia. Quando entregou o passe de embarque, Blair virou e sorriu para eles pela última vez.

— Ora, muito bem — Luther disse. — Chega disto. Ela vai ficar bem.

Nora não conseguia dizer nada, vendo a filha desaparecer. Eles viraram e entraram no meio da multidão que caminhava lentamente pela sala de espera, passando pelo Papai Noel com o sino irritante e pelas pequenas lojas cheias de gente.

Chovia quando saíram do terminal e entraram na fila do ônibus, e a chuva caía a cântaros quando o ônibus chapinhou até o estacionamento e eles desceram, a duzentos metros de onde estava seu carro. Luther pagou sete dólares para livrar o carro da ganância da autoridade do aeroporto.

Quando se dirigiam para a cidade, Nora finalmente falou:

— Ela vai ficar bem? — perguntou.

Luther tinha ouvido aquela pergunta tantas vezes que respondeu automaticamente.

— Claro.

— Você acha mesmo?

— Claro.

Àquela altura, que importância tinha o que ele achava ou não? Blair tinha partido, não podiam mais detê-la.

Segurando com força a direção com as duas mãos, silenciosamente praguejou contra o tráfego lento à frente. Não sabia se sua mulher estava chorando ou não. Tudo que Luther queria era chegar em casa, trocar a roupa molhada, sentar-se na frente do fogo e ler uma revista.

Estavam a três quilômetros de casa, quando ela anunciou:

— Preciso de algumas coisas do supermercado.

— Está chovendo — ele disse.

— Mesmo assim, preciso.

— Não pode esperar?

— Você pode ficar no carro. Não demoro nada. Vá ao Chip’s. Está aberto hoje.

Então Luther foi para o Chip’s, um lugar que desprezava, não só pelos preços ultrajantes e pelo pessoal arrogante, mas também por ficar num lugar ruim. A chuva continuava, é claro — ela não podia ter escolhido o Kroger, onde era possível estacionar e dar uma corrida para entrar? Não, ela queria o Chip’s, onde a gente estacionava e depois dava uma longa caminhada.

Só que, às vezes, era impossível estacionar. O estacionamento estava cheio. As saídas de emergência, lotadas. Ele procurou em vão durante dez minutos, antes de Nora dizer:

— Deixe-me ao lado da calçada.

Ela estava frustrada com a incapacidade dele de encontrar uma vaga.

Luther entrou no espaço perto de uma barraca de hambúrguer e pediu:

— Deixe-me ver a lista.

— Eu vou — ela disse, num protesto Fingido.

Luther ia fazer uma longa caminhada na chuva, e os dois sabiam disso.

— Dê-me a lista.

— Só chocolate branco e meio quilo de pistache Lance Brothers.

— Isso é tudo?

— Sim, e tenha certeza de que é chocolate Logan, barra de meio quilo, e pistache Lance Brothers.

— E isso não podia esperar?

— Não, Luther, não podia esperar. Vou fazer a sobremesa para o almoço de amanhã. Se você não quer ir, fique quieto que eu vou.

Ele desceu do carro e bateu a porta. Seu terceiro passo foi numa poça d’agua. Água fria ensopou seu tornozelo direito e escorreu para dentro do sapato. Ele parou por um segundo e prendeu a respiração, depois continuou a andar nas pontas dos pés, tentando desesperadamente localizar outras poças, enquanto se desviava do tráfego.

O Chip's acreditava em preços altos e renda modesta. Ficava num beco, na realidade não visível de lugar algum. Ao lado dele, Ficava uma loja de bebidas

de um europeu que se dizia francês, mas na verdade todos diziam que era húngaro. Seu inglês era horrível, mas ele conhecia a linguagem da trapaça no preço. Provavelmente aprendida com o Chip's. Na verdade, todas as lojas do Distrito, como era chamado, esforçavam-se para ser preconceituosas.

E todas as lojas estavam cheias. Outro Papai Noel tocava o mesmo sino fora da loja de queijos. "Rodolfo, a rena de nariz vermelho", tagarelava num alto-falante escondido acima da calçada na frente da Mãe Terra, onde os adeptos da comida natural sem dúvida ainda usavam sandálias. Luther detestava a loja — recusava-se a entrar nela. Nora comprava ervas orgânicas ali, ele não sabia bem por quê. O velho mexicano dono da tabacaria, feliz da vida, estendia Fios de luzes pequeninas na sua vitrine, o cachimbo no canto da boca, a fumaça voando atrás dele, a neve artificial já espalhada na árvore artificial.

Havia a possibilidade de neve de verdade mais tarde, durante a noite. Os compradores não perdiam tempo, entrando nas lojas e saindo. A meia no pé direito de Luther estava agora congelada até o tornozelo.

Não havia cestos de compras perto da caixa no Chip's e isso, é claro, era um péssimo sinal. Luther não precisava de um cesto, mas isso significava que o lugar estava cheio. Os corredores eram estreitos e a disposição das mercadorias completamente sem sentido. Independente da sua lista, era preciso atravessar o lugar de um lado para o outro uma dúzia de vezes para terminar suas compras.

Um empregado trabalhava com afinco numa exposição de chocolates de Natal. Um aviso na frente do açougue recomendava que todos os bons fregueses fizessem as reservas de perus de Natal imediatamente. Novos vinhos de Natal tinham chegado! E presuntos de Natal!

Que desperdício, Luther pensou. Por que comemos e bebemos tanto para comemorar o nascimento de Cristo? Encontrou os pistaches perto dos pães. Estranho como isso fazia sentido no Chip's. O chocolate branco não estava na seção de bolos, por isso Luther praguejou baixinho e começou a andar pelos corredores, procurando em toda parte. Foi atropelado por um carrinho de compras. Nenhum pedido de desculpas, ninguém notou. "Deus esteja com vocês, cavalheiros alegres", soava do alto, como se Luther precisasse de consolo. Podia muito bem ser "Frosty, o homem de neve."

Dois corredores adiante, perto de uma seleção de arroz do mundo inteiro, estava uma prateleira com chocolates para bolos. Deu um passo para a prateleira e viu uma barra de meio quilo da Logan's. Outro passo e a barra desapareceu de

repente, quase tirada da sua mão por uma mulher decidida que nem o viu. O pequeno espaço reservado para a Logan's estava vazio e no desesperado momento seguinte Luther não viu nem sinal de chocolate branco. Muito chocolate escuro e médio e coisa assim, mas nada de branco.

A fila na caixa rápida, é claro, era mais lenta do que as outras duas. Os preços abusivos do Chip's obrigavam os fregueses a comprar quantidades pequenas, mas isso não tinha nenhum efeito na rapidez com que eles chegavam e iam embora. Cada item era erguido, inspecionado e registrado manualmente por um caixa antipático. Conseguir um empacotador era difícil, mas perto do Natal eles tomavam vida com sorrisos e entusiasmo e uma lembrança espantosa dos nomes dos fregueses. Era a estação das gorjetas, outro aspecto absurdo do Natal que Luther detestava.

Seis dólares e mais uns trocados por meio quilo de pistaches. Ele empurrou para o lado o jovem e ansioso empacotador, e por um segundo pensou que teria de recorrer à violência para evitar que seus preciosos pistaches fossem parar em outra sacola. Enfiou-os no bolso do sobretudo e saiu rapidamente da loja.

Uma multidão se tinha juntado para ver o velho mexicano decorar a vitrine. Ele estava ligando pequenos robôs que pareciam caminhar na neve artificial, e a multidão adorava isso. Luther foi obrigado a sair da calçada e, ao fazer isso, foi para a esquerda ao invés de ir para a direita. Seu pé esquerdo mergulhou em dez centímetros de lama gelada. Ele parou por uma fração de segundo, respirando profundamente o ar frio, praguejando contra o velho mexicano e seus robôs, seus admiradores e os malditos pistaches. Puxou o pé com força para cima e a água suja espirrou na perna da calça e, parado no meio-fio com os dois pés congelados, o sino tocando, "Papai Noel na cidade" sendo gritado ao alto-falante e a calçada bloqueada pelos que comemoravam as festas, Luther começou a odiar o Natal.

A água tinha penetrado nos seus pés quando ele chegou ao carro.

— Não tem chocolate branco — sibilou para Nora, sentando atrás da direção.

Ela estava enxugando os olhos.

— O que é agora? — ele perguntou.

— Acabo de falar com Blair.

— O quê? Como? Ela está bem?

— Ela ligou do avião. Está ótima — Nora mordeu o lábio, tentando se controlar.

Exatamente quanto custa telefonar para casa de nove mil metros de altura? Luther pensou. Tinha visto telefones nos aviões. Qualquer cartão de crédito servia. Ele dera um para Blair do tipo que as contas são enviadas para mamãe e papai. De um celular lá em cima aqui para baixo, provavelmente, no mínimo, dez mangos.

E para quê? Estou bem, mamãe. Há uma hora que não nos vemos. Nós todos nos amamos. Nós todos sentimos falta um dos outros. Tenho de desligar, mamãe.

O motor estava ligado, mas Luther não se lembrava de ter girado a chave.

— Você se esqueceu do chocolate branco? — Nora perguntou, completamente refeita.

— Não. Eu não me esqueci. Eles não tinham.

— Você perguntou ao Rex?

— Quem é Rex?

— O açougueiro.

— Não, Nora, não sei por que não pensei em perguntar ao açougueiro se ele tinha chocolate branco escondido entre suas costeletas e fígados.

Ela puxou a maçaneta da porta com a maior frustração.

— Preciso do chocolate. Obrigada por nada. — E saiu do carro.

Espero que você pise na água gelada, Luther resmungou. Furioso, murmurou outras coisas desagradáveis. Ligou o aquecedor virado para o chão do carro, para descongelar os pés, depois ficou vendo as pessoas que entravam e saíam na loja de hambúrguer. O tráfego estava engarrafado nas ruas próximas.

Como seria bom evitar o Natal, ele começou a pensar. Um estalo dos dedos e estamos no dia 2 de janeiro. Nada de árvore, nada de compras, nada de presentes sem sentido, gorjetas, amontoados e embrulhos, engarrafamentos e multidões, nada de panetones, bebida e presuntos que ninguém precisava, nada

de “Rodolfo” e de “Frosty”, nenhuma festa de escritório, nenhum dinheiro gasto. Sua lista crescia aos poucos. Ele se inclinou sobre a direção, sorrindo agora, esperando o calor nos pés, sonhando satisfeito com a fuga.

Ela voltou com um pequeno saco pardo, que jogou ao lado dele com cuidado para não partir o chocolate, fazendo com que Luther soubesse que tinha encontrado o chocolate e ele não.

— Todo mundo sabe que é preciso perguntar — ela disse secamente, prendendo o cinto de segurança.

— Modo estranho de fazer negócio — Luther murmurou, dando marcha a ré. — Esconder no açougue, fingir que está faltando, fazer com que os fregueses peçam o produto. Tenho certeza de que eles cobram mais se estiver escondido.

— Ora, cala a boca, Luther.

— Seus pés estão molhados?

— Não. Os seus?

— Não.

— Então, por que perguntou?

— Só porque estava preocupado.

— Você acha que ela vai ficar bem?

— Ela está no avião. Você acabou de falar com ela.

— Quero dizer, lá na selva.

— Pare de se preocupar, está bem? O Corpo da Paz não a mandaria para um lugar perigoso.

— Não vai ser a mesma coisa.

— O quê?

— O Natal.

Certamente que não, Luther quase disse. Estranho, ele estava sorrindo enquanto seguia o tráfego.

Dois

Com os pés aquecidos e calçados com meias pesadas de lã, Luther adormeceu rapidamente e acordou mais rápido ainda. Nora andava de um lado para o outro. Estava no banheiro dando a descarga e acendendo e apagando a luz, depois foi para a cozinha, onde preparou um chá de ervas, então ele a ouviu no corredor, indo para o quarto de Blair, sem dúvida, olhando para as paredes e fungando, pensando no tempo passado. Então, voltou para a cama, virando e revirando as cobertas, fazendo todo o possível para acordá-lo. Ela queria diálogo, uma caixa de ressonância. Ela queria que Luther a tranquilizasse dizendo que Blair estava a salvo dos horrores da selva peruana.

Mas Luther estava completamente imóvel, respirava o mais pesadamente possível, porque se o diálogo começasse outra vez, se estenderia por horas. Ele fingiu roncar e isso a sossegou.

Passava das onze, quando ela ficou quieta. Luther estava de olhos bem abertos e com os pés em fogo. Quando teve absoluta certeza de que Nora dormia, saiu da cama, tirou as meias pesadas, jogou-as num canto, saiu para o corredor nas pontas dos pés e foi até a cozinha tomar água. Depois fez um bule de café descafeinado.

Uma hora depois, ele estava no seu escritório no porão, sentado à mesa, com pastas abertas, o computador ligado, a impressora zumbindo e emitindo folhas impressas, um investigador à procura de evidências. Sua profissão era contador de impostos, por isso seus registros eram meticulosos. A evidência cresceu e ele se esqueceu do sono.

No ano anterior, a família Luther Krank gastara 6.100 dólares no Natal — 6.100! — 6.100 dólares em decorações, luzes, flores, um novo Frosty e um abeto canadense; 6.100 dólares em presuntos, perus, nozes, bolas de queijo e biscoitos que ninguém comeu; 6.100 dólares em vinhos e outras bebidas e charutos no

escritório; 6.100 dólares em panetones para os bombeiros e o esquadrão de salvamento, e calendários da associação beneficente da polícia; 6.100 dólares para um agasalho de cashmere para Luther, que ele detestou, mas não disse nada, um paletó esporte que ele usou duas vezes e uma carteira de pele de avestruz, muito cara e muito feia e que, francamente, ele não gostava nem de pegar. Um vestido para Nora, que ela usou no jantar de Natal da Companhia, uma suéter de cashmere, que desapareceu desde que ela abriu o embrulho, e um cachecol de grife que ela adorava. 6.100 dólares. Para Blair, 6.100 dólares por um casaco, luvas e botas, e um *walkman* para suas caminhadas e, é claro, o último tipo, o mais elegante telefone celular do mercado — 6.100 dólares em presentes menores para um punhado escolhido de parentes distantes, a maior parte do lado de Nora — 6.100 dólares em cartões de Natal comprados numa papelaria perto do Chip's no Distrito, onde todos os preços eram o dobro de outros lugares; 6.100 dólares para a festa, uma reunião informal anual da véspera de Natal, na casa dos Krank.

E o que sobrou de tudo isso? Talvez um ou dois itens úteis. Nada mais — 6.100 dólares!

Luther somou o prejuízo com imensa satisfação, como se este tivesse recaído sobre outra pessoa. Todas as provas se encaixavam perfeitamente.

Ele contemporizou um pouco no fim, onde estavam os gastos com caridade. Doações para a igreja, para o abrigo dos sem-teto e para o banco de alimentos. Mas passou rapidamente por essa parte e voltou para a terrível conclusão: 6.100 dólares para o Natal!

— Nove por cento do meu salário bruto — ele disse, incrédulo. — Seis mil e cem. Em dinheiro. Tudo, menos seiscentos, não dedutíveis.

Chocado, Luther fez uma coisa que raramente fazia. Apanhou a garrafa de conhaque na gaveta da mesa e tomou alguns drinques.

Ele dormiu das três às seis, e voltou à vida ruidosamente durante o banho de chuveiro. Nora queria preparar café e mingau de aveia, mas ele não quis. Leu o jornal, riu dos quadrinhos, garantiu duas vezes a ela que Blair estava se divertindo a valer, então a beijou e correu para o escritório, um homem com uma missão.

A agência de viagens Ficava no térreo do prédio de Luther. Ele passava por ela pelo menos duas vezes por dia, raramente olhando para as vitrines que

ostentavam cartazes de praias e montanhas e barcos e pirâmides. Estavam lá para os que tinham a sorte de poder viajar. Luther nunca tinha entrado na agência. Na verdade, nunca pensava nela. Suas férias eram cinco dias na praia, no apartamento de um amigo, e com sua carga de trabalho, tinham sorte de conseguir esses dias.

Ele saiu do escritório logo depois das dez. Desceu a escada para não ter de explicar nada a ninguém e correu para a porta da Viagens Regência. Biff esperava por ele.

Biff tinha uma flor enorme no cabelo e um bronzeado brilhante, e parecia estar visitando a loja por algumas horas, entre as pragas. Seu sorriso bonito o encantou, e suas primeiras palavras o deixaram atônito.

— Você precisa de um cruzeiro — ela disse.

— Como você sabe? — ele conseguiu murmurar.

Ela estendeu a mão, segurou a dele, sacudiu e o levou para sua mesa comprida, fez com que ele se sentasse e assim também o fez na frente dele, no outro lado da mesa. Pernas longas e bronzeadas, Luther notou. Pernas de praia.

— Dezembro é a melhor época para um cruzeiro — ela começou, e Luther já estava convencido.

Os folhetos apareceram aos montes. Ela os desdobrava sobre a mesa, debaixo dos olhos sonhadores de Luther.

— Você trabalha no prédio? — ela perguntou, aproximando-se do assunto dinheiro.

— Wiley & Beck, sexto andar — Luther disse, sem tirar os olhos dos palácios flutuantes, das praias infindáveis.

— Avalista de Fianças?

Luther estremeceu de leve.

— Contabilista de imposto.

— Desculpe — ela disse. A pele pálida, os círculos dos olhos, a camisa social padrão, com uma péssima imitação da gravata dos cursos preparatórios. Ela devia saber. Ora, tudo bem. Apanhou folhetos mais sofisticados. — Acho

que não temos muitos clientes da sua firma.

— Não somos muito bons em férias. Trabalho demais. Eu gosto deste aqui.

— Grande escolha.

Ficaram com o *Princesa da Ilha,* um enorme navio, novo em folha, com acomodações para três mil pessoas, quatro piscinas, três cassinos, comida farta, oito escalas no Caribe, e a lista continuava e continuava. Luther saiu com uma pilha de folhetos e voltou para o escritório no sexto andar.

A armadilha foi planejada cuidadosamente. Primeiro, ele trabalhou até tarde, o que certamente não era incomum, mas, de qualquer modo, ajudou a preparar o palco para o começo da noite. Teve sorte, porque o tempo estava ainda péssimo. Era difícil entrar no espírito das festas quando o céu estava molhado e cinzento. E muito mais fácil sonhar com dez dias magníficos no sol.

Se Nora não estivesse preocupada com Blair, então ele começaria a campanha. Simplesmente mencionaria alguma má notícia sobre um vírus ou talvez sobre o massacre de uma aldeia colombiana e isso a prepararia para entrar no jogo. Mantenha a mente dela longe das alegrias do Natal. Não será o mesmo sem Blair, será?

Por que não fazemos uma coisa diferente este ano? Vamos nos esconder. Escapar. Fazer o que queremos.

Sem dúvida, Nora estava na selva. Ela o abraçou, sorriu, e tentou esconder o lato de que estivera chorando. Seu dia foi razoavelmente bom. Sobreviveu ao almoço das senhoras e passou duas horas na clínica infantil, parte da sua agenda de trabalho voluntário.

Enquanto ela esquentava o macarrão, ele pôs um CD de reggae no estéreo, mas não ligou o aparelho. O momento oportuno era crucial.

Conversaram sobre Blair, e não demorou para que Nora abrisse a guarda.

— Este Natal vai ser tão diferente, não vai, Luther?

— Sim, vai — ele disse tristemente, engolindo em seco. — Não será o mesmo.

— Pela primeira vez em vinte e três anos ela não estará aqui.

— Pode até ser deprimente. Há sempre muita depressão no Natal, você sabe. — Luther engoliu a comida rapidamente e ficou com o garfo parado no ar.

— Eu gostaria de esquecer tudo — ela disse, sua voz enfraquecendo no fim da frase.

Luther se encolheu um pouco e virou seu ouvido bom para ela.

— O que é? — ela perguntou.

— Bem! — ele disse dramaticamente, empurrando o prato. — Agora que você mencionou. Quero conversar sobre uma coisa com você.

— Termine seu macarrão.

— Já terminei — ele garantiu, levantando-se de um salto. Sua pasta estava ali perto e ele a apanhou.

— Luther, o que está fazendo?

— Espere um pouco.

Ele ficou no outro lado da mesa, de frente para ela, com os papéis na mão.

— Aqui está minha ideia — ele disse, com orgulho. — E é brilhante.

— Por que estou nervosa?

Ele abriu os papéis e começou a apontar.

— Aqui, minha querida, está o que fizemos no último Natal. Seis mil e cem dólares gastamos no Natal. Seis mil e cem dólares.

— Eu ouvi, na primeira vez.

— E temos quase nada para mostrar dessa despesa. A vasta maioria já desapareceu. Desperdiçada. E isso não inclui meu tempo, seu tempo, o tráfego, o estresse, a preocupação, as discussões, má vontade, perda de sono — todas as coisas maravilhosas que derramamos nas festas de fim de ano.

— Aonde você quer chegar?

— Obrigado por perguntar — Luther deixou as folhas de contabilidade e, rápido como um mágico, apresentou o *Princesa da Ilha* para a mulher. Os folhetos cobriram a mesa. — Onde quero chegar, minha querida? Quero chegar

ao Caribe. Dez dias de prazer total no *Princesa da Ilha*, o mais sofisticado navio de cruzeiro do mundo. Bahamas, Jamaica, Grande Caimã, opa, espere um pouco.

Luther correu para a saleta, ligou o botão do estéreo, esperou as primeiras notas, ajustou o volume e correu para a cozinha, onde Nora examinava um folheto.

— O que é essa música? — ela perguntou.

— Reggae, a coisa que eles ouvem nas ilhas. Mas onde eu estava?

— Você estava pulando de ilha para ilha.

— Certo. Vamos mergulhar com *snorkel* na Grande Caimã, fazer *windsurf* na Jamaica, deitar nas praias. Dez dias, Nora. Dez fabulosos dias.

— Vou ter de perder alguns quilos.

— Nós dois faremos dieta. O que você diz?

— Qual é a ideia?

— A ideia é muito simples. Não fazemos Natal. Economizamos o dinheiro, gastaremos conosco, para variar. Nem um centavo com comida que não comemos ou com roupas que não usamos ou presentes que ninguém precisa. Nem um centavo. E um boicote, Nora, um completo boicote ao Natal.

— Parece horrível.

— Não, é maravilhoso. E é só por um ano. Vamos aproveitar, Blair não está aqui. Ela voltará no próximo ano e podemos voltar ao caos do Natal, se é isso que você quer. Vamos, Nora, por favor. Vamos pular o Natal, guardar o dinheiro e iremos mergulhar nas águas do Caribe por dez dias.

— Quanto vai custar?

— Três mil dólares.

— Então estaremos economizando?

— Perfeitamente.

— Quando partimos?

— Ao meio-dia. No dia de Natal.

Olharam um para o outro por um longo tempo.

O acordo foi fechado na cama, com a televisão ligada, mas sem som, com revistas espalhadas sobre os lençóis, nenhuma delas lida, com os folhetos não muito longe, na mesa-de-cabeceira. Luther estava lendo um jornal financeiro, mas vendo muito pouco. Nora tinha um livro, mas não virava as páginas.

O único ponto contrário foram as doações de caridade. Ela simplesmente se recusava a passar sem elas, ou "pular", como Luther insistia em dizer. Ela concordou com relutância em não comprar presentes. Chorou também à ideia de não armar a árvore, embora Luther impiedosamente tivesse chamado a atenção para o fato de que eles sempre brigavam quando decoravam a maldita árvore. E nada de homem de neve no telhado, já que todas as casas da rua teriam um. O que os levou ao assunto do ridículo público. Seriam escarnecidos por ignorar o Natal?

E se fossem? Luther argumentou uma e muitas vezes. Seus amigos e vizinhos podiam desaprovar no começo, mas secretamente estavam se moendo de inveja. Dez dias no Caribe, Nora, ele repetia. Seus amigos e vizinhos não iam dar risada quando estivessem tirando a neve da frente da casa. Nada de pouco-caso quando estivermos nos torrando no sol e eles presos ao peru e recheios. Nenhum sorriso de desprezo quando voltarmos magros, bronzeados e completamente sem medo de ir à caixa do correio.

Nora poucas vezes o vira tão decidido. Ele destruía metodicamente todos seus argumentos, um a um, até restar somente o assunto doações de caridade.

— Você vai deixar uma miséria de seiscentos dólares ficar entre nós e o cruzeiro ao Caribe? — Luther perguntou com sarcasmo.

— Não, você vai — ela respondeu, friamente.

E, com isso, cada um foi para seu canto do ringue e tentou ler.

Mas depois de uma hora de silêncio tenso, Luther chutou as cobertas, tirou as meias de lã e disse:

— Tudo bem. Vamos gastar o mesmo que o ano passado nas doações, mas nem um centavo a mais.

Ela jogou para longe o livro e abraçou o pescoço dele. Abraçaram-se,

beijaram-se e então ela apanhou os folhetos de viagem.

Três

Embora o plano fosse de Luther, Nora foi a primeira a ser testada. O telefonema do homem irritante de quem ela não gostava muito chegou na terça-feira. O nome dele era Aubie, e era dono da loja Semente de Abóbora, uma pequena, e pomposa papelaria com um nome idiota e preços absurdos.

Depois das formalidades de praxe, Aubie foi direto ao assunto.

— Estou um pouco preocupado com seus cartões de Natal, senhora Krank — ele disse, tentando parecer mesmo profundamente preocupado.

— Por que está preocupado? — Nora perguntou. Ela não gostava de ser perseguida por um dono de loja ranzinza, que mal falava com ela no resto do ano.

— Oh, bem, a senhora sempre escolhe os cartões mais bonitos, senhora Krank, e precisamos fazer o pedido agora. — Ele não era muito bom com elogios. Todos os fregueses ouviam a mesma coisa.

De acordo com a auditoria de Luther, a Semente de Abóbora tinha recebido 318 dólares dos Krank pelos cartões no último Natal e, no momento, isso parecia um tanto extravagante. Não era uma grande quantia, mas o que tinham ganho com isso? Luther recusava terminantemente ajudar a endereçar e a selar os envelopes, e ele ficava irritado sempre que Nora lhe perguntava se o nome de alguém devia ser adicionado ou retirado da lista. Recusava também olhar para os cartões que recebiam, e Nora tinha de admitir que cada vez tinha menos prazer em recebê-los.

Por isso, ela se encheu de coragem e disse:

— Não vamos encomendar cartões este ano.

Quase podia ouvir Luther aplaudindo.

— Como disse?

— Você ouviu.

— Posso perguntar por quê?

— Não, não pede.

Sem resposta, Aubie gaguejou alguma coisa e desligou. Por um momento Nora se sentiu extremamente orgulhosa. Mas esse sentimento diminuiu um pouco quando pensou nas perguntas que iria provocar. Sua irmã, a mulher do seu ministro, amigas do grupo literário, sua tia no conjunto dos aposentados — todos perguntariam cedo ou tarde o que tinha acontecido com seus cartões de Natal.

Perdidos no correio? Lembrados tarde demais?

Não. Ela diria a verdade. Nada de Natal para nós este ano. Blair viajou e vamos fazer um cruzeiro. E se você sentiu tanta falta dos cartões, posso mandar dois, no próximo ano.

Reanimando-se com outra xícara de café, Nora se perguntava quantos deles notariam a falta dos cartões. Ela recebia algumas dúzias a cada ano — um número cada vez menor, tinha de admitir — e anotava quem se importava ou não. No torvelinho do Natal, quem realmente tinha tempo para se incomodar com um cartão que não chegou?

O que a fez lembrar-se de outra das queixas de Luther sobre as festas de fim de ano — a caixa de emergência. Nora tinha um suprimento extra para responder imediatamente a um cartão inesperado. Todos os anos, ela recebia dois ou três de completos estranhos e alguns de pessoas que nunca haviam mandado cartões. No intervalo de vinte e quatro horas, ela enviava a resposta dos Krank, sempre com sua nota escrita à mão desejando “que a alegria e a paz esteja com você”.

Claro que era tolice.

Nora resolveu que não sentiria falta de todo aquele ritual dos cartões de Natal. Não sentiria falta do tédio de escrever todas aquelas pequenas mensagens, endereçando à mão cento e poucos envelopes, selando, levando ao correio e ficando preocupada com alguém de que tivesse se esquecido. Não sentiria falta do quanto eles adicionavam ao peso da correspondência e dos envelopes abertos apressadamente, e dos votos padronizados de pessoas tão apressadas quanto ela mesma.

Livre dos cartões de Natal, Nora telefonou para Luther à procura de algum apoio. Ele estava sentado à sua mesa. Ela contou a conversa com Aubie.

Aquele vermezinho, Luther pensou.

— Meus parabéns — disse, quando ela terminou.

— Não foi nada difícil — ela se gabou.

— Pense em todas aquelas praias, querida, esperando por nós.

— O que você comeu? — ela perguntou.

— Nada. Estou ainda nas trezentas calorias.

— Eu também.

Luther desligou e voltou ao trabalho. Não estava lidando com números, à volta com as regras do imposto de renda, como de costume, e sim escrevendo uma carta aos seus colegas. Sua primeira carta de Natal. Nela, Luther explicava ao escritório, com arte e cuidado, por que não participaria dos rituais das festas, e acrescentou: "Gostaria que me deixassem em paz.” Não ia comprar presentes e não aceitaria nenhum. De qualquer modo, obrigado. Não compareceria vestido a rigor ao jantar de Natal da firma, nem à bebedeira que chamavam de festa do escritório. Não queria o conhaque e o presunto que certos clientes davam aos membros importantes da firma todos os anos. Não estava zangado e não ia gritar "bobagem” a quem lhe desejasse Feliz Natal.

Ele estava simplesmente pulando o Natal. E, em vez do Natal, ia fazer um cruzeiro.

Passou quase toda a manhã quieto escrevendo a carta, datilografada por ele mesmo. Deixaria uma cópia em cada mesa da Wiley & Beck.

A seriedade do plano os atingiu com força no dia seguinte, logo depois do jantar. Era completamente possível passar o Natal sem cartões, festas ou jantares, sem presentes inúteis, sem uma porção de coisas que, por algum motivo, tinham sido acrescentadas ao nascimento de Cristo. Mas como era possível passar as festas sem uma árvore?

"Esqueça a árvore”, e Luther sabia que conseguiriam esquecer o resto.

Estavam tirando a mesa, embora houvesse muito pouco para se tirar. Galinha assada e ricota eram fáceis de limpar, e Luther estava ainda com fome quando a campainha tocou.

— Eu atendo — ele disse.

Pela janela da frente da sala de estar, ele viu o reboque na rua e soube imediatamente que os próximos quinze minutos não seriam agradáveis. Abriu a porta e viu três rostos sorridentes — dois garotos com uniforme de gala de escoteiros e atrás deles o senhor Scanlon, o chefe permanente dos escoteiros do bairro. Ele também estava de uniforme.

— Boa noite — Luther disse para os garotos.

— Olá, senhor Krank. Sou Randy Bogan — disse o mais alto dos dois. — Estamos vendendo árvores de Natal outra vez este ano.

— A sua está no trailer — disse o mais baixo.

— O senhor ficou com um abeto canadense, no ano passado — o senhor Scanlon disse.

Luther olhou para o reboque longo com duas pilhas de árvores. Um pequeno exército de escoteiros as estava levando para os vizinhos de Luther.

— Quanto é? — Luther perguntou.

— Noventa dólares — respondeu Randy. — Tivemos de aumentar um pouco o preço, porque nosso fornecedor aumentou também.

Oitenta, no ano passado, Luther quase disse, mas resolveu ficar calado.

Nora apareceu do nada e de repente estava com o queixo no seu ombro.

— São umas gracinhas — ela murmurou.

Os garotos ou as árvores?, Luther quase perguntou. Por que ela não podia ficar na cozinha e deixar que ele resolvesse o caso?

Com um grande sorriso forçado, Luther disse:

— Lamento, mas não vamos comprar este ano.

Caras de quem não entende. Caras intrigadas.

Caras tristes. Um gemido acima do seu ombro, quando a dor atingiu Nora. Olhando para os garotos, com a mulher literalmente respirando no seu pescoço, Luther Krank sabia que aquele era o momento decisivo. Se você ceder agora, as comportas se abrirão. Compre uma árvore, decore-a, e então vai compreender que nenhuma árvore de Natal parece completa sem uma pilha de presentes debaixo dela.

Fique firme, meu velho, Luther pensou, no exato momento em que sua mulher murmurou “Oh, meu Deus.”

— Fique quieta — ele sibilou com o canto da boca.

Os garotos olharam para o senhor Krank, como se ele acabasse de tirar as últimas moedas dos seus bolsos.

— Lamento precisar aumentar o preço — Randy disse, tristemente.

— Estamos ganhando menos por cada árvore do que no ano passado — o senhor Scanlon acrescentou, esperançoso.

— Não é o preço, meninos — Luther disse, com outro sorriso forçado. — Não vamos fazer Natal este ano, vamos estar fora da cidade. Não precisamos de uma árvore. De qualquer modo, obrigado.

Os garotos começaram a olhar para os pés, como fazem as crianças magoadas, e o senhor Scanlon parecia inconsolável. Nora ofereceu outro gemido doloroso e Luther, quase em pânico, teve uma ideia brilhante.

— Vocês vão para o Oeste todos os anos para uma espécie de acampamento escoteiro? Novo México, em agosto, acho que me lembro de ter lido num folheto.

Apanhados de surpresa, os três, mesmo assim, balançaram a cabeça, assentindo.

— Ótimo, vamos fazer um negócio. Não compro a árvore, mas vocês voltam no verão e eu dou cem dólares para sua viagem.

— Obrigado — Randy Bogan conseguiu dizer, mas só porque se sentiu forçado a isso. De repente, eles só queriam ir embora.

Luther fechou a porta devagar e esperou. Eles ficaram mais alguns momentos na frente da casa, depois se afastaram, olhando para trás.

Quando chegaram ao reboque, contaram a notícia espantosa para outro adulto de uniforme. Outros ouviram, e não demorou para que a atividade em volta do reboque cessasse e os escoteiros e seus líderes ficassem parados olhando para a casa dos Krank como se estivessem vendo extraterrestres no telhado.

Luther agachou-se e espiou da janela da sala de estar, onde a cortina estava aberta.

— O que eles estão fazendo? — Nora murmurou, agachada também atrás dele.

— Estão só lá parados, eu acho.

— Quem sabe se não seria melhor ter comprado uma árvore.

— Não.

— Não precisa armar, você sabe.

— Quieta.

— Podíamos deixar no quintal.

— Pare com isso, Nora. Por que está falando baixo? Esta é a nossa casa.

— Pelo mesmo motivo que você está se escondendo atrás da cortina.

Ele endireitou o corpo e fechou a cortina. Os escoteiros se mexeram, afinal, com o reboque seguindo devagar à medida que as árvores eram entregues na rua Hemlock.

Luther acendeu o fogo na lareira e sentou-se na cadeira reclinável para uma leitura sobre impostos. Ele estava sozinho, porque Nora ficara emburrada, uma coisa passageira que desapareceria na manhã seguinte.

Se teve coragem de enfrentar os escoteiros, então quem mais devia temer? Outras situações iguais sem dúvida apareceriam, e era por isso que Luther não gostava do Natal. Todo mundo vendendo alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. Conseguiu ficar indignado outra fez e sentiu-se bem.

Saiu de casa uma hora depois. Na calçada da rua Hemlock, ele caminhou sem destino. O ar estava frio e leve. Depois de alguns passos, parou na frente da caixa do correio dos Becker e olhou para a janela da sala de estar, não muito

longe do portão. Estavam decorando a árvore, e ele quase podia ouvir as discussões. Ned Becker, equilibrando-se no último degrau de uma pequena escada, estendia a fileira de luzes, enquanto Jude Becker, recuando um passo, dava as ordens. A mãe de Jude, uma mulher maravilhosamente bem conservada, muito mais terrível do que a própria Jude, também estava no páreo. Dava ordens para o pobre Ned, todas em conflito com as ordens da filha. Passe o fio daqui, passe dali. Aquele galho, não, o outro. Não está vendo a falha ali? Para onde você está olhando? Enquanto isso, Rocky Becker, vinte e três anos, que tinha abandonado os estudos, sentado no sofá com uma lata de alguma coisa na mão, ria e oferecia conselhos que aparentemente eram ignorados. Mas ele era o único que estava rindo.

A cena fez Luther sorrir. Reforçava sua sábia decisão, o deixava orgulhoso de ter resolvido simplesmente evitar toda a confusão.

Continuou a andar, enchendo os pulmões com o ar frio, feliz porque pela primeira vez na vida eliminava o temido ritual da decoração da árvore. Duas casas adiante parou para olhar o assalto do clã dos Frohmeyer a um abeto de dois metros e meio de altura. O senhor Frohmeyer levara dois filhos para esse casamento. A senhora Frohmeyer levara três e, depois disso, produziram outro, completando seis, o mais velho não tinha mais de doze anos. Toda a ninhada dependurava ornamentos e ouropéis. Em determinado momento, sempre em dezembro, Luther ouvia as mulheres comentando como a árvore dos Frohmeyer era horrível. Como se ele se importasse.

Horrível ou não, certamente estavam se divertindo a valer, com as decorações vulgares. Frohmeyer fazia pesquisa na universidade por 110 mil dólares por ano, era o que diziam, mas com seis filhos não tinham muito o que mostrar desse dinheiro. Sua árvore seria a última a ser desarmada depois do Ano-Novo.

Luther virou e voltou para casa. Na casa dos Becker, Ned estava no sofá com uma bolsa de gelo no ombro, Jude censurando-o, com o dedo em riste. A escada estava de lado, sendo examinada pela sogra de Becker. Fosse qual fosse a causa da queda, sem dúvida o pobre Ned levaria toda a culpa.

Formidável, Luther pensou. Agora vou ter de ouvir os detalhes de outro desastre durante meses. Pensando bem, Ned Becker já tinha caído da escada antes, uns cinco ou seis anos atrás. Caiu em cima da árvore e derrubou tudo. Quebrou os ornamentos preferidos de Jude. Ela Ficou emburrada durante um

ano.

Que loucura, Luther pensou.

Quatro

Nora e duas amigas acabavam de conseguir uma mesa na sua delicatessen favorita, um posto que ainda vendia gasolina, mas havia acrescentado sanduíches de grife e café com leite a três dólares cada xícara. Como sempre, estava cheio ao meio-dia, e as longas filas atraíam mais gente ainda.

Era um almoço de trabalho. Candi e Merry eram os outros membros de um comitê que supervisionava um leilão para o museu. Em volta de muitas das outras mesas, outras encarregadas de levantar fundos iam conseguindo lugar com grande dificuldade

O celular de Nora tocou. Ela pediu desculpas por ter esquecido de desligá-lo, mas Merry insistiu para que ela o atendesse. Celulares tocavam por toda *delicatessen*.

Era Aubie outra vez, e, a princípio, ela estranhou que ele tivesse o número do seu celular, mas então lembrou-se de que dava o número para todo mundo.

— É Aubie, da Semente de Abóbora — ela explicou para Candi e Merry, incluindo-as na conversa.

As duas assentiram, desinteressadas. Suposta-mente todos conheciam Aubie da Semente de Abóbora. Seus preços eram os mais altos do mundo, portanto, se você comprasse lá teria sempre o melhor em artigos de papelaria.

— Esquecemos de tratar dos seus convites para a festa — Aubie disse, e Nora gelou, ela também tinha esquecido os convites, e certamente não queria falar nisso na frente de Candi e Merry.

— Oh, sim — disse. Merry estava conversando com uma voluntária na mesa próxima. Candi examinava a sala para ver quem não estava presente.

— Também não vamos precisar — Nora disse.

— Não vão dar a festa? — Aubie perguntou, a voz pesada de curiosidade.

— Isso mesmo, nada de festa este ano.

— Bem, eu...

— Obrigada por telefonar, Aubie — ela disse, suave e rapidamente, e fechou o celular.

— Não vai precisar do quê? — Merry perguntou, interrompendo de repente a conversa e virando-se para Nora.

— Nada de festa este ano? — Candi perguntou. Seus olhos eram como radares fixos nos de Nora. — O que está acontecendo?

Cerre os dentes, Nora pensou. Pense nas praias, na água salgada e quente, nos dez dias no paraíso.

— Oh, isso — ela disse. — Vamos fazer um cruzeiro este ano em vez de comemorar o Natal. Blair não está em casa, vocês sabem, precisamos de um descanso.

O restaurante ficou quieto de repente. Ou pelo menos foi o que pareceu para Nora. Candi e Merry pensaram na notícia com os cenhos franzidos. Nora, com as palavras de Luther nos ouvidos, posicionou-se na ofensiva.

— Dez dias no *Princesa da Ilha*, um navio luxuoso. Bahamas, Jamaica, Grande Caimã. Eu já perdi um quilo — ela disse, com alegre superioridade.

— Não vão comemorar o Natal? — Merry perguntou, incrédula.

— Foi o que eu disse — Nora respondeu.

Merry era rápida em seus julgamentos, e há anos Nora tinha aprendido a responder-lhe à altura. Ficou tensa, pronta para uma palavra áspera.

— Como simplesmente não vão comemorar o Natal? — Merry perguntou.

— A gente só “pula” o Natal — Nora respondeu, como se isso explicasse tudo.

— Parece maravilhoso — Candi disse.

— Então, o que fazemos na véspera de Natal? — Merry perguntou.

— Vocês têm de pensar em alguma coisa — Nora respondeu. — Há outras festas.

— Mas nenhuma como a sua.

— É bondade sua.

— Quando vão partir? — Candi perguntou, sonhando agora com praias sem sogros amontoados em sua casa durante uma semana.

— No dia de Natal. Mais ou menos ao meio-dia.

Era um momento estranho para partir, ela pensara depois que Luther fez as reservas para o cruzeiro. Se não vamos comemorar o Natal, querido, ela tinha dito, por que não sair alguns dias antes? Evitar a véspera de Natal, já que estamos resolvidos. Eliminar toda a confusão maluca. “E se Blair telefonar na véspera de Natal?”, ele perguntou. Além disso, Biff conseguia um desconto de 399 dólares no pacote, porque poucas pessoas viajam no dia vinte e cinco de dezembro. De qualquer modo, estava reservado e pago, e nada ia mudar isso.

— Então, por que não dar a festa da véspera de Natal? — Merry perguntou, insistindo, temendo ser obrigada a dar uma festa no lugar da de Nora.

— Porque não queremos, Merry. Vamos ter um descanso, tudo bem? Uma folga este ano. Sem nenhum Natal. Nada. Nem árvore, nem peru, nem presentes. Vamos pegar o dinheiro e gastar tudo num cruzeiro. Entendeu?

— Eu entendo — Candi disse. — Gostaria que Norman fizesse alguma coisa parecida. Mas ele nem pensaria nisso, com medo de perder uns vinte ou mais jogos do campeonato. Estou com tanta inveja, Nora.

E, com isso, Merry deu uma mordida no seu sanduíche de abacate. Mastigou e começou a olhar outra vez em volta. Nora sabia exatamente o que ela estava pensando. Para quem vou contar primeiro? Os Krank vão “pular” o Natal. Nada de festa! Nada de árvore! Nada, a não ser dinheiro no bolso para gastar todo num cruzeiro.

Nora comeu também, sabendo que, assim que saísse dali, as fofocas iam ferver em todo o restaurante, e antes do jantar todos do seu mundo estariam sabendo. E daí? ela pensou. Era inevitável, e por que parecia tão importante? A metade estaria no campo de Candi, queimando de inveja e sonhando com Nora. Metade estaria com Merry, aparentemente chocada com a ideia de simplesmente

eliminar o Natal, mas mesmo nesse grupo de críticos Nora suspeitava que muitos invejavam secretamente seu cruzeiro.

E dali a três meses quem se importaria?

Depois de algumas mordidas, elas puseram os sanduíches de lado e tiraram os papéis das pastas. Nem mais uma palavra foi dita sobre o Natal, pelo menos não na presença de Nora. No carro, indo para casa, ela telefonou para Luther a fim de contar sua última vitória.

Luther estava entusiasmado. Sua secretária, uma mulher de cinquenta anos, três vezes divorciada, chamada Dox, gracejou, dizendo que teria de comprar ela mesma seu perfume barato, já que o Papai Noel não iria aparecer nesse ano. Ele foi chamado de Scrooge [avarento] duas vezes, e de cada vez o nome foi seguido por risadas. Muito original, Luther pensou.

Quase no fim da manhã, Yank Slader entrou intempestivamente no escritório de Luther, como se perseguido por clientes furiosos. Olhando primeiro para os dois lados do corredor, ele fechou a porta e sentou-se.

— Você é um gênio, meu velho — ele disse, quase num sussurro.

Yank era especialista em amortizações, tinha medo da própria sombra, amava dias de dezoito horas, porque sua mulher era briguenta.

— É claro que sou — Luther disse.

— Fui para casa tarde, a noite passada, esperei minha mulher ir para a cama e fiz o mesmo que você. Verifiquei os números, os talões de cheques, tudo, cheguei a quase sete mil. Qual foi o seu prejuízo?

— Um pouco mais de seis mil.

— Incrível, e nem uma porcaria sobrando de toda essa despesa. Me deixa nauseado.

— Faça um cruzeiro — Luther disse, sabendo muito bem que a mulher de Yank jamais concordaria com tamanha bobagem. Para ela, as festas de fim de ano começavam no fim de outubro e iam ganhando força até o *big bang*, a maratona de dez horas no dia de Natal, com quatro refeições e uma casa cheia.

— Faça um cruzeiro — Yank resmungou, irônico. — Não posso imaginar nada pior. Enfiado num navio durante dez dias com Abigail. Eu me atiraria ao

mar.

“E ninguém o culparia por isso” — Luther pensou.

— Sete mil mangos — Yank repetiu para si mesmo.

— Ridículo, não é? — Luther disse, e por um momento os dois contabilistas lamentaram em silêncio o desperdício de dinheiro ganho com tanta dificuldade.

— Seu primeiro cruzeiro? — Yank perguntou.

— Sim.

— Nunca fiz um. Imagino se eles têm solteiros a bordo?

— Tenho certeza que sim. Não exigem que você leve uma companhia. Pensando em ir sozinho, Yank?

— Não pensando, Luther, sonhando.

Ele pareceu distante, uma sugestão de esperança nos olhos, de divertimento, de algo que Luther nunca tinha visto nele. Saiu da sala por um instante, seus pensamentos correndo soltos pelo Caribe: tão maravilhosamente sozinho, sem Abigail.

Luther Ficou quieto, enquanto Yank sonhava, mas o sonho logo ficou um pouco embaraçoso. Felizmente o telefone tocou e Yank voltou ao mundo real de tabelas de amortização e uma mulher briguenta. Levantou-se, e parecia que ia sair sem uma palavra. Porém, na porta, ele disse:

— Você é o meu herói, Luther.

Vic Frohmeyer ouviu a novidade do senhor Scanlon, o chefe de escoteiros, da sobrinha da sua mulher, que dividia um quarto com a moça que trabalhava para Aubie na Semente de Abóbora, e de uma colega da universidade, cujo irmão dava seu imposto de renda para alguém fazer na Wiley & Beck. Três fontes diferentes, e tinha de ser verdade. Krank podia fazer o que ele bem quisesse, mas Vic e o resto de Hemlock não iam aceitar passivamente.

Frohmeyer era o guarda não-eleito de Hemlock. Seu emprego confortável na universidade dava tempo para outras atividades, e sua vasta energia o mantinha na rua organizando todo o tipo de atividades. Com seis filhos, sua casa era o

lugar preferido e indiscutível de reuniões. As portas estavam sempre abertas, um jogo sempre em andamento. Como resultado, seu gramado parecia meio maltratado, embora ele trabalhasse com afinco nos canteiros de flores.

Era Frohmeyer quem levava os candidatos para Hemlock, para um churrasco no seu quintal e para suas promessas de campanha. Era Frohmeyer quem circulava as petições, indo de porta em porta, intensificando o pedido contra a anexação ou a favor de bolsas escolares, ou contra uma nova estrada de quatro pistas a quilômetros de distância, ou a favor de uma nova rede de esgotos. Era Frohmeyer quem telefonava para o Departamento de Saneamento, quando o lixo de um vizinho não era apanhado, porque se era Frohmeyer quem reclamava, o problema era logo resolvido. Um cão perdido, um de outra rua, um telefonema de Vic Frohmeyer e o Controle dos Animais chegava imediatamente. Uma criança perdida, um adolescente com cabelo comprido e tatuagens e o jeito de delinquente, e Frohmeyer teria a polícia interpelando-o e fazendo perguntas.

Uma passagem pelo hospital em Hemlock e os Frohmeyer arranjavam visitas e comida, e até quem cuidasse do gramado. Uma morte em Hemlock, e eles organizavam flores para o funeral e visitas ao cemitério. Um vizinho que precisasse podia chamar os Frohmeyer para qualquer coisa.

Os Frosty, homens de neve, foram ideia de Vic, embora ele os tivesse visto num subúrbio em Evanston e por isso não pudesse levar todo o crédito. O mesmo homem de neve em cada telhado de Hemlock, um Frosty de dois metros e meio com um sorriso inocente, um cachimbo de espiga de milho e uma cartola negra e as camadas de gordura em volta do corpo, tudo iluminado brilhantemente por uma lâmpada de duzentos watts numa cavidade em algum lugar da barriga do homem de neve. Os Frosty de Hemlock tinham aparecido pela primeira vez há seis anos e fizeram enorme sucesso — vinte e uma casas de um lado, vinte e uma do outro, a rua ladeada por duas fileiras perfeitas de homens de neve, de dois metros e meio de altura. Uma foto colorida com uma história interessante apareceu na primeira página. Equipes de dois noticiários de televisão tinham feito a cobertura, ao vivo!

No ano seguinte, a rua Stanton, ao sul, e a rua Ackerman, ao norte, apareceram com a rena Rodolfo e sinos de prata, respectivamente, e um comitê de Parques e Recreação, por sugestão velada de Frohmeyer, começou a dar prêmios para as decorações de Natal dos bairros.

Dois anos antes houve um desastre quando uma tempestade de vento levou

quase todos os Frosty para os arredores. Frohmeyer, porém, reuniu os vizinhos e no ano anterior uma versão nova, um pouco menor do homem de neve, decorava Hemlock. Apenas duas casas não participaram.

A cada ano, Frohmeyer decidia a data em que os homens de neve deveriam ser ressuscitados, e depois de ouvir os rumores sobre Krank e seu cruzeiro resolveu fazer isso imediatamente. Depois do jantar, escreveu um curto memorando para seus vizinhos, uma coisa que ele fazia duas vezes por mês, imprimiu quarenta e uma cópias e despachou seus seis filhos para entregá-las em todas as casas de Hemlock. O memorando dizia: “Vizinho — Amanhã o tempo deverá estar claro. Uma ótima oportunidade para trazer o homem de neve de volta à vida. Telefone para Marty, Judd ou para mim se precisar de ajuda — Vic Frohmeyer.”

Luther recebeu o memorando de um garoto sorridente.

— Quem é? — Nora perguntou, da cozinha.

— Frohmeyer.

— O que ele quer?

O homem de neve. Ela foi vagarosamente para a sala de estar, onde Luther segurava o memorando como se fosse uma intimação para servir como jurado. Trocaram um olhar cheio de medo e Luther balançou a cabeça.

— Você tem de fazer — ela disse.

— Não, não tenho — ele respondeu, muito firme, mais zangado a cada palavra. — Claro que não tenho. Não é Vic Frohmeyer quem vai me dizer que preciso decorar minha casa para o Natal.

— E só um homem de neve.

— Não, é muito mais do que isso.

— O quê?

— E o princípio da coisa, Nora. Não compreende? Podemos esquecer o Natal se quisermos, que diabo, e...

— Não pragueje, Luther.

— E ninguém, nem mesmo Vic Frohmeyer, pode nos impedir. — E mais

alto: — Não serei forçado a fazer isto! — Apontava para o teto com uma das mãos e sacudia o memorando na outra. Nora voltou para a cozinha.

Cinco

O homem de neve de Hemlock era feito em quatro partes — uma base larga e redonda, uma bola de neve um pouco menor, que se encaixava na base, então o tronco, a cabeça com o rosto e o chapéu. Cada parte podia ser guardada dentro da maior, de modo que não era difícil ter lugar para guardar durante onze meses. Ao preço de 82,99 dólares, mais expedição, todos acondicionavam com cuidado seus homens de neve.

E os desembrulhavam com grande alegria. Durante toda aquela tarde, partes dos homens de neve começaram a aparecer em muitas garagens de Hemlock, onde eram espanados e examinados para ver se todas as partes estavam em ordem. Então eram armados, exatamente como um homem de neve de verdade, uma parte em cima da outra, até chegarem a dois metros de altura e estarem prontos para o telhado.

A instalação não era simples. Era preciso uma escada e uma corda, além da ajuda de um vizinho. Primeiro, era preciso subir no telhado com uma corda em volta da cintura. Então, o homem de neve, feito de plástico e pesando cerca de vinte quilos, era erguido, com muito cuidado para não ser arranhado pelas telhas. Quando o Frosty chegava ao alto, era amarrado na chaminé com uma tira de lona inventada por Vic Frohmeyer. Uma lâmpada de duzentos watts era atarraxada nele e uma extensão ficava dependurada no lado de trás do telhado.

Wes Trogdon era um corretor de seguros que telefonou para o escritório dizendo que estava doente para surpreender os filhos, e foi o primeiro a instalar o homem de neve. Ele e a mulher, Trish, lavaram o seu Frosty logo depois do almoço, sob a atenta supervisão dela. Wes subiu no telhado e o ajeitou e ajustou até terminar o trabalho.

A doze metros de altura, com uma vista esplêndida, ele olhou para um lado e para o outro da Hamlock e ficou feliz por ter passado na frente de todos, até de

Frohmeyer.

Enquanto Trish preparava chocolate quente, Wes começou a levar caixas de luzes do porão para a frente da casa, onde verificou os circuitos. Ninguém em Hemlock tinha mais luzes do que os Trogdon. Estendiam fios com luzes no quintal, enrolavam nos arbustos, nas árvores, delineavam a casa, adornavam as janelas — mil e quatrocentas luzes no ano anterior.

Frohmeyer saiu mais cedo da universidade para supervisionar as coisas em Hemlock e ficou muito satisfeito com a atividade que encontrou. Por um momento ficou enciumado porque Trogdon passou na sua frente, mas que importância tinha isso? Logo estavam os dois na entrada da casa da senhora Mulholand, uma bonita viúva que já estava fazendo os biscoitos de Natal. Seu Frosty foi para o telhado rapidamente, seus biscoitos foram devorados, e eles saíram à procura de mais alguém para ajudar. Garotos se juntaram a eles, incluindo Spike Frohmeyer, de doze anos, com o mesmo dom do pai para a organização e o ativismo comunitários, e foram de porta em porta no fim da tarde, apressando-se antes que a noite os obrigasse a trabalhar mais devagar.

Na casa dos Krank, Spike tocou a campainha, mas ninguém atendeu. O Lexus do senhor Krank não estava, o que não era comum às cinco horas da tarde. Mas o Audi da senhora Krank estava na garagem, sinal certo de que ela estava em casa. As cortinas e as persianas estavam fechadas. Mas ninguém atendeu a porta e o grupo foi para a casa dos Becker, onde Ned lavava seu homem de neve, com a sogra gritando instruções dos degraus da frente.

— Estão indo embora — Nora murmurou, no telefone do quarto.

— Por que você está falando tão baixo? — Luther perguntou, agitado.

— Porque não quero que me ouçam.

— Quem são?

— Vic Frohmeyer, Wes Trogdon, parece que aquele cara, Brixley, do outro lado da rua, alguns garotos.

— Um bando de malfeitores, hein?

— Mais como uma gangue de rua. Estão na casa dos Becker agora.

— Que Deus os ajude.

— Onde está o Frosty? — ela perguntou.

— No lugar que está desde janeiro. Por quê?

— Bem, eu não sei.

— Isso é cômico, Nora. Você está sussurrando no telefone, numa casa fechada, porque seus vizinhos estão indo de porta em porta para ajudar outros a armar um ridículo homem de neve de plástico de dois metros que, a propósito, não tem nada a ver com o Natal. Já pensou nisso, Nora?

— Não.

— Nós votamos em Rodolfo, lembra?

— Não.

— É cômico.

— Não estou rindo.

— O homem de neve vai tirar uma folga este ano, certo? A resposta é não.

Luther desligou o telefone e tentou se concentrar no trabalho. Depois que escureceu, ele foi para casa devagar, o caminho todo dizendo a si mesmo que era tolice se preocupar com coisas tão triviais como instalar um homem de neve no telhado. E durante o tempo todo pensava em Walt Scheel.

— Vamos, Scheel — ele murmurou. — Não me desaponte.

Walt Scheel era seu rival em Hemlock, um rabugento que morava no outro lado da rua, bem em frente à sua casa. Dois filhos formados, a mulher lutando contra um câncer de mama, um emprego misterioso em um conglomerado belga, uma renda que parecia ser das mais altas de Hemlock — porém, independente do que ganhava, Scheel e a mulher esperavam que os vizinhos pensassem que tinham muito mais. Luther comprou um Lexus, Scheel tinha de ter um também. Bellington construiu uma piscina, Scheel, de repente, precisava nadar no quintal, ordens do médico. Sue Kropp, no lado leste, reformou a cozinha com aparelhos de grife — 8 mil dólares — e Bev Scheel gastou 9 mil, seis meses depois.

Uma péssima cozinheira, a comida feita por Bev Ficou pior depois da reforma, segundo testemunhas.

A arrogância porém tinha acabado de repente há dezoito meses com o

câncer de mama. Foi uma tremenda humilhação para os Scheel. Estar à frente dos vizinhos não importava mais. As coisas eram inúteis. Suportaram a doença com discreta dignidade, e, como sempre, Hemlock a suportou como uma família. Um ano depois da primeira quimioterapia, o conglomerado belga sofreu uma reforma. Fosse qual fosse o cargo de Walt, agora era menos importante.

No Natal do ano anterior, os Scheel estavam por demais chocados para decorar a casa. Nada de homem de neve para eles, uma árvore pequena. Apenas algumas luzes na janela da frente, quase uma lembrança tardia.

Um ano antes, duas casas em Hemlock ficaram sem o homem de neve — a dos Scheel e uma na extremidade leste, de um casal de paquistaneses que morou ali três meses apenas. A casa estava à venda, e Frohmeyer tinha pensado em encomendar outro homem de neve e organizar um mutirão noturno para instalá-lo no telhado.

— Ora vamos, Scheel — Luther murmurou, seguindo o tráfego. — Deixe seu homem de neve no porão.

A ideia do homem de neve foi interessante anos atrás, quando proposta por Frohmeyer. Agora, era tediosa. Mas Luther tinha de confessar, certamente não tediosa para os garotos da Hemlock. Ele ficara secretamente feliz dois anos antes, quando as rajadas de vento esvaziaram os telhados e espalharam os homens de neve por metade da cidade.

Entrou com o carro na Hemlock, e até onde podia ver a rua estava ladeada por homens de neve idênticos, como sentinelas nos telhados. Só duas falhas nas fileiras — os Scheel e os Krank. "Obrigado, Scheel”, Luther murmurou. Crianças andavam de bicicleta. Os vizinhos estavam fora das casas, estendendo as fileiras de luzes, conversando por cima das cercas vivas.

Quando estacionou o carro e andou rapidamente para sua casa, Luther notou que uma gangue de rua estava reunida na garagem dos Scheel. Não demorou e apareceu uma escada, e Frohmeyer subiu como um veterano alpinista de telhado. Luther espiou pela persiana fechada da porta da frente. Lá estava Walt Scheel no jardim com uma dezena de pessoas, Bev agasalhada com um casaco pesado, nos degraus da frente. Spike Frohmeyer tentava desembaraçar uma extensão. Ouviam-se gritos e risadas, todos pareciam gritar instruções para Frohmeyer levar o penúltimo dos homens de neve para o telhado.

Pouco foi dito, durante o jantar de macarrão sem molho e ricota. Nora tinha

perdido um quilo e meio, Luther dois. Depois dos pratos lavados, ele foi para a esteira no porão e andou durante cinquenta minutos, queimando 340 calorias, mais do que acabara de ingerir. Tomou um banho de chuveiro e tentou ler.

Quando a rua ficou vazia, ele saiu para uma caminhada. Não seria um prisioneiro em sua própria casa. Não ia se esconder dos vizinhos. Não tinha nada a temer daquela gente.

Sentiu uma pontada de culpa quando admirou as duas fileiras de homens de neve guardando a rua quieta. Os Trogdon estavam enchendo a árvore de ornamentos e isso trouxe lembranças distantes da infância de Blair e daqueles tempos longínquos.

Seu cinto estava um pouco folgado. As praias esperavam.

Uma bicicleta apareceu do nada e parou ao seu lado.

— Oi, senhor Krank.

— Era Spike Frohmeyer, sem dúvida, voltando para casa depois de alguma reunião secreta de jovens. O garoto dormia menos do que o pai e a vizinhança estava cheia de histórias sobre as escapadas noturnas de Spike. Ele era um bom menino, mas sem muita disciplina.

Olá, Spike — Luther disse, tomando fôlego. — O que o traz por aqui a esta hora?

— Só verificando as coisas — ele disse, como se fosse o vigia noturno oficial.

— Que tipo de coisas, Spike?

— Meu pai me mandou à rua Stanton para ver quantos Rodolfos foram armados.

— Quantos? — Luther perguntou, entrando no *jogo.*

— Nenhum. Nós os vencemos outra vez.

Que noite vitoriosa os Frohmeyer teriam, Luther pensou. Quanta bobagem!

— O senhor vai pôr o seu no telhado, senhor Krank?

— Não, não vou, Spike. Este ano vamos sair da cidade, nada de Natal para

nós.

— Eu não sabia que se podia fazer isso.

— Este é um país livre, Spike. Você pode fazer quase qualquer coisa.

— Mas não vão viajar antes do dia de Natal? — Spike perguntou.

— O quê?

— Ao meio-dia, foi o que ouvi. Tem muito tempo para pôr o homem de neve no telhado. Assim, podemos ganhar o prêmio outra vez.

Luther pensou por um segundo, mais uma vez admirado com a rapidez com que a vida privada de alguém podia ser tão completamente discutida por toda a vizinhança.

— Não superestime a possibilidade de ganhar, Spike. Deixem que outra rua ganhe o prêmio este ano.

— Acho que tem razão.

— Agora vá para casa.

Ele começou a se afastar e disse, olhando para trás:

— A gente se vê.

O pai do garoto estava de tocaia, quando Luther reiniciou sua caminhada.

— Boa noite, Luther — Vic disse, como se o encontro fosse inteiramente ocasional. Encostou na sua caixa do correio, na frente da casa.

— Boa noite, Vic — Luther disse, quase parando. Mas, no último momento, resolveu continuar a andar. Passou por Frohmeyer, que começou a acompanhá-lo.

— Como vai Blair?

— Ótima, Vic, obrigado. Como vão seus filhos?

— Animadíssimos. É a melhor época do ano, Luther. Você não acha? — Frohmeyer acertou o passo com o de Luther e os dois estavam agora lado a lado.

— Certamente. Eu não podia estar mais feliz. Mas sinto falta de Blair. Não

será a mesma coisa sem ela.

— É claro que não.

Pararam na frente da casa dos Becker, ao lado da de Luther, e viram Ned, empoleirado no último degrau da escada, tentando inutilmente prender uma estrela enorme no galho mais alto da árvore. Sua mulher estava atrás dele, ajudando intensamente com instruções, mas nem uma vez tentou segurar a escada, e a sogra a poucos passos atrás, para ter uma visão mais ampla. Uma briga de socos parecia iminente.

— Não vou sentir falta de algumas coisas do Natal — Luther disse.

— Então, vocês vão mesmo "pular" as festas?

— Isso aí, Vic. Eu agradeceria sua cooperação.

— Por algum motivo não me parece certo.

— Não cabe a você decidir, certo?

— Não, não cabe.

Boa noite, Vic. — Luther o deixou ali, divertindo-se com os Becker.

Seis

A mesa-redonda, no abrigo para mulheres vítimas de violência, na manhã seguinte, acabou mal para Nora, quando Claudia, na melhor das hipóteses uma amiga casual, disse, de repente:

— Então, Nora, nada de festa de véspera de Natal este ano?

Das oito mulheres presentes, incluindo Nora, exatamente cinco haviam sido convidadas para suas festas de Natal, no passado. Três delas não, e, naquele momento, as três e Nora procuravam um buraco para se enfiar.

Sua intrometidazinha, Nora pensou, mas conseguiu dizer rapidamente:

— Lamento, mas não. Resolvemos tirar folga este ano. — Queria acrescentar: "E se dermos outra festa, Claudia, minha querida, não espere um convite."

— Ouvi dizer que vão fazer um cruzeiro — disse Jaime, uma das três excluídas, tentando dar outra direção à conversa.

— Na verdade, partimos no dia de Natal.

— Então, estão simplesmente eliminando o Natal? — perguntou Beth, outra conhecida casual, que era convidada todos os anos só porque a firma do seu marido fazia negócios com a Wiley & Beck.

— Completamente — Nora disse, agressiva, sentindo um aperto no estômago.

— Um bom modo de economizar dinheiro — disse Lila, a mais maldosa de todas.

Sua ênfase na palavra dinheiro implicava que talvez as coisas estivessem

apertadas para os Krank. Nora sentiu o rosto em fogo. O marido de Lila era pediatra. Luther sabia com certeza que eles estavam atolados em dívidas — casa grande, grandes carros, clubes. Ganhava muito, gastava mais ainda.

Por falar em Luther, onde ele estava naqueles momentos horríveis? Por que ela estava enfrentando os resultados do seu plano maluco? Por que ela estava na linha de frente, enquanto ele sentava confortavelmente no seu escritório, tranquilo, lidando com pessoas que trabalhavam para ele ou tinham medo dele? Era um bom clube de velhos companheiros, Wiley & Beck, um bando de contabilistas emproados, usurários, que provavelmente estavam elogiando Luther por sua bravura em evitar o Natal e economizar alguns dólares. Se seu desafio podia virar moda em algum lugar, era sem dúvida na profissão de contabilista.

Ali estava ela chamuscada outra vez, enquanto Luther certamente sentava seguro no escritório, bancando o herói.

As mulheres se encarregavam do Natal, não os homens. Elas faziam as compras, decoravam, cozinhavam, organizavam festas, mandavam cartões e se preocupavam com coisas em que os homens sequer pensavam. Por que exatamente Luther estava tão resolvido a ignorar o Natal, quando ele despendia tão pouco esforço nisso?

Nora ficou furiosa, mas se controlou. Não valia a pena começar uma discussão de mulheres no centro para mulheres vítimas de violência.

Alguém mencionou recesso e Nora foi a primeira a sair da sala. No carro, voltando para casa, estava mais furiosa ainda — com pensamentos desagradáveis a respeito de Lila e seu comentário sobre dinheiro. Pensamentos mais feios ainda sobre seu marido e seu egoísmo. Sua vontade era acabar com aquilo agora, sair para fazer compras e ter a casa decorada quando ele chegasse à noite. Podia armar a árvore em duas horas. Não era tarde demais para organizar a festa. Frohmeyer ficaria feliz em se encarregar do seu homem de neve. Economizariam nos presentes e em algumas outras pequenas coisas e ainda teriam o dinheiro para o cruzeiro.

Entrou na Hemlock, e, é claro, a primeira coisa que notou foi que só uma casa não tinha o homem de neve no telhado. Era bem coisa de Luther. Sua casa bonitinha de tijolos, de dois andares, estava sozinha, como se os Krank fossem hindus ou budistas, ou de uma raça que não acreditava no Natal.

Ela parou na sala de estar e olhou pela janela, diretamente para o lugar onde

sempre ficava sua bela árvore, e pela primeira vez Nora notou chocada o quanto sua casa parecia fria sem nenhuma decoração. Mordendo o lábio, foi para o telefone, mas Luther tinha saído para comer um sanduíche. Na pilha de correspondência que tinha apanhado da caixa, entre dois envelopes com cartões de Natal, ela viu uma coisa que a deixou gelada. Carta aérea, do Peru. Palavras em espanhol na frente.

Nora sentou-se e abriu o envelope. Eram duas páginas com a bela letra de Blair, e as palavras eram preciosas.

Ela estava adorando a selva do Peru. Não podia estar melhor, morando com uma tribo de índios que vivia ali havia vários milhares de anos. Eles eram muito pobres, de acordo com nossos padrões, mas saudáveis e felizes. A princípio distantes, as crianças agora tinham se aproximado, querendo aprender a ler. Blair falou longamente sobre elas.

Ela morava numa cabana cinzenta com Stacy, sua nova amiga de Utah. Duas outras voluntárias do Corpo da Paz moravam perto. O Corpo da Paz fundara a pequena escola há quatro anos. Resumindo: ela estava com saúde e muito bem alimentada. Não tinha visto nenhum caso de doença grave, nenhum animal selvagem, e o trabalho era estimulante.

O último parágrafo era a injeção de coragem de que Nora tanto precisava. Dizia:

“Sei que vai ser difícil o Natal sem minha presença, mas por favor não Fique triste. Minhas crianças não sabem nada do Natal. Elas têm tão pouco e querem tão pouco, que me sinto culpada pelo materialismo sem sentido da nossa cultura. Não há calendários aqui e nem relógios, por isso duvido que eu saiba quando vai chegar o Natal e quando vai passar.

(Além disso, podemos compensar no próximo ano, não podemos?)”

Uma menina tão inteligente. Nora leu a carta outra vez, cheia de orgulho, não só por ter criado uma filha tão amadurecida, mas também por sua decisão de pelo menos por um ano passar sem o materialismo sem sentido da nossa cultura.

Ligou outra vez para Luther e leu a carta para ele.

Segunda-feira à noite no shopping. Não era o lugar favorito de Luther, mas ele sabia que Nora precisava sair um pouco. Tinham jantado num falso bar inglês, numa extremidade do shopping, depois abriram caminho no meio da multidão para chegar ao outro lado, onde uma comédia romântica cheia de estrelas estreava no multiplex. Oito dólares a entrada por um espetáculo que, Luther sabia, seria mais duas horas chatas com palhaços que ganhavam mais do que mereciam dando risadas idiotas num roteiro de subliteratura. Mas, de qualquer modo, Nora gostava de cinema e ele a acompanhava para manter a paz. Apesar das multidões, o cinema estava deserto, e Luther ficou satisfeito quando compreendeu que todos estavam fazendo compras. Refestelou-se na poltrona com sua pipoca e adormeceu.

Ele acordou com um cotovelo nas costelas.

— Você está roncando — Nora sibilou.

— O que tem isso? O cinema está vazio.

— Fale baixo, Luther.

Ele começou a assistir ao Filme, mas, depois de cinco minutos, ficou farto.

— Volto logo — ele murmurou, e saiu.

Preferia enfrentar a multidão e ser pisado por ela do que assistir a tanta bobagem. Subiu ao andar superior pela escada rolante, encostou na grade, ficou olhando o caos lá embaixo. Um Papai Noel dava audiência no seu trono e a fila se movia lentamente. Mais adiante, no rinque de patinação no gelo, a música tocava muito alto em alto-falantes roucos, enquanto crianças vestidas de gnomos patinavam em volta de uma criatura empalhada que parecia uma rena. Todos os pais assistiam através de videocâmeras. Compradores cansados arrastavam sacolas cheias, colidindo uns com os outros, brigando com os filhos.

Luther nunca sentira tanto orgulho.

Viu uma nova loja de artigos esportivos. Viu pelas vitrines que havia uma multidão dentro da loja e certamente poucos caixas. Entrou e começou a examinar o material. Encontrou um conjunto de mergulho nos fundos da loja, poucos artigos, mas, afinal, era dezembro. As roupas de banho, do tipo Speedo, fantasticamente pequenas e desenhadas unicamente para nadadores olímpicos com menos de vinte anos. Mais uma bolsa do que uma peça de roupa. Luther teve medo de tocá-las. Apanharia um catálogo e faria as compras na segurança

de sua casa.

Quando saiu da loja, duas pessoas brigavam por causa de alguma coisa perdida. Que tolos.

Ele comprou um iogurte sem gordura, andou pela passagem central sorrindo, com ar de superioridade em relação àquelas almas apressadas, que estavam gastando boa parte do que ganhavam. Parou e olhou boquiaberto para um pôster tamanho natural de uma coisinha jovem e maravilhosa com um biquíni fio-dental, a pele perfeitamente bronzeada. Ela o convidava para entrar num pequeno salão de beleza chamado Bronzeados para Sempre. Luther olhou em volta, como se estivesse numa livraria para adultos, e entrou onde Daisy o esperava atrás de uma revista. O rosto queimado de sol forçou um sorriso e pareceu rachar na testa e em volta dos olhos. Os dentes branqueados, o cabelo clareado, a pele escurecida e, por um segundo, Luther se perguntou como ela seria antes do projeto.

Como era esperado, Daisy disse que era a melhor época do ano para se comprar um pacote. O especial de Natal era de doze sessões por 60 dólares. Só uma sessão dia sim, dia não, quinze minutos no começo, mas chegando, aos poucos, ao máximo de vinte e cinco. Quando terminasse, Luther estaria magnificamente bronzeado, sem dúvida preparado para qualquer coisa que o sol do Caribe pudesse oferecer.

Ele a acompanhou por alguns passos a uma fileira de cubículos — com a mesa de bronzear e não muita coisa mais em cada um. Agora estavam usando os BronzeMats FX-2000, tecnologia de última geração, importada da Suécia, como se os suecos soubessem tudo sobre banho de sol. A primeira vista, Luther ficou horrorizado com o BronzeMat.

Daisy explicou que você simplesmente tira a roupa, sim, toda, ela ronronou, deita na unidade, e fecha a tampa, e Luther lembrou-se do aparelho de fazer waffles. Cozinha por quinze ou vinte minutos, um marcador de tempo avisa quando termina, levanta-se, veste a roupa. Nada de mais.

— Quanto a pessoa transpira? — Luther perguntou, tentando se acostumar com a ideia de deitar, completamente exposto, enquanto oitenta lâmpadas cozinham todas as partes do seu corpo.

Ela explicou que as coisas ficavam quentes. Quando terminava, bastava enxugar a esteira de bronzear e tudo estava pronto para o próximo freguês.

Câncer de pele? ele perguntou. Ela ofereceu-lhe uma risada forçada. De jeito nenhum. Talvez com as unidades antigas, antes de terem aperfeiçoado a tecnologia para praticamente eliminar os raios ultravioleta e coisas assim. As novas esteiras de bronzear, na verdade, eram mais seguras do que o próprio sol. Havia onze anos que ela a usava.

E sua pele parece couro de boi queimado, Luther pensou.

Ele comprou dois pacotes por 120 dólares. Saiu do salão resolvido a se bronzear, por mais desconfortável que fosse. E sorriu à ideia de Nora se despindo atrás de paredes finas como papel e entrando na esteira de bronzear.

Sete

O nome do policial era Salino e ele aparecia todos os anos. Era gordo, não usava arma ou colete, nenhum bastão ou cassetete, nem lanterna ou balas de prata, nem algemas ou rádio, nada das coisas obrigatórias que seus irmãos gostavam de prender nos cintos e nos corpos. Salmo não ficava bem de uniforme, mas havia tanto tempo não ficava bem que ninguém se importava. Ele patrulhava o sudeste, as ruas em volta de Hemlock, os subúrbios dos ricos, onde o único crime era uma bicicleta ocasionalmente roubada ou um carro que passava do limite de velocidade.

O parceiro de Salino naquela noite era um jovem forte, de queixo quadrado, com um rolo de músculos aparecendo por cima do colarinho da camisa. Treen era seu nome, e ele usava todos os apetrechos e armas que Salino não trazia.

Quando Luther os viu, por detrás da persiana da sua porta, ali de pé, tocando sua campainha, imediatamente pensou em Frohmeyer. Frohmeyer podia chamar a polícia para Hemlock mais depressa do que o próprio chefe de polícia.

Ele abriu a porta e, depois dos olás e boas-noites obrigatórios, convidou os dois para entrar. Não queria os policiais em sua casa, mas sabia que eles não iriam embora até completar o ritual. Treen segurava um tubo branco dentro do qual estava o calendário.

Nora, que segundos atrás assistia à televisão com o marido, desapareceu de repente, mas Luther sabia que ela estava atrás da porta, escondida na cozinha, ouvindo cada palavra.

Só Salino falou. Luther imaginou que devia ser porque seu robusto parceiro provavelmente tinha um vocabulário limitado. A Associação Beneficente da Polícia estava outra vez a todo pano para fazer todo o tipo de coisas maravilhosas para a comunidade. Brinquedos para as crianças. Cestas de Natal para os menos afortunados. Visitas do Papai Noel. Gelo para os que se

aventuravam a patinar. Viagens ao zoológico. E estavam dando presentes aos idosos nas casas de repouso e aos veteranos recolhidos às enfermarias. Salino tinha aperfeiçoado sua apresentação. Luther já ouvira aquilo antes.

Para ajudar as despesas dos projetos nesse ano, a Associação Beneficente da Polícia mais uma vez organizara um belo calendário para o próximo ano, outra vez mostrando os membros da polícia em ação, servindo o povo. Treen, na sua deixa, sacudiu o calendário de Luther, desenrolou e começou a virar as páginas, enquanto Salino descrevia-as uma a uma. Para janeiro, era um policial do trânsito com um sorriso caloroso fazendo com que pequenos alunos do jardim de infância atravessassem a rua. Fevereiro mostrava um policial mais forte do que Treen ajudando um motorista a trocar o pneu. De algum modo, no meio do esforço, o policial conseguiu um belo sorriso. Março era uma cena tensa de um acidente noturno, com luzes piscando e três homens de uniforme confabulando, preocupados.

Luther admirou as fotos e o trabalho artístico sem uma palavra, à medida que os meses passavam.

E as sungas de pele de leopardo? Luther queria perguntar. Ou a sala de banho a vapor? Ou o salva-vidas com apenas uma toalha na cintura? Três anos atrás, a Associação Beneficente da Polícia tinha sucumbido a um gosto mais moderno e publicado um calendário cheio de fotos dos seus membros mais esbeltos é jovens, praticamente sem roupa, uma metade sorrindo idiotamente para a câmera, a outra com a expressão tensa de *detesto-ser-modelo-da-moda-contemporânea*. Praticamente escandaloso, uma reportagem dizia, na primeira página dos jornais.

Um clamor se ergueu de um dia para o outro. O prefeito ficou furioso com as queixas que inundaram a prefeitura. O diretor da Associação de Polícia foi despedido. Os calendários não distribuídos foram juntados e queimados, num espetáculo ao vivo na televisão.

Nora guardou o deles no porão, onde ela secretamente o admirava todos os anos.

O calendário indecente foi um desastre financeiro para todos os interessados, mas criou mais interesse no Natal seguinte. As vendas quase dobraram.

Luther comprava um todo ano, mas só porque era o que esperavam que

fizesse. Estranhamente, não havia indicação de preço no calendário, pelo menos não nos que eram entregues pessoalmente por policiais como Salino e Treen. O toque pessoal custava um pouco mais, uma camada adicional de boa vontade que esperavam que pessoas como Luther pagassem simplesmente porque era o que devia ser feito. Era aquela coerção, aquele suborno por debaixo da mesa que Luther detestava. No ano anterior, tinha feito um cheque de cem dólares para a Associação, mas não este ano.

Terminada a apresentação, Luther se levantou e disse:

— Eu não preciso de um calendário.

Salino inclinou a cabeça para o lado como se não tivesse entendido. O pescoço de Treen cresceu um centímetro.

Um sorriso maroto apareceu no rosto de Salino. Você pode não precisar, o sorriso dizia, mas vai comprar assim mesmo.

— Por quê? — ele perguntou.

— Já tenho um calendário para o próximo ano. — Isso era novidade para Nora, que roía as unhas e prendeu a respiração.

— Mas não como este — Treen conseguiu rosnar. Salino olhou para ele como quem diz “Fique quieto!”

— Tenho dois calendários no meu escritório e dois na minha mesa — Luther disse. — Temos um ao lado do telefone, na cozinha. Meu relógio indica exatamente em que dia estamos, bem como meu computador. Há anos não perco um só dia.

— Estamos levantando dinheiro para as crianças deficientes, senhor Krank — Salino disse, a voz, de repente, suave e áspera. Nora sentiu uma lágrima descendo do olho.

— Nós damos para as crianças deficientes, policial — Luther respondeu imediatamente. — Através do United Way, da nossa igreja, e dos nossos impostos, damos a todos os grupos de necessitados que existem.

— O senhor não se orgulha dos seus policiais? — Treen disse asperamente, sem dúvida repetindo a frase que ouvira Salino usar para outras pessoas.

Luther ficou em silêncio por um segundo, dando oportunidade para que a

raiva se instalasse. Como se comprar um calendário fosse a única medida da sua admiração pela força policial local. Como se forçar um suborno no meio da sua sala de estar fosse prova de que ele, Luther Krank, apoiava solidamente os rapazes de azul.

— Eu paguei mil e trezentos dólares de imposto no ano passado — Luther disse, com um olhar feroz para o jovem Treen. — Uma parte dos quais foi para pagar seu salário. Outra parte foi para pagar os bombeiros, os motoristas de ambulância, os professores, os trabalhadores do serviço sanitário, os garis, o prefeito e sua enorme equipe, os juízes, os meirinhos, os carcereiros, todos os que trabalham na prefeitura, todos os que trabalham no Hospital Mercy. Eles fazem um grande trabalho. Vocês fazem um grande trabalho. Tenho orgulho de todos os empregados da prefeitura. Mas o que um calendário tem a ver com isso?

É claro que Treen nunca tinha ouvido a coisa descrita daquele modo lógico, e não encontrou resposta. Salino também não. Seguiu-se uma pausa tensa.

Como Treen não conseguia pensar numa resposta inteligente, ele ficou zangado também e resolveu anotar a placa do carro de Krank e ficar de tocaia em algum lugar, para talvez apanhá-lo ultrapassando o limite de velocidade ou avançando um sinal. Mandar parar, esperar um comentário sarcástico, tirá-lo do carro, mandar encostar no capô com as pernas afastadas, enquanto carros passavam por eles, prendê-lo com as algemas, levá-lo para a cadeia.

Pensamentos tão agradáveis fizeram Treen sorrir. Mas Salino não sorria. Tinha ouvido as histórias sobre Luther Krank e seus planos idiotas para o Natal. Frohmeyer tinha contado. Passara pela Hemlock na noite anterior e vira a bela casa não decorada, sem homem de neve, isolada, tranquila, mas tão diferente.

— Sinto muito que o senhor pense assim — Salino disse, tristemente —, estamos só tentando levantar algum dinheiro extra para ajudar as crianças necessitadas.

Nora queria entrar na sala e dizer: “Aqui está o cheque. Dê-me o calendário!" Mas não o fez, porque o que viria depois não ia ser agradável.

Luther balançou a cabeça afirmativamente, com os músculos do rosto tensos e os olhos firmes. Treen começou a enrolar dramaticamente o calendário que agora seria vendido para outra pessoa. Sob o peso das suas mãos grandes, o papel estalava e se enrugava, ficando cada vez menor. Finalmente, ficou estreito

como um cabo de vassoura e Treen o enfiou de volta no tubo e fechou a tampa. Terminada a cerimônia, era hora de ir embora.

— Feliz Natal — Salino disse.

— A polícia ainda patrocina aquele time de *softball* para os órfãos? — Luther perguntou.

— Certamente que sim — Treen respondeu.

— Então voltem na primavera e darei cem dólares para os uniformes.

Isso não serviu de modo nenhum para apaziguar os policiais, e eles nem conseguiram dizer "obrigado". Em vez disso, sacudiram a cabeça afirmativamente e trocaram um olhar.

As coisas estavam ainda tensas quando Luther os levou até a porta. Nada foi dito, e só se ouvia o som irritante de Treen batendo o tubo contra a perna, como um policial chateado com um cassetete à espera de uma cabeça para acertar.

— Eram só cem dólares — Nora disse secamente, entrando na sala.

Luther estava espiando atrás da cortina, certificando-se de que os policiais estavam indo embora.

— Não, querida, era muito mais — ele disse com ar superior, como se a situação fosse complexa e só ele pudesse entender. — Que tal um iogurte?

Para os famintos, a perspectiva de comida apagava todos os outros pensamentos. Todas as noites, eles se premiavam com um pequeno pote de iogurte com sabor artificial de frutas, sem gordura, que saboreavam como a última refeição. Luther tinha perdido três quilos e meio e Nora três.

Eles passeavam pelo bairro, numa picape, procurando alvos. Dez deles estavam na parte de trás, sentados nos fardos de feno, cantando. Sob as mantas, mãos se uniam e pernas se tocavam, mas numa brincadeira inocente, pelo menos por enquanto. Afinal, eram membros da igreja luterana. A líder dirigia, e ao seu lado estava a mulher do pastor, que também tocava órgão nas manhãs de domingo.

A picape entrou na Hemlock, e o alvo imediatamente se tornou óbvio.

Diminuíram a marcha quando se aproximaram da casa não enfeitada dos Krank. Por sorte, Walt Scheel estava no lado de fora, tentando instalar uma fieira de luzes com dois metros a menos do que precisava para ligar a eletricidade da garagem aos arbustos, em volta dos quais ele havia enrolado cuidadosamente quatrocentas novas lâmpadas verdes. Uma vez que Krank não iria decorá-lo, Scheel resolveu fazer a decoração o mais caprichada possível.

— Esse pessoal está em casa? — a motorista perguntou para Walt, parando a picape. Com a cabeça, ela indicava a casa dos Krank.

— Está. Por quê?

— Bem, estamos cantando canções de Natal. Temos aqui um grupo de jovens da igreja luterana São Marcos.

De repente, Walt sorriu e largou o fio com as luzes. Que maravilha, ele pensou. Krank pensa que pode fugir do Natal.

— Eles são judeus? — ela perguntou.

— Não.

— Budistas ou coisa assim?

— Não, nada disso. Na verdade, metodistas. Estão tentando evitar o Natal este ano.

— Tentando fazer o quê?

— Você ouviu. — Walt estava parado ao lado da porta da picape, todo sorrisos. — Ele é assim meio esquisito. Quer “pular” o Natal, e assim economizar dinheiro para um cruzeiro.

A líder do grupo e a mulher do pastor olhavam longa e atentamente para a casa dos Krank, no outro lado da rua. Os jovens, na parte de trás da picape, pararam de cantar e ouviam cada palavra da conversa. As engrenagens giravam em suas cabeças.

— Acho que alguns cantores de Natal farão bem a eles — Scheel acrescentou, esperançoso. — Vão em frente.

A picape esvaziou e o coro correu para a calçada. Pararam perto da caixa do correio dos Krank.

— Mais perto — Scheel gritou. — Eles não vão se importar.

Eles se enfileiraram perto da casa, ao lado do canteiro favorito de Luther. Scheel correu para a porta da sua casa e disse para Bev chamar Frohmeyer.

Luther raspava os lados do pote de iogurte com a colher, quando o barulho começou muito perto dele. Os cantores atacaram rapidamente e a todo volume com a primeira estrofe de “Deus esteja convosco, cavalheiros alegres", e os Krank agacharam-se, procurando se esconder. Então, saíram correndo da cozinha, sempre agachados, Luther à frente com Nora atrás, entraram na sala de estar e chegaram à janela da frente, onde, felizmente, as cortinas estavam fechadas.

O coro se agitou quando viu Luther se escondendo atrás das cortinas.

— Cantores de Natal — Luther sibilou, recuando um passo. — Bem aqui, perto dos nossos juníperos.

— Que bonito — Nora disse, em voz muito baixa.

— Bonito? Estão invadindo nossa propriedade. É uma armadilha.

— Não estão invadindo.

— É claro que estão. Estão na nossa propriedade sem terem sido convidados. Alguém os mandou vir, provavelmente Frohmeyer ou Scheel.

— Cantores de Natal não são invasores — Nora insistiu, praticamente murmurando.

— Eu sei do que estou falando.

— Então, telefone para seus amigos do departamento de polícia.

— Talvez eu faça isso — Luther disse, espiando outra vez.

— Não é tarde demais para comprar um calendário.

Todo o clã Frohmeyer chegou correndo. Spike na frente do bando no skate, e quando se instalaram atrás dos cantores, os Trogdon tinham ouvido o barulho e estavam se juntando ao grupo. Então, os Becker com a sogra atrás, e Rocky, o que tinha deixado os estudos, atrás dela.

“Toca o sino” foi a canção seguinte, animada e alta, sem dúvida inspirados

pela comoção que estavam criando. O coro fez sinal para a multidão se juntar a ele, o que todos fizeram, felizes, e, quando começaram “Noite silenciosa”, seu número tinha quase alcançado trinta figurantes. Os cantores acertavam quase todas as notas, os vizinhos pouco se importavam com a afinação. Cantavam alto, para que o velho Luther lá dentro pudesse se contorcer de raiva.

No fim de vinte minutos, os nervos de Nora cederam e ela foi para o chuveiro. Luther, na cadeira reclinável, fingia ler uma revista, mas cada música era mais alta do que a outra. Irritado, ele praguejou em voz baixa. A última vez que espiou pela cortina, viu gente por toda a parte no seu jardim, todos sorrindo e gritando para sua casa.

Quando começaram com “O homem de neve”, ele foi para o escritório no porão e apanhou o conhaque.

Oito

A rotina matinal de Luther era sempre a mesma, nos dezoito anos que morava em Hemlock. Levantar-se às seis, chinelos e robe, fazer café, sair pela porta da garagem para a entrada de veículos, onde Milton, o entregador de jornais, deixara a *Gazette* uma hora antes. Luther podia contar os passos do bule de café até o jornal, sabendo que só variavam em dois ou três. De volta à casa, uma xícara com um pingo de creme, a seção de esportes, depois a seção cidade, economia e, sempre por último, as notícias nacionais e internacionais. No meio dos obituários, levava uma xícara de café, a mesma xícara cor de lavanda todos os dias, com dois cubos de açúcar, para sua querida mulher.

Na manhã seguinte à festa dos cantores no seu jardim, Luther seguiu sonolento para a entrada a fim de apanhar a *Gazette* quando, com o canto do olho esquerdo, viu uma brilhante coleção de cores. Havia uma tabuleta no centro do seu jardim. **LIBERTE O HOMEM DE NEVE,** a maldita coisa dizia em letras grandes e negras. Era um pôster branco, circundado de verde e vermelho, com um desenho do homem de neve acorrentado e amordaçado em algum lugar do porão, sem dúvida o porão dos Krank. Era um péssimo desenho feito por um adulto com tempo para gastar ou um desenho muito bom, feito por uma criança com a mãe atrás, observando.

De repente, Luther sentiu que estava sendo vigiado por uma porção de olhos. Casualmente, pôs a *Gazette* debaixo do braço e voltou para dentro de casa como se não tivesse visto nada. Resmungou, enquanto servia o café, praguejou quando sentou na sua cadeira. Não conseguiu o prazer de sempre com esportes ou com a seção cidade — nem os obituários conseguiram prender sua atenção. Então, lembrou-se de que Nora não tinha visto o pôster. Ela ia se preocupar muito mais do que ele.

A cada novo assalto ao seu direito de fazer o que bem quisesse, Luther ficava mais determinado a ignorar o Natal. Mas estava preocupado com Nora.

Ele jamais cederia, mas Nora poderia ceder. Se ela pensasse que as crianças da vizinhança começavam a protestar, podia desistir de tudo.

Ele atacou rapidamente — saiu pela garagem, foi pelo lado da casa, andando nas pontas dos pés, porque a grama estava molhada e praticamente congelada, arrancou o pôster do gramado e jogou-o no quarto de depósito para cuidar dele mais tarde.

Levou o café para Nora, depois sentou-se outra vez à mesa da cozinha e tentou em vão se concentrar na *Gazette*. Mas estava zangado e com os pés gelados.

Luther foi de carro para o trabalho.

Certa vez, ele havia defendido a ideia de fechar o escritório em meados de dezembro, até depois de primeiro de janeiro. Afinal, ninguém trabalha nesse período, ele argumentou brilhantemente numa reunião da firma. As secretárias precisavam fazer compras» por isso saíam mais cedo para o almoço e voltavam mais tarde, então saíam uma hora depois para fazer o que precisavam. Simplesmente fazer com que todos tirem suas férias em dezembro, ele tinha dito com convicção. Uma espécie de descanso de duas semanas, descanso pago, é claro. Os negócios estavam indo muito bem, ele explicou, com gráficos e mapas. Seus clientes certamente não estavam nos seus escritórios, portanto, nenhum negócio podia ser fechado até a primeira semana de janeiro. A Wiley & Beck podia economizar alguns dólares evitando os jantares de Natal e a festa do escritório. Tinha até mostrado para todos um artigo do *Wall Street Journal* sobre uma firma grande, em Seattle, que adotara essa decisão com ótimos resultados, ou pelo menos era o que o *Journal* dizia.

Foi uma esplêndida apresentação feita por Luther. A firma votou onze a dois contra ele, e Luther amargou a derrota durante um mês. Só Yank Slader continuou ao seu lado.

Luther seguiu as rotinas de todas as manhãs, com o pensamento no concerto da noite anterior ao lado dos seus juníperos e no pôster de protesto no jardim. Ele gostava de morar em Hemlock, dava-se bem com os vizinhos, conseguia até ser cordial com Walt Scheel, e agora sentia-se mal sendo alvo dos protestos de todos.

Biff, a agente de viagens, mudou esse estado de espírito, quando entrou no seu escritório depois de bater levemente na porta — Dox, sua secretária, estava

mergulhada em catálogos de compras — e apresentou as passagens de avião e de cruzeiro, com um maravilhoso itinerário e um folheto atualizado sobre o *Princesa da Ilha*. Não demorou mais que alguns segundos, pouco tempo para o gosto de Luther que, quando admirava seu corpo e seu bronzeado, pensava nos biquínis fio-dental que ia encontrar nas praias. Trancou a porta e logo se perdeu nas águas quentes e azuis do Caribe.

Pela terceira vez naquela semana, Luther saiu de mansinho, um pouco antes da hora do almoço, e correu para o shopping. Estacionou o mais longe possível, porque precisava caminhar, já tinha perdido quatro quilos e se sentia muito em forma, e entrou pela Sears com uma multidão de outros compradores da hora do almoço. Só que Luther estava ali para uma soneca.

Atrás de persianas espessas, ele entrou rapidamente na Bronzeado para Sempre, no segundo piso. Daisy, a da pele cor de cobre, fora substituída por Daniella, uma ruiva pálida, cujo bronzeamento constante só servira para aumentar o número e o tamanho das suas sardas. Ela registrou seu cartão, designou-o para o salão 2 e, com toda a sabedoria de uma perita dermatologista, disse:

— Acho que vinte e dois minutos devem ser suficientes hoje, Luther.

Daniella tinha no mínimo trinta anos a menos do que ele, mas nenhum problema em chamá-lo simplesmente de Luther. Uma garota com um emprego temporário, ganhando salário mínimo. Nunca passou por sua cabeça que talvez devesse chamá-lo de senhor Krank.

Por que não vinte e um minutos? Luther teve vontade de perguntar. Ou vinte e três?

Resmungou alguma coisa sem olhar para trás e foi para o salão 2.

A esteira bronzeadora FX-2000 estava fria ao toque dos dedos, um bom sinal, porque Luther não suportava a ideia de entrar naquela coisa logo depois que alguém tivesse saído dela. Borrifou Windex rapidamente, enxugou furiosamente, depois verificou de novo a porta fechada, despiu-se como se alguém pudesse estar vendo e muito delicadamente entrou na cama bronzeadora.

Esticou o corpo e ajustou até tudo ficar o mais confortável possível. Fechou a tampa, ligou o botão e começou a assar. Nora estivera duas vezes e não tinha certeza de querer continuar, porque, no meio da sua última sessão, levou um

susto quando alguém mexeu na maçaneta da porta. Ela murmurou algum coisa, não lembrava o quê, de tão apavorada que estava, e quando instintivamente tentou se levantar, bateu com a cabeça na tampa da esteira bronzeadora.

Nora culpou Luther por isso. Achar graça não o ajudou muito.

Não demorou para que ele começasse a deslizar para o *Princesa da Ilha* com as quatro piscinas, belos corpos por toda a parte, deslizando para as areias das praias da Jamaica e da Grande Caimã, deslizando para as águas quentes e calmas do Caribe.

Uma campainha o sobressaltou. Seus vinte e dois minutos tinham acabado. Três sessões agora e Luther podia ver alguma melhoria no pequeno espelho na parede. Era só uma questão de tempo para que alguém no escritório comentasse o seu bronzeado. Todos estavam com tanta inveja.

Quando voltava apressadamente para o trabalho, a pele ainda morna, a barriga mais lisa ainda, depois de ter pulado outro almoço, começou a cair uma chuva de gelo.

Luther descobriu que estava com medo de voltar para casa. As coisas estavam bem até ele entrar na Hemlock. Seu vizinho mais próximo, Becker, adicionava mais lâmpadas aos seus arbustos, e, só para provocar, enfatizava o lado do seu jardim que dava para a garagem de Luther. Trogdon tinha tantas luzes que não dava para perceber se estava acrescentando mais algumas, mas Luther suspeitava que sim. No outro lado da rua, adjacente à casa de Trogdon, Walt Scheel decorava mais a cada dia. Isso de um cara que no ano anterior mal estendera a primeira fiada de luzes.

E agora, na casa vizinha — no lado leste da casa dos Krank —, Swade Kerr fora tomado de repente pelo espírito do Natal e estava enrolando nos seus arbustos minguados luzes vermelhas e verdes, novas em folha. Os filhos dos Kerr não iam à escola, mas aprendiam em casa, e geralmente ficavam trancados no porão. Eles recusavam votar, faziam ioga, só comiam vegetais, usavam sandálias com meias grossas no inverno, evitavam empregos e se proclamavam ateus. Muito primitivos, mas não eram maus vizinhos. A mulher de Swade, Shirley, com um sobrenome hifenado, tinha dinheiro de um truste.

— Eles me cercaram — Luther resmungou, estacionando na garagem, correndo para dentro de casa e trancando a porta.

— Veja só isso — Nora disse, com a testa franzida, e depois de um beijo rápido no rosto dele, obrigatório: — Como foi o seu dia?

Dois envelopes de cor pastel, óbvios.

— O que é? — ele perguntou, irritado.

A última coisa que Luther queria ver eram cartões de Natal com as mensagens artificiais. Luther queria comida, que nessa noite seria peixe assado com vegetais cozidos no vapor.

Ele tirou os dois cartões dos envelopes, cada um com um desenho de um homem de neve. Não tinham assinatura. Nem nome ou endereço do remetente no envelope.

Cartões de Natal anônimos?

— Muito engraçado — ele disse, jogando os cartões na mesa.

— Pensei que você fosse gostar. Foram postos no correio na cidade.

— É Frohmeyer. — Luther estava tirando a gravata. — Ele gosta de brincadeiras de mau gosto.

No meio do jantar, a campainha da porta tocou. Mais duas grandes garfadas e Luther teria terminado de comer, mas Nora pregava as virtudes de se comer devagar. Ele continuava com fome quando se levantou, resmungou alguma coisa sobre quem podia ser àquela hora.

O nome do bombeiro era Kistler e o do paramédico Kendall, ambos jovens e magros, em grande forma, o resultado de levantar peso na estação. Sem dúvida, à custa dos que pagavam impostos, Luther pensou, convidando-os a entrar somente perto da porta. Era outro ritual de todo ano, outro perfeito exemplo do que havia de errado com o Natal.

O uniforme de Kistler era azul-marinho e o de Kendall cor de oliva. Nenhum deles combinava com o gorro vermelho e branco de Papai Noel que eles usavam, mas, afinal, quem se importava com isso? Os gorros eram engraçadinhos e caprichados, mas Luther não estava sorrindo. O paramédico segurava a sacola de papel encostada na perna.

— Vendendo panetones outra vez este ano, senhor Krank — Kistler dizia. — Fazemos isso todos os anos.

— O dinheiro vai para a distribuição de brinquedos — Kendall disse, no momento exato.

— Nosso objetivo é levantar nove mil dólares.

— No ano passado, só conseguimos pouco mais de oito mil.

— Atacando com mais força este ano.

— Na véspera de Natal, entregamos brinquedos para seiscentas crianças.

— É um projeto ambicioso.

De um para o outro. Uma equipe bem treinada em corrida de revezamento.

— Devia ver as caras das crianças.

— Eu não perderia por nada do mundo.

— O caso é que temos de levantar o dinheiro depressa.

— Conseguimos a sempre fiel Panetones Mabel — Kendall praticamente sacudiu a sacola na frente de Luther, como se ele quisesse pegar e espiar o que tinha dentro.

— Mundialmente famosos.

— Eles o fazem em Hermansburg, Indiana, a sede da confeitaria Mabel's.

— Metade da cidade trabalha lá. Fazem só panetones.

Essa pobre gente, Luther pensou.

— Eles têm uma receita secreta, usam só os ingredientes mais frescos.

— E fazem o melhor panetone do mundo.

Luther detestava panetones. As ameixas, figos, tâmaras, nozes, pedacinhos coloridos de frutas secas.

— Fabricam panetones há oitenta anos.

— O bolo mais vendido no país. Seis toneladas, no último ano.

— Nada de produtos químicos, nada de aditivos.

— Não sei como eles os conservam tão frescos.

Com produtos químicos e aditivos, Luther teve vontade de dizer.

Uma faísca cortante de fome atingiu Luther. Seus joelhos quase dobraram, seu rosto impassível quase se contorceu numa careta. Há duas semanas, seu sentido do olfato estava muito mais acentuado, sem dúvida efeito colateral de uma dieta rigorosa. Talvez ele tenha sentido o cheiro da preciosidade de Mabel, não tinha certeza, mas foi dominado pelo desejo de comer. De repente, precisava comer alguma coisa. De repente, queria arrancar a sacola das mãos de Kendall, abrir o embrulho e começar a comer um panetone.

Então, passou. Com os dentes cerrados, Luther Ficou rígido até aquela fome passar. Então, relaxou. Kistler e Kendall estavam tão ocupados com o ato ensaiado que não notaram.

— Não temos muitos.

— São tão populares que têm de ser racionados.

— Tivemos sorte de conseguir novecentos.

— Vendendo cada um a dez dólares, chegamos a nove mil para os brinquedos.

— O senhor comprou cinco, no ano passado, senhor Krank.

— Pode fazer isso outra vez?

Sim, eu comprei cinco, no ano passado, Luther lembrou-se. Levou três para o escritório e secretamente os pôs nas mesas de três colegas. No fim da semana, os panetones tinham passado de um para outro tantas vezes que as caixas estavam gastas. Dox as jogou no cesto de papéis, quando fecharam para o Natal.

Nora deu os outros dois para sua cabeleireira, uma mulher que pesava cento e cinquenta quilos e que os colecionava e comia até julho.

— Não — Luther disse finalmente. — Este ano, eu passo.

A equipe de revezamento ficou em silêncio. Kistler olhou para Kendall e Kendall olhou para Kistler.

— Como disse?

— Não quero nenhum panetone este ano.

— Cinco é demais? — Kistler perguntou.

— Um é demais — Luther respondeu, e cruzou os braços lentamente.

— Nenhum? — Kendall perguntou, incrédulo.

— Zero — Luther confirmou.

Os dois fizeram as caras mais tristes do mundo.

— Vocês ainda fazem aquela competição de pesca em julho para as crianças deficientes? — Luther perguntou.

— Todos os anos — Kistler disse.

— Ótimo. Voltem no verão e eu dou cem dólares para a competição de pesca.

Kistler conseguiu murmurar um fraco “Obrigado”.

Com alguns movimentos embaraçados, foram levados até a porta. Luther voltou para a mesa da cozinha, onde tudo tinha desaparecido — Nora, suas duas garfadas de peixe assado, seu copo com água, seu guardanapo. Tudo. Furioso, ele foi para a despensa, onde encontrou um vidro de manteiga de amendoim e alguns biscoitos salgados amolecidos.

Nove

O pai de Stanley Wiley fundara a Wiley & Beck em 1949. Beck estava morto havia tanto tempo que ninguém sabia ao certo porque seu nome continuava na porta. Tinha um belo som — Wiley & Beck —, e além disso seria muito caro mudar todo o papel de correspondência e coisas assim. Para uma firma de contabilistas, fundada há mais de meio século, o incrível era o pouco que tinha crescido. Havia doze sócios na área de impostos, incluindo Luther, e uns vinte na auditoria. Seus clientes eram companhias de tamanho médio que não podiam pagar grandes firmas de contabilidade.

Se Stanley Wiley fosse mais ambicioso, há uns trinta anos, a velha firma poderia ter acompanhado o momento e se tornado uma força. Mas ele não era, isso não aconteceu, e agora pretendiam se satisfazer em ser chamados de uma “firma butique".

No momento em que Luther se preparava para outra escapada para o shopping, Stanley apareceu do nada portando um longo sanduíche com a alface aparecendo nas bordas.

— Tem um minuto? — ele disse, com a boca cheia.

Já estava sentando, antes de Luther ter tempo de dizer sim, não ou “pode ser rápido?” Stanley usava ridículas gravatas-borboletas, e geralmente tinha uma grande variedade de manchas na camisa social — tinta, maionese, café. Todos sabiam que Stanley era desorganizado e seu escritório era um depósito, onde documentos e pastas ficavam perdidos durante meses. “Tente o escritório de Stanley”, era o slogan da firma para papéis que nunca seriam encontrados.

— Ouvi dizer que você não vai estar no jantar de Natal, amanhã — ele disse, ainda mastigando.

Stanley gostava de andar pelos corredores na hora do almoço com um

sanduíche numa das mãos, um refrigerante na outra, como se fosse ocupado demais para um almoço de verdade.

— Estou eliminando uma porção de coisas este ano, Stanley, sem ofensa para ninguém — Luther disse.

— Então, é verdade.

É verdade. Não estaremos lá.

Stanley engoliu, franziu a testa, examinou o sanduíche à procura do melhor lugar para morder. Ele era o sócio-gerente, não o patrão. Luther era sócio há seis anos. Ninguém em Wiley & Beck podia obrigá-lo a fazer qualquer coisa.

— Lamento saber disso. Jayne vai Ficar desapontada.

— Mando um bilhete para ela — Luther disse.

Não era uma noite terrível — um bom jantar num bom restaurante na cidade, numa sala particular no segundo andar, boa comida, vinhos decentes, alguns discursos, então uma banda e dança até tarde. Traje a rigor, é claro, e as senhoras tentavam cada uma parecer melhor do que a outra, com vestidos e joias. Jayne Wiley era uma mulher encantadora que merecia muito mais do que tinha com Stanley.

— Alguma razão especial? — Stanley perguntou, com alguma curiosidade.

— Vamos ignorar todo o produto este ano, Stanley. Sem árvore, sem correria. Economizar o dinheiro e fazer um cruzeiro de dez dias. Blair está fora. Precisamos de um descanso. Penso que poderemos compensar muito bem no ano que vem, ou, se não for possível, no ano seguinte.

— O Natal chega todos os anos, certo?

— Sem dúvida.

— Vejo que você está emagrecendo.

— Cinco quilos. As praias me esperam.

— Você está ótimo, Luther. Bronzeando-se, ouvi dizer.

— Ganhando um pouco de cor, sim. Não posso deixar que o sol abuse de mim.

Uma mordida enorme no sanduíche de carne, as folhas de alface dependuradas nos lábios. Então, movimento.

— Na verdade, não é uma má ideia. — Ou coisa parecida.

A ideia de férias, para Stanley, era uma semana na sua casa de praia, herdada, na qual havia trinta anos não fazia nenhum investimento. Luther e Nora tinham passado uma semana horrível lá, convidados dos Wiley, que ficaram com o quarto principal e puseram os Krank na "suíte de hóspedes", um quarto estreito com beliches e sem ar-condicionado. Stanley tomou gim e tônica desde o meio da manhã até o fim da tarde e o sol jamais tocou sua pele.

Ele saiu com a boca cheia, mas, antes que Luther pudesse escapar, Yank Slader entrou.

— Chegamos a cinco mil e duzentos dólares, meu velho — ele anunciou. — Sem limite à vista. Abigail acaba de gastar seiscentos dólares num vestido para o jantar de Natal, não sei por que não podia usar o do ano passado, mas por que discutir? Os sapatos foram cento e quarenta. A bolsa outros noventa, mas deixe-me continuar. Nesse passo, chegaremos a sete mil. Por favor, deixe-me ir nesse cruzeiro.

Inspirado por Luther, Yank estava anotando os gastos com o Natal. Duas vezes por semana ele atualizava as anotações. O que ele faria com os resultados era ainda incerto. Provavelmente nada, e ele sabia disso.

— Você é o meu herói — ele disse outra vez, e saiu tão depressa quanto tinha chegado.

Eles estão com inveja, Luther pensou. Neste momento, estamos a uma semana da partida e a loucura das festas cresce a cada dia. Eles estão com uma inveja dos diabos. Alguns, como Stanley, relutavam em admitir. Outros, como Yank, estavam realmente orgulhosos de Luther.

Tarde demais para se bronzear. Luther foi até a janela e olhou para a chuva fria caindo sobre a cidade. Céu cinzento, árvores nuas, algumas folhas voando ao vento, o tráfego engarrafado nas ruas, à distância. Que beleza, ele pensou, sentindo-se superior. Bateu na barriga lisa, depois desceu e tomou um refrigerante diet com Biff, a agente de viagens.

Ouvindo a campainha, Nora levantou-se rapidamente da esteira bronzeadora e agarrou uma toalha. Transpirar não era uma coisa de que ela gostasse, e se enxugou vigorosamente.

Estava com um pequeno biquíni vermelho, que parecia maravilhoso na modelo jovem e magra do catálogo, um biquíni que, ela sabia, jamais usaria em público, mas Luther insistiu para ela comprar. Ele olhou boquiaberto para a modelo e ameaçou ele mesmo encomendar a coisa. Não era muito caro, por isso Nora estava com ele agora.

Olhou-se no espelho e outra vez corou ao ver seu corpo com tão pouca roupa. Sim, ela estava emagrecendo. Sim, estava adquirindo um bronzeado. Mas seriam precisos cinco anos de fome e trabalho duro na ginástica para fazer justiça ao que ela usava no momento.

Vestiu rapidamente a calça esporte e a suéter por cima do biquíni. Luther jurava que se bronzeava nu, mas ela não ia ficar nua para ninguém.

Mesmo vestida, ainda se sentia como uma rameira. A coisa era justa em todos os lugares errados e, quando andava, bem, não era exatamente confortável. Mal podia esperar correr para casa, tirar o biquíni e se deliciar com um longo banho quente.

Saiu da Bronzeado para Sempre, virou a esquina e deu de cara com o reverendo Doug Zabriskie, o ministro da sua igreja. Ele carregava uma porção de sacolas de compras, ao passo que Nora tinha só o casaco na mão. Ele estava pálido, ela vermelha e ainda transpirando. Ele estava confortável no seu paletó de *tweed,* sobretudo, o colarinho dos clérigos, camisa negra. O biquíni de Nora impedia a circulação e parecia encolher cada vez mais.

Eles se abraçaram polidamente.

— Senti sua falta no último domingo — ele disse, o mesmo hábito irritante adquirido havia alguns anos.

— Estamos tão ocupados — ela disse, passando a mão na testa para ver se estava molhada de suor.

— Você está bem, Nora?

— Ótima — ela disse, secamente.

— Parece um pouco afobada.

— Andei muito — ela mentiu para o ministro.

Por algum motivo ele olhou para os sapatos dela. Certamente ela não estava usando tênis.

— Podemos conversar por um momento? — ele perguntou.

— Bem, é claro — ela disse.

Havia um banco vazio perto da grade da avenida. O reverendo empilhou as sacolas perto do banco. Quando Nora sentou-se, o pequeno biquíni vermelho de Luther mudou de posição e alguma coisa arrebentou, logo acima dos quadris, uma tira talvez, e alguma coisa começou a escorregar para baixo. Sua calça era folgada, nada justa, e havia bastante espaço para movimento.

— Ouvi os boatos — ele começou suavemente.

Tinha o hábito irritante de se aproximar do rosto da pessoa quando falava. Nora cruzava e descruzava as pernas, e, a cada manobra, as coisas ficavam piores.

— Que tipo de boatos? — ela perguntou, secamente.

— Bem, vou ser franco, Nora — ele disse, chegando cada vez mais perto. — Ouvi de uma boa fonte que você e Luther resolveram não comemorar o Natal este ano.

— Mais ou menos isso, sim.

— Nunca vi isso — ele disse, muito sério, como se os Krank tivessem descoberto uma nova variedade de pecado.

De repente, Nora ficou com medo de se mexer e mesmo imóvel tinha a impressão de continuar a cair fora das roupas. Novas gotas de suor apareceram na sua testa.

— Você está bem, Nora? — ele perguntou.

— Estou ótima, e nós estamos ótimos. Ainda acreditamos no Natal, em comemorar o nascimento de Cristo, só estamos evitando as bobagens este ano. Blair não está em casa e vamos tirar uma folga.

Ele pensou profunda e longamente no assunto, enquanto ela se mexia um pouco.

— É mesmo uma loucura não é? — ele disse, olhando para a pilha de sacolas de compras perto do banco.

— Sim, é. Escute, nós estamos ótimos, Doug. Eu garanto. Estamos felizes, saudáveis e apenas relaxando um pouco. Nada além disso.

— Ouvi dizer que vão viajar.

— Sim, um cruzeiro de dez dias.

Ele passou a mão na barba, como se não estivesse muito certo se aprovava ou não.

— Não vão faltar ao culto da meia-noite, vão? — ele perguntou, com um sorriso.

— Sem promessas, Doug.

Ele bateu de leve no joelho dela e se despediu. Nora esperou que ele desaparecesse de vista e Finalmente reuniu coragem para se levantar. Saiu do shopping, amaldiçoando Luther e seu biquíni.

A filha mais nova da prima da mulher de Vic Frohmeyer era ativa na igreja católica, que tinha um grande coro de jovens que gostavam de cantar canções de Natal pela cidade. Alguns telefonemas e a reunião foi marcada.

Caía um pouco de neve, quando o concerto começou. O coro se dispôs numa meia-lua, na entrada da casa, perto da lâmpada a gás, e foi dada a deixa para começarem a cantar “Oh, cidade pequenina de Belém”. Acenaram para Luther quando ele espiou pela persiana fechada.

Uma pequena multidão logo se formou atrás dos cantores. Garotos da vizinhança. Os Becker, da casa ao lado, o clã dos Trogdon. Um repórter do *Gazette*, levado por uma informação anônima, observou por alguns minutos e, depois de ter certeza, tocou a campainha dos Krank.

Luther abriu a porta, pronto para brigar.

— O que é? — Ouvia-se o som de “Natal branco” ao fundo.

— É o senhor Krank? — perguntou o repórter.

— Sou, e quem é você?

— Brian Brown, do *Gazette*. Posso fazer algumas perguntas?

— Sobre o quê?

— Sobre esse negócio de “pular” o Natal.

Luther olhou para o grupo na entrada da sua casa. Uma daquelas silhuetas escuras lá fora o tinha denunciado. Um dos seus vizinhos tinha telefonado para o jornal. Frohmeyer ou Walt Scheel.

— Não vou falar nada — ele disse e bateu a porta.

Nora estava no chuveiro outra vez, e Luther foi para o porão.

Dez

Luther sugeriu jantar no Angelo’s, seu restaurante italiano favorito. Ficava no térreo de um prédio velho, no centro da cidade, longe das hordas dos shoppings e dos centros comerciais, a cinco quadras do local do desfile. Uma boa noite para estar longe de Hemlock.

Pediram salada com molho leve e macarrão com molho de tomate, sem carne, sem vinho, sem pão. Nora Fizera sete sessões de bronzeamento. Luther dez, e, tomando a água com gás, admiravam sua aparência de gente que vive ao ar livre e riam dos rostos pálidos à sua volta. Uma das avós de Luther era meio italiana e seus genes do Mediterrâneo provavam ser ótimos para o bronzeamento. Ele estava vários tons mais escuro do que Nora, e seus amigos começavam a notar. Luther não se importava. A essa altura, todos sabiam que eles iam para as ilhas.

— Está começando agora — Nora disse, olhando para o relógio.

Luther consultou também o relógio. Sete horas da noite.

O desfile de Natal saía todos os anos do Parque dos Veteranos, perto do centro da cidade. Com carros alegóricos, carros de bombeiros e uma banda. Nunca mudava. Papai Noel sempre ia atrás, num trenó construído pelos rotarianos, escoltado por oito gordos templários em mini-motos. O desfile seguia para oeste e chegava perto de Hemlock. Há dezoito anos, anualmente, os Krank e seus vizinhos acampavam ao longo do caminho do desfile e faziam um evento da ocasião. Era uma noite festiva, uma que Luther e Nora queriam evitar esse ano.

Hemlock estaria turbulenta, cheia de crianças, cantores e tudo o mais. Provavelmente, gangues de bicicleta, cantando “Liberte o homem de neve” e pequenos terroristas plantando tabuletas no seu jardim.

— Como foi o jantar de Natal da firma? — Nora perguntou.

— Parece que o de sempre. A mesma sala, os mesmos garçons, o mesmo bife de filé, o mesmo suflê. Slader disse que Stanley ficou bêbado como um gambá durante o coquetel.

— Eu nunca o vi sóbrio nos coquetéis.

— Ele fez o mesmo discurso... grande esforço, negócios em alta, vamos passar por cima deles no próximo ano, Wiley & Beck é família, obrigado a todos. Esse tipo de coisa. Estou feliz por não ter ido.

— Mais alguém faltou?

— Slader disse que Maupin, da auditoria, não apareceu.

— Eu gostaria de saber o que Jayne vestia.

— Posso perguntar a Slader. Tenho certeza de que ele tomou nota.

A salada chegou e eles olharam para o espinafre-anão como refugiados famintos. Mas, lenta e educadamente, puseram o molho, um pouco de sal e pimenta, e começaram a comer como se a comida não os interessasse a mínima.

O *Princesa da Ilha* servia comida o tempo todo. Luther planejava comer até estourar.

Numa mesa não muito distante, uma jovem bonita com cabelos negros jantava com o namorado. Nora a viu largar o garfo.

— Você acha que ela está bem, Luther?

Luther olhou em volta e perguntou:

— Quem?

— Blair.

Ele acabou de mastigar e pensou na pergunta que Nora agora só fazia três vezes por dia.

— Ela está ótima, Nora. Está se divertindo muito.

— Estará segura? — Outra pergunta padrão, feita como se Luther pudesse ter certeza de que sua Filha estava segura ou não naquele exato momento.

— O Corpo da Paz não perdeu um voluntário em trinta anos. Sim, confie em mim, eles são muito cuidadosos, Nora. Agora, coma.

Ela mexeu na salada com o garfo, comeu um pouco, perdeu o interesse. Luther limpou o prato e olhou para o dela.

— Vai comer isso? — ele perguntou.

Ela trocou os pratos e num instante Luther limpou o dela também. O macarrão chegou e ela olhou. Depois de algumas pequenas garfadas, parou de repente com o garfo entre o prato e a boca. Então, passou o talher e disse:

— Eu esqueci.

Luther mastigava vigorosamente.

— Esqueceu o quê?

Nora parecia aterrorizada.

— O que foi, Nora? — ele perguntou, engolindo rapidamente.

— Aqueles juízes não aparecem depois do desfile?

Então, Luther entendeu. Deixou o garfo no prato por um momento, tomou água. Olhou dolorosamente para longe. Sim, era verdade.

Depois do desfile, o comitê de Parques e Recreação passava pelo bairro, num carro alegórico puxado por um trator John Deere e examinava o nível do espírito de Natal. Conferiam prêmios individuais a várias categorias — desenho original, iluminação festiva etc. E entregavam um prêmio para a rua mais bem decorada. Hemlock tinha ganho a fita azul duas vezes.

No ano anterior, Hemlock ficou em segundo lugar porque, segundo as fofocas de rua, duas casas não tinham um homem de neve no telhado. Boxwood Lane, três quadras ao norte, apareceu de lugar nenhum com uma fileira cintilante de balas em forma de bengalas — Candy Cane Lane, eles se chamaram — e tirou o primeiro lugar de Hemlock. Frohmeyer distribuiu memorandos durante um mês.

O jantar, agora arruinado, foi interrompido, enquanto eles mexiam na comida com os garfos e procuravam matar o maior tempo possível. Duas xícaras grandes de café sem cafeína. Quando o Angelo's ficou vazio, Luther pagou a

conta e foram para casa, bem devagar.

Não teve dúvida, Hemlock perdeu outra vez. Luther apanhou o *Gazette* quando ainda estava escuro e viu horrorizado a primeira página das notícias da cidade. Os ganhadores dos prêmios estavam numa lista — Avenida Cherry, primeiro lugar, Boxwood Lane, segundo, Stanton terceiro. Trogdon, no outro lado da rua, com mais de catorze mil luzes, ficou em quarto, na categoria de iluminação festiva.

No centro da página, estava uma grande foto em cores da casa dos Krank, tirada de alguma distância. Luther a examinou atentamente, tentando determinar o ângulo. O fotógrafo tirara a foto em ângulo aberto, como de uma vista aérea.

A casa vizinha, dos Becker, cintilava com um estonteante show de luzes. No outro lado, a casa e o jardim dos Kerr mostravam linhas perfeitamente alternadas de vermelho e verde, milhares de luzes agora.

A casa dos Krank estava às escuras.

A leste, as casas dos Frohmeyer, dos Nugent e dos Galdy eram vistas cintilando calorosamente, todas com seus homens de neve comodamente instalados nos telhados. A oeste, as casas dos Dent, dos Sloane e dos Bellington, todas irradiavam o esplendor do Natal.

A casa dos Krank estava muito escura.

— Scheel — Luther resmungou.

A foto fora tirada diretamente do outro lado da rua. Walt Scheel deixara o fotógrafo subir no telhado da sua casa de dois andares e usar uma lente ampla. Provavelmente, com toda a rua o incentivando.

Sob a foto, havia uma breve reportagem. O título: **PULANDO O NATAL.**

"A casa do senhor e da senhora Krank está muito escura neste Natal. Enquanto o resto dos seus vizinhos, na rua Hemlock, estão decorando e se preparando para o Papai Noel, os Krank vão pular o Natal e se preparam para um cruzeiro, segundo fontes não identificadas. Nada de árvore, nada de luzes e nada de homem de neve no telhado, a única casa na Hemlock a conservar o homem de

neve escondido no porão. (Hemlock, uma rua que frequentemente ganha o prêmio de decoração do *Gazette*, ficou em sexto lugar este ano.) 'Espero que eles estejam satisfeitos agora', queixou-se um vizinho não identificado. 'Uma nojenta demonstração de egoísmo', disse outro."

Se Luther tivesse uma metralhadora, teria corrido para fora e começado a metralhar as casas.

Em vez disso, ficou sentado por um longo tempo, com um nó no estômago, tentando se convencer de que tudo aquilo ia passar. Faltavam quatro dias para a viagem, e quando voltassem, todos aqueles malditos homens de neve estariam guardados e as luzes e as árvores teriam desaparecido. As contas começariam a chegar e talvez seus vizinhos maravilhosos olhassem para ele com mais simpatia.

Folheou o jornal, mas não podia se concentrar. Finalmente, Luther se resolveu, cerrou os dentes e levou a má notícia para a mulher.

— Que modo horrível de acordar — Nora disse, tentando focalizar a foto do jornal. Esfregou os olhos e tentou ver melhor.

— Aquele idiota do Scheel deixou o fotógrafo subir no telhado — Luther disse.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Veja a foto.

Ela estava tentando. Então, conseguiu focalizar e leu a reportagem. Deixou escapar uma exclamação abafada quando leu "... nojenta demonstração de egoísmo".

— Quem disse isso? — ela quis saber.

— Scheel ou Frohmeyer. Quem sabe. Estou no chuveiro.

— Como eles se atrevem! — Nora disse, olhando para a foto.

É isso mesmo, Luther pensou. Fique zangada. Enrijeça as costas. Faltam só quatro dias — não vamos entrar em colapso agora.

Naquela noite, depois do jantar e de um esforço para assistir à televisão, Luther resolveu andar um pouco. Agasalhou-se e enrolou um cachecol no pescoço. Estava abaixo de zero lá fora, com probabilidade de neve. Ele e Nora tinham comprado uma das primeiras casas da Hemlock e não iam agora ser obrigados a se esconder dentro dela. Aquela era a sua rua, seu bairro, seus amigos. Logo esse pequeno episódio seria esquecido.

Luther andou, as mãos enfiadas nos bolsos, o ar frio revigorando seus pulmões.

Foi até o fim do cruzamento com Moss Point, antes de Spike Frohmeyer farejar sua pista e o alcançar no seu skate.

— Oi, senhor Krank — ele disse, dando uma volta para parar.

— Ora, olá, Spike.

— O que o traz para fora de casa?

— Estou só andando um pouco.

— Está gostando das decorações de Natal?

Claro. E você, o que está fazendo aqui fora?

— Só vigiando a rua — Spike disse e olhou em volta, como se uma invasão fosse iminente.

— O que o Papai Noel vai trazer para você?

Spike sorriu e pensou por um segundo.

— Não tenho certeza, mas provavelmente um Gameboy e um taco de hóquei e uma bateria.

— Coisa à beça.

— Claro que não acredito mais, o senhor sabe. Mas Mike tem só cinco anos e por isso nós todos fingimos acreditar.

— Claro.

— Tenho de ir. Feliz Natal.

— Feliz Natal para você, Spike — Luther disse, fazendo a saudação

proibida pela primeira vez nesse ano.

Spike desapareceu na Hemlock, sem dúvida, correndo para casa para informar ao pai que o senhor Krank estava fora de casa e solto na calçada.

Luther parou na frente do espetáculo dos Trogdon — mais de catorze mil lâmpadas enroladas nas árvores, nos arbustos, nas janelas e nas colunas da varanda. No telhado, junto com o homem de neve, estavam Papai Noel e suas renas — Rodolfo, é claro, com o nariz brilhante —, tudo perfeitamente delineado com lâmpadas brancas. O telhado estava decorado com duas Fileiras de lâmpadas vermelhas e verdes, alternadas. A chaminé piscava também — centenas de luzes azuis pulsavam, iluminando com uma luz fantasmagórica o velho homem de neve. Ao longo dos arbustos, perto da casa, um esquadrão de soldados montava guarda, cada um do tamanho de um homem e enrolado em luzes de várias cores. No centro do jardim, um belo presépio completo com fardos de feno e uma cabra, cuja cauda mexia-se para cima e para baixo.

Um grande espetáculo.

Luther ouviu um barulho, uma escada caindo na garagem, na casa ao lado da dos Trogdon. A porta da garagem estava levantada e nas sombras ele viu Walt Scheel lutando com outra fileira de luzes. Ele se aproximou e pegou Walt de surpresa.

— Boa noite, Walt — ele disse.

— Ora, ora, se não é o próprio Scrooze — Walt disse, com um sorriso forçado. Trocaram um aperto de mãos, cada um tentando pensar em alguma coisa inteligente e engraçada para dizer. Luther deu um passo para trás, olhou para cima e disse:

— Como aquele fotógrafo subiu lá em cima?

— Que fotógrafo?

— O do Gazette.

— Ah, aquele.

— Sim, aquele.

— Ele escalou.

— Não brinca. Por que você deixou?

— Eu não sei. Ele disse que queria pegar toda a rua.

Luther bufou e, antes de ir embora, disse:

— Estou um pouco surpreso com você, Walt — embora não estivesse nem um pouco surpreso.

Há onze anos, tratavam-se com cordialidade superficial, nenhum querendo uma inimizade declarada. Mas Luther não gostava de Walt por seu esnobismo e arrogância, e Walt não gostava de Luther porque desconfiava que tinham salários quase iguais.

— E eu estou um pouco surpreso com você — Walt disse, mas nenhum dos vizinhos estava nem um pouco surpreso.

— Acho que você tem uma lâmpada apagada ali

— Luther disse, apontando para um arbusto com cem lâmpadas enroladas.

— Vou tratar disso *já*.

— A gente se vê — Luther disse, se afastando.

— Feliz Natal — Walt disse.

É, *é* isso aí.

Onze

A festa de Natal do escritório da Wiley & Beck começava com um almoço servido por dois irmãos rivais que faziam a melhor *baklava* da cidade. O bar abria exatamente às onze e quarenta e cinco — na verdade, três bares — e, logo depois, as coisas esquentavam. Stanley Wiley era o primeiro a ficar chapado — ele culpava o *eggnog* muito forte —, subia numa caixa, na cabeceira da mesa de conferências, e fazia o mesmo discurso de uma semana antes, no jantar de Natal a rigor. Então, eles davam a ele um presente, uma espingarda ou outra coisa inútil qualquer, que ele agradecia praticamente chorando e dava a um cliente três meses depois. Havia outros presentes, alguns discursos e uma ou duas canções, enquanto a bebida fluía livremente. Num ano apareceram dois *strippers*, e, acompanhando as batidas de um tambor, se despiram até a cueca de pele de leopardo, enquanto os homens corriam procurando se esconder e as secretárias gritavam deliciadas. Dox, a secretária de Luther, foi quem gritou mais alto e ainda tinha fotos dos rapazes. Num memorando, Stanley proibira futuros *strippers* masculinos.

Às cinco horas, os mais formais e equilibrados contabilistas da Wiley & Beck estariam assediando ou tentando assediar as secretárias. Ficar bêbado era um comportamento aceito. Carregavam Stanley para seu escritório e o enchiam de café antes dele voltar para casa. A firma alugava carros para que ninguém precisasse dirigir.

Resumindo, era uma bagunça. Mas os sócios adoravam, porque era bom se embriagar longe das mulheres, que tinham sido adequadamente entretidas no jantar formal da Firma e nunca eram convidadas para a festa do escritório. As secretárias adoravam, porque viam e ouviam coisas que podiam guardar e usar para fazer chantagem pelo resto do ano.

Luther detestava a festa de Natal, mesmo num bom ano. Ele bebia pouco, nunca se embriagava, e todos os anos ficava embaraçado com o comportamento

idiota dos seus companheiros de trabalho.

Por isso, ficou no seu escritório, com a porta trancada, tratando dos detalhes de última hora. Então, a música começou na outra extremidade do corredor, logo depois das 11 horas da manhã. Luther esperou o momento certo e desapareceu. Era o dia 23 de dezembro. Ele não retornaria até o dia 6 de janeiro, e a essa altura o escritório teria voltado ao normal.

As festas já iam tarde.

Parou na agência de viagens para se despedir de Biff, mas ela já tinha saído para um novo fabuloso local no México que oferecia um pacote de festas. Ele caminhou rapidamente para seu carro, orgulhoso por estar ignorando a loucura no sexto andar. Foi para o shopping, para uma última sessão de bronzeamento, um último olhar ao bando de idiotas que esperavam até quase o último minuto para fazer as compras. O tráfego estava denso, lento, e quando finalmente chegou ao shopping, um policial de trânsito bloqueava a entrada. Os estacionamentos estavam lotados. Nem mais uma vaga. Vá embora.

Com prazer, Luther pensou.

Encontrou com Nora para o almoço numa confeitaria repleta de gente, no Distrito. Tinham feito reserva, uma coisa que não faziam no resto do ano. Ele estava atrasado. Nora estivera chorando.

— E Bev Scheel — ela disse. — Foi fazer um *check-up* ontem. O câncer voltou pela terceira vez.

Embora Walt e Luther não fossem grandes amigos, suas mulheres conseguiram manter um bom relacionamento nos últimos dois anos. Na verdade, durante muitos anos, ninguém na Hemlock tinha relações estreitas com os Scheel. Eles se esforçavam nesse sentido, expondo sempre sua renda mais alta.

— Atingiu os pulmões — Nora disse, enxugando os olhos. Pediram água com gás. — E suspeitam de que já esteja nos rins e no fígado.

Luther fez uma careta, pensando na invasão horrível e sorrateira da doença.

— Isso é horrível — ele disse, em voz baixa.

— Este pode ser seu último Natal.

— O médico disse isso? — ele perguntou, desconfiando de prognósticos

amadores.

— Não, eu é que digo.

Falaram dos Scheel por muito tempo, e quando Luther achou que era suficiente disse:

— Partimos dentro de quarenta e oito horas. Um brinde. — Tocaram os copos de plástico e Nora conseguiu sorrir.

Enquanto comiam a salada, Luther perguntou:

— Algum remorso?

Ela balançou a cabeça, engoliu e disse:

— Bem, senti falta da árvore, às vezes, das decorações, da música, das lembranças, eu acho. Mas não do movimento, das compras e do estresse. Foi uma grande ideia, Luther.

— Eu sou um gênio.

— Não vamos exagerar. Você acha que Blair vai pelo menos pensar no Natal?

— Não, se tiver sorte. Eu duvido — falou, com a boca cheia. — Ela está trabalhando com um bando de selvagens pagãos que adoram rios e coisas assim. Por que eles iam parar de trabalhar no Natal?

— Acho que está sendo um pouco rigoroso demais, Luther. Selvagens?

— Brincadeira, querida. Tenho certeza de que são boa gente. Não se preocupe.

— Ela disse que nunca olha para um calendário.

— Ora, isso é impressionante. Tenho dois calendários no escritório e ainda esqueço muitas vezes em que dia estamos.

Millie, da Clínica de Mulheres, apareceu com um grande abraço em Nora e os votos de feliz Natal para Luther, que teria ficado irritado se Millie não fosse alta e esbelta e muito engraçadinha para uma mulher da sua idade. Cinquenta e poucos anos.

— Ouviu sobre Bev Scheel? — Millie murmurou, como se Luther tivesse desaparecido de repente. Agora ele estava irritado. Rezou para nunca ter nenhuma doença grave, não nesta cidade. As voluntárias iam saber antes dele.

Dê-me um enfarto ou um acidente de carro, alguma coisa rápida. Alguma coisa que não possa ser murmurada enquanto eu definho.

Finalmente, Millie foi embora e eles terminaram as saladas. Luther estava faminto quando pagou a conta e mais uma vez sonhou com os prazeres da comida dos folhetos do *Princesa da Ilha.*

Nora tinha coisas para fazer. Luther não tinha. Ele foi para Hemlock, estacionou na frente da sua casa, aliviado por ver que não havia nenhum vizinho por perto. Na correspondência, encontrou mais quatro cartões anônimos de homem de neve, com carimbos dos correios de Rochester, Fort Worth, Green Bay e St. Louis. O bando de Frohmeyer da universidade viajava muito, e Luther suspeitava de que aquele fosse seu joguinho. Frohmeyer era ousado e bastante criativo para inventar uma brincadeira daquelas. Trinta e um cartões de homem de neve já recebidos, dois da distante Vancouver. Luther estava guardando, e, quando voltasse do Caribe, pretendia pôr todos num grande envelope e mandar, anonimamente é claro, para Vic Frohmeyer, que morava duas casas depois da sua.

— Vão chegar com todas as contas dos cartões de crédito — Luther pensou, pondo os cartões com o homem de neve numa gaveta, junto com os outros. Acendeu o fogo, sentou-se na sua cadeira, coberto com uma manta, e adormeceu.

*** * ***

Foi uma noite movimentada em Hemlock. Bandos turbulentos de cantores se revezavam na frente da casa dos Krank. Muitas vezes, eram ajudados pelos vizinhos, possuídos pelo espírito do Natal. Num dado momento, o canto de “Nós queremos o homem de neve!” ecoou atrás de um coro do Lions Club.

Tabuletas feitas à mão exigindo “Liberte o homem de neve" apareceram, a primeira enfiada no chão por Spike Frohmeyer. Ele e seu pequeno bando andavam para cima e para baixo na Hemlock com seus skates e bicicletas, gritando e festejando com exuberância pré-natalina.

Começou uma festa improvisada. Trish Trogdon fez chocolate quente para

as crianças, enquanto seu marido, Wes, instalava alto-falantes na entrada da casa. Logo “Frosty, o homem de neve" e “Toca o sino" ecoavam na noite, só interrompidos quando um coro verdadeiro chegava para fazer serenata para os Krank. Wes tocou uma seleção de favoritos, mas seu favorito, naquela noite, era “Frosty".

A casa dos Krank permaneceu escura e quieta, trancada e segura. Nora estava no quarto, reunindo o que ia pôr na mala. Luther estava no porão, tentando ler.

Doze

Na véspera de Natal, Luther e Nora dormiram até quase as sete horas, quando o telefone os acordou. “Posso falar com Frosty?”, disse uma voz de adolescente, e antes que Luther tivesse tempo de responder, desligaram. Mas ele conseguiu rir e, quando saltou da cama, bateu nos músculos firmes da barriga e disse:

— As ilhas nos chamam, querida. Vamos fazer as malas.

— Traga meu café — ela disse, afundando mais debaixo das cobertas.

A manhã estava nublada e fria. A possibilidade de um Natal com neve era de cinquenta por cento. Luther certamente não queria um Natal branco. Nora teria uma crise de nostalgia se nevasse na véspera de Natal. Ela fora criada em Connecticut, onde, segundo dizia, todos os natais eram brancos.

Luther não queria que o tempo impedisse seu voo no dia seguinte.

Foi até a janela da frente tomando o café, exatamente onde a árvore estaria, e olhou para o jardim, para se certificar de que não fora vandalizado por Spike Frohmeyer e seu bando de fora-da-lei, e olhou para a casa dos Scheel, no outro lado da rua. Apesar de todas as luzes de decorações, era um lugar tristonho. Walt e Bev estavam em casa, tomando café, movimentando-se num pesadelo, ambos sabendo que esse podia ser seu último Natal juntos. Por um momento, Luther sentiu uma pontada de remorso por eliminar o Natal, mas não durou muito.

Na casa dos Trogdon, ao lado da sua, as coisas eram, sem dúvida, diferentes. Eles seguiam o estranho costume de abrir os presentes na manhã da véspera de Natal, vinte e quatro horas antes do resto do mundo, depois entravam todos na mini-van e corriam para um hotel, para esquiar durante uma semana. O mesmo hotel todos os anos, e Trogdon explicava que eles faziam o jantar de Natal numa cabana de pedra, na frente de um fogo enorme na lareira, com trinta

outros Trogdon. Muito aconchegante. Era maravilhoso esquiar, as crianças adoravam e a família toda se dava bem.

Um carinho diferente.

Assim, os Trogdon já estavam de pé, desembrulhando pilhas de presentes. Luther percebia o movimento em volta da árvore, e sabia que esta- riam carregando caixas e malas para a van, e então começava a gritaria. Os filhos dos Trogdon seriam levados embora antes de serem obrigados a explicar como tinham conseguido tantos presentes de Papai Noel.

Fora isso, Hemlock estava quieta, preparando-se para as festividades.

Luther tomou outro gole e sorriu com superioridade para o mundo. Na manhã de uma típica véspera de Natal, Nora pulava da cama ao nascer do sol com duas longas listas, uma para ela e outra maior ainda para ele. Às sete horas, ela *já* tinha o peru no fogo, a casa estava brilhando, as mesas arrumadas para a festa e seu marido exausto, lá fora, na selva, no movimento de última hora, com sua lista. Eles gritavam um com o outro, pessoalmente e pelo celular. Ele se esquecia de alguma coisa e o mundo parecia que ia acabar.

Caos total. Então, por volta das seis horas da tarde, quando estavam ambos mais do que exaustos e fartos das festas, os convidados começavam a chegar. Os convidados estavam também exaustos por causa da correria do Natal, mas se esforçavam para fazer o melhor possível.

A festa de Natal dos Krank começara há alguns anos com mais ou menos uma dúzia de amigos convidados para aperitivos. No ano passado, tinham alimentado cinquenta.

Seu sorriso de satisfação aumentou. Ele gostava da solidão da sua casa e da perspectiva de não ter nada para fazer a não ser jogar algumas roupas numa mala e se preparar para as praias.

Tomaram café tarde, cereal de fibra e iogurte. A conversa, enquanto ele lia o *Gazette*, foi tranquila e agradável. Nora estava tentando ignorar esportiva- mente as lembranças dos natais passados. Ela se esforçava para se entusiasmar com a viagem.

— Você acha que ela está segura? — ela perguntou, finalmente.

— Ela está ótima — Luther disse, sem erguer os olhos.

Ficaram na janela da frente falando sobre os Scheel e vendo o movimento na casa dos Trogdon. O movimento começou na Hemlock quando algumas pessoas se aventuraram a sair para uma investida na loucura. Um caminhão de entregas parou na frente da sua casa. Butch, o entregador, saiu do caminhão carregando uma caixa. Correu para a porta da frente no momento em que Luther a abria.

— Feliz Natal — ele disse secamente, atirando o embrulho para Luther. Uma semana antes, quando as entregas eram menos estressantes, Butch tinha se demorado um pouco, esperando seu Natal de todos os anos. Luther explicou que nesse ano não estavam comemorando o Natal. “Veja, não temos árvore, Butch, nem decorações. Nem presentes. Nenhuma luz nos arbustos, nenhum Frosty no telhado. Apenas ignorando as festas este ano, Butch. Nada de calendários da polícia, nada de panetones dos bombeiros. Nada, Butch.”

Butch foi embora sem nada.

A caixa era de uma firma de vendas pelo correio, chamada Boca Beach. Luther a descobriu na Internet. Levou o embrulho para o quarto, trancou a porta e vestiu um conjunto de camisa e short que, no catálogo, parecia um pouco excêntrico, mas agora, em Luther, parecia decididamente espalhafatoso.

— O que é, Luther? — Nora perguntou, batendo na porta.

O conjunto era amarelo-claro, com figuras da vida marinha — grandes peixes com bolhas saindo da boca. Extravagante, sim. Idiota, sim.

E Luther decidiu ali mesmo que iria adorá-lo e usá-lo com orgulho numa das piscinas do *Princesa da Ilha.* Abriu a porta. Nora cobriu a boca e imediatamente começou uma risada histérica. Ele desfilou no corredor, com ela atrás, morrendo de rir, os pés bronzeados contrastando com o tapete cáqui, e entrou na sala de estar, onde parou orgulhoso na frente da janela para que toda Hemlock pudesse ver.

— Você não vai usar isso! — Nora disse, dando gargalhada atrás dele.

— Claro que vou!

— Então, eu não vou!

— Sim, você vai.

— É horroroso.

— Você está com inveja porque não tem um igual.

— Estou muito feliz por não ter.

Ele a segurou e dançaram pela sala, os dois rindo, Nora chorando de tanto rir. Seu marido, um severo contabilista de impostos na austera firma Wiley & Beck, tentando se vestir como um malandro de praia. E não conseguindo nem chegar perto.

O telefone tocou.

Como Luther lembraria depois, ele e Nora pararam de dançar e de rir no segundo toque, talvez no terceiro, e por algum motivo ficaram parados olhando para o telefone. O telefone tocou outra vez. Tudo estava quieto e imóvel, e como ele lembrou mais tarde, parecia em câmera lenta.

— Alô — ele disse. Por algum motivo, o fone parecia pesado.

— Papai, sou eu.

Luther ficou surpreso e não ficou. Surpreso por ouvir a voz de Blair, mas não surpreso por ela ter conseguido um telefone para falar com os pais e desejar um feliz Natal. Tinham telefones no Peru. Luther só com esforço imaginava sua filha adorada numa choça na selva, gritando em algum telefone portátil via satélite.

— Blair — ele disse. Nora, de um salto, estava ao seu lado.

A palavra seguinte que Luther registrou foi "Miami”. Houve palavras antes e depois, mas só essa ele gravou. Com alguns segundos de conversa, Luther estava tentando não se afogar. As coisas estavam começando.

— Como você está, querida? — ele perguntou.

Algumas palavras, depois aquela palavra “Miami” outra vez.

— Você está em Miami? — Luther disse, sua voz alta e seca. Nora se aproximou rapidamente, até ficar com os olhos a poucos centímetros dos dele.

Então, ele escutou. Então, repetiu.

— Você está em Miami, vem passar o Natal em casa. Que maravilha, Blair!

— Nora descerrou os dentes, escancarou a boca de um modo que Luther nunca tinha visto.

Escutou mais um pouco.

— Quem? Enrique? — Então, a todo volume, Luther disse: — Seu noivo? Mas que noivo?

Nora de algum modo conseguiu pensar e apertou o botão de viva-voz do telefone. A voz de Blair ecoou na sala.

— Ele é um médico peruano que conheci aqui e é simplesmente maravilhoso. Foi amor à primeira vista e em uma semana resolvemos casar. Ele nunca esteve nos Estados Unidos e está entusiasmado. Contei a ele sobre nosso Natal — a árvore, as decorações, Frosty no telhado, a festa de Natal, tudo. Está nevando, papai? Enrique nunca viu um Natal branco.

— Não, meu bem, ainda não. Fale com sua mãe. — Luther deu o fone para Nora, que o segurou, embora com o viva-voz não fosse preciso.

— Blair, onde você está, querida? — Nora perguntou, conseguindo parecer entusiasmada.

— No aeroporto de Miami, mamãe, e devemos chegar aí às seis horas e três minutos. Mamãe, você vai adorar Enrique, ele é a coisa mais doce, e bonito de morrer também. Estamos loucamente apaixonados. Falaremos sobre o casamento, provavelmente no próximo verão, o que você acha?

— Bem, veremos.

Luther estava caído no sofá, aparentemente atacado por uma doença mortal.

Blair continuou.

— Contei a ele tudo sobre o Natal em Hemlock, as crianças, Frosty, a grande festa em nossa casa. Vocês vão dar a festa, não vão?

Luther, quase morto, gemeu, e Nora cometeu seu primeiro erro. No pânico do momento, ela não podia ser culpada por não conseguir pensar direito. O que ela devia ter dito, o que ela queria dizer, o que Luther, mais tarde, com perfeita percepção tardia disse que ela devia ter dito era: “Bem, não, querida, não vamos dar a festa este ano.”

Mas nada estava claro naquele momento, e Nora disse:

— É claro que vamos.

Luther gemeu outra vez. Nora olhou para ele, o malandro de praia derrotado com aquele conjunto ridículo, deitado como se tivesse levado um tiro. Certamente, ela teria atirado nele se tivesse a menor oportunidade.

— Ótimo. Enrique sempre quis ver o Natal dos Estados Unidos. Eu contei tudo para ele. Não é uma surpresa maravilhosa, mamãe?

— Oh, meu bem, estou tão entusiasmada — Nora conseguiu dizer, com convicção suficiente. — Vamos nos divertir muito.

— Mamãe, nada de presentes, está bem? Por favor, prometa que não haverá presentes. Eu quis fazer uma surpresa vindo para casa, mas não quero você e papai correndo agora para comprar uma porção de presentes.

— Prometo.

— Ótimo. Mal posso esperar para chegar em casa.

Você esteve fora só um mês, Luther queria dizer.

— Tem certeza de que está tudo bem, mamãe? — Como se Luther e Nora tivessem escolha. Como se pudessem dizer: “Não, Blair, você não pode vir para casa para o Natal. Faça meia-volta e vá outra vez para a selva do Peru.”

— Tenho de correr. Voaremos daqui para Atlanta, depois para casa. Podem nos esperar no aeroporto?

— É claro, querida — Nora disse. — Sem problema. E você disse que ele é médico?

— Sim, mamãe, e ele é tão maravilhoso!

Luther sentou-se na ponta do sofá com as mãos no rosto e parecia que estava chorando. Nora ficou parada, segurando o fone com as mãos na cintura, resolvendo se o jogava ou não em Luther.

Contrariando o que queria realmente, resolveu não jogar.

Ele abriu as mãos o bastante para perguntar:

— Que horas são?

— Onze e quinze, vinte e quatro de dezembro.

A sala ficou silenciosa e parada até ele dizer:

— Por que você disse que vamos dar a festa?

— Porque vamos dar a festa.

— Oh.

— Não sei quem virá ou o que vão comer quando chegarem aqui. Mas vamos dar uma festa.

— Não tenho certeza...

— Não comece, Luther. A ideia idiota foi sua.

— Você não a achou idiota ontem.

— Sim, mas hoje você é um idiota. Vamos dar a festa, senhor malandro da praia, e vamos armar uma árvore, com luzes e decorações, e você vai levar seu pequeno traseiro até o telhado e armar Frosty.

— Não!

— Sim!

Outra longa pausa e Luther ouvia um relógio tiquetaqueando alto em algum lugar da cozinha. Ou talvez fossem as batidas do seu coração. Olhou para o short que vestia. Há poucos minutos, ele o vestira, antecipando uma viagem mágica ao paraíso.

Nora pôs o fone no lugar, foi para a cozinha e começou a abrir e fechar gavetas.

Luther continuou a olhar para o short colorido. Agora sentia náusea só de olhar para ele. Lá se iam o cruzeiro, as praias, as ilhas, as águas quentes e a comida farta.

Como um telefonema podia mudar tanta coisa?

Treze

Luther caminhou vagarosamente para a cozinha, onde sua mulher, sentada à mesa, começava a fazer as listas.

— Podemos falar a respeito disso tudo? — ele pediu.

— Falar o quê, Luther? — ela perguntou, agressiva.

— Vamos contar a verdade.

— Outra ideia cretina.

— A verdade é sempre melhor.

Ela parou de escrever e olhou para ele, zangada.

— Aqui está a verdade, Luther. Temos menos de sete horas para arrumar esta casa para o Natal.

— Ela devia ter telefonado antes.

— Não, ela pensou que estaríamos aqui com uma árvore, presentes e uma festa, como sempre. Quem ia pensar que dois adultos sensatos iam resolver pular o Natal e fazer um cruzeiro?

— Talvez a gente ainda possa ir.

— Outra ideia cretina, Luther. Ela está vindo para casa com o noivo. Será que você não registrou isso? Tenho certeza de que ficarão aqui pelo menos uma semana. Pelo menos eu espero. Esqueça o cruzeiro. Neste momento, você tem problemas maiores.

— Não vou armar o Frosty.

— Vai, sim. E vou dizer mais uma coisa: Blair nunca vai saber do cruzeiro, compreende? Ela ficaria arrasada se soubesse que interferiu nos nossos planos.

Você está entendendo, Luther?

— Sim, senhora.

Jogou uma folha de papel para ele.

— Aqui está o plano, seu bobo. Você compra uma árvore. Eu apanho as luzes e os ornamentos do sótão. Enquanto você decora, vou às compras ver se ainda encontro alguma comida para a festa.

— Quem vem à festa?

— Não cheguei aí ainda. Agora, mexa-se. E troque de roupa. Você está ridículo.

— Os peruanos não são morenos? — ele perguntou.

Nora ficou imóvel por um segundo. Olharam um para o outro, depois desviaram os olhos.

— Acho que isso não importa agora — ela disse.

— Ela não vai mesmo casar, vai? — Luther disse, incrédulo.

— Vamos nos preocupar com o casamento se sobrevivermos ao Natal.

Luther correu para o carro, deu marcha a ré e saiu correndo. Sair foi fácil. Voltar ia ser doloroso.

O trânsito logo ficou denso, e, sentado no carro, ele praguejava, furioso. Mil pensamentos passaram por sua mente sobrecarregada. Uma hora atrás, ele se deliciava com uma manhã tranquila, tomando sua terceira xícara de café etc. Agora, olhem só para ele — outro perdedor no trânsito, enquanto o relógio continuava a andar.

Os escoteiros vendiam árvores num estacionamento da Kroger. Luther parou o carro e desceu. Viu um escoteiro, um mestre de escoteiros, uma árvore. O negócio estava terminando naquelas festas.

— Feliz Natal, senhor Krank — disse o mestre de escoteiros, que parecia vagamente familiar. — Sou Joe Scanlon, o mesmo cara que levou uma árvore à sua casa há algumas semanas.

Luther escutava, mas também olhava para a última árvore, uma anã mirrada que sobrou por razões óbvias.

— Vou levar — ele disse.

— Vai mesmo?

— Vou, quanto?

Uma tabuleta feita à mão, encostada numa picape, tinha uma lista de preços que começava com 75 dólares e descia até 15, à medida que os dias passavam. Todos os preços, incluindo os 15 dólares, estavam riscados.

Scanlon hesitou, depois disse:

— Setenta e cinco dólares.

— Por que não quinze?

— Oferta e procura.

— É um roubo.

— É para os escoteiros.

— Eu dou cinquenta.

— Setenta e cinco, leve ou deixe.

Luther deu o dinheiro e o escoteiro pôs um papelão amarrotado em cima do Lexus de Luther. Ergueram a árvore para cima do carro e amarraram com uma corda. Luther os observava atentamente, olhando para o relógio a todo momento.

Quando a árvore estava no lugar, o capô e a porta da mala já estavam cheios de agulhas de pinheiro.

— Precisa de água — disse o escoteiro.

— Pensei que não fossem comemorar o Natal — Scanlon disse.

— Feliz Natal — Luther disse mal-humorado, entrando no carro.

— Eu não iria muito depressa.

— Por que não?

— Essas agulhas de pinheiro estão secas demais.

De volta ao tráfego, Luther, na direção, olhava para a frente, seguindo devagar. Num sinal, um carrinho de refrigerantes se aproximou e parou ao seu lado. Ele ouviu alguém gritar, olhou para a esquerda e abriu a janela. Dois caipiras olhavam para ele, sorrindo.

— Ei, amigão, essa é a árvore mais feia que já vi! — um deles gritou.

— É Natal, vamos lá, gaste algum dinheiro! — berrou o segundo, e os dois caíram na gargalhada.

— Aquela árvore está perdendo o pêlo mais depressa do que um cachorro com sarna — gritou um deles, e Luther levantou o vidro. Mas ainda ouvia a risada deles.

Quando estava chegando perto de Hemlock, seu pulso acelerou. Com um pouco de sorte, talvez pudesse entrar em casa sem ser visto. Sorte? Como podia esperar ter sorte?

Mas aconteceu. Passou rapidamente pelas casas dos vizinhos, entrou na entrada da sua casa em duas rodas e parou na garagem. Tudo isso sem ver viva alma. Saltou do carro e estava soltando as cordas que seguravam a árvore, quando parou e olhou, incrédulo. A árvore estava completamente nua — nada além dos galhos retorcidos, nenhum sinal de verde. As agulhas de pinheiro sobre as quais Scanlon o tinha avisado voavam ainda ao vento entre a Kroger e a Hemlock.

Luther olhou em volta, inspecionou a rua, depois tirou a árvore do carro e a arrastou para o quintal, onde ninguém podia ver. Pensou em acender um fósforo e livrar a coitada daquela miséria, mas não havia tempo para cerimônias.

Felizmente, Nora já tinha saído. Luther entrou em casa e quase colidiu com um muro de caixas que ela trouxera do sótão — caixas cuidadosamente marcadas: ornamentos novos, ornamentos velhos, grinaldas, luzes da árvore, luzes de fora. Nove ao todo, e ele incumbido de decorar a árvore. Levaria dias.

Que árvore!

No corredor, ao lado do telefone, ela deixara um recado com os nomes de quatro casais para ele telefonar. Todos amigos muito íntimos, do tipo que se pode confessar e dizer: “Escutem, estamos numa fria. Blair vem para casa. Por favor,

nos perdoem e venham à nossa festa. ”

Telefonaria mais tarde. Mas o bilhete mandava que o fizesse já. Por isso, ele discou o número de Gene e Annie Laird, talvez seus amigos mais antigos na cidade. Gene atendeu gritando, porque estava no meio de uma barulheira.

— Netos! — ele disse. — Os quatro. Você tem um lugar sobrando no barco do cruzeiro, meu velho?

Luther cerrou os dentes e entrou numa rápida narrativa, depois fez os convites.

— Que trapalhada! — Gene gritou. — Ela vem para casa agora?

— Certo.

— E traz um peruano?

— Isso aí. Um choque, na verdade. Vocês podem nos ajudar?

— Lamento, amigo. Estamos com gente da família, de cinco estados.

— Ah, eles também estão convidados. Precisamos de muita gente.

— Vou consultar Annie.

Luther bateu o telefone. Olhou para a nova caixa e teve uma ideia, provavelmente uma má ideia, mas, no momento, as boas estavam escassas. Correu para a garagem e olhou para o outro lado da rua, para a casa dos Trogdon. A van estava cheia de bagagem, com esquis amarrados em cima. Wes Trogdon apareceu da garagem com uma mochila para pôr no carro. Luther atravessou rapidamente o jardim dos Becker e gritou:

— Ei, Wes.

— Olá, Luther — ele disse, apressadamente. — Feliz Natal.

— É. Feliz Natal para você.

Encontraram-se atrás da van dos Trogdon. Luther sabia que tinha de ser rápido.

— Escute aqui, Wes. Estou numa enrascada.

— Luther, estamos atrasados. Já devíamos estar na estrada há horas. — Um

pequeno Trogdon correu em volta da van atirando com uma arma espacial num alvo invisível.

— É só um minuto — Luther disse, tentando ficar calmo, detestando o fato de ter de pedir. — Blair telefonou há uma hora. Estará em casa esta noite. Preciso de uma árvore de Natal.

O olhar impaciente e estressado de Wes relaxou, substituído por um sorriso. Então, ele riu.

— Sei, sei — Luther disse, vencido.

— O que você vai fazer com esse bronzeado? — Wes perguntou, sem parar de rir.

— Tudo bem, tudo bem, Wes. Preciso de uma árvore. Não há mais nenhuma para comprar. Pode me emprestar a sua?

Trish gritou de algum lugar da garagem.

— Wes! Onde você está?

— Aqui fora! — ele gritou. — Você quer a minha árvore?

— Sim. Devolvo antes de você voltar, eu juro.

— Isso é ridículo.

— Sim, é. Mas não tenho escolha. Todos vão usar as árvores esta noite e amanhã.

— Você fala sério, não fala?

— Mais do que sério. Ora, vamos, Wes.

Wes tirou um chaveiro do bolso com as chaves da garagem e da casa.

— Não diga para Trish — ele recomendou.

— Juro que não direi.

— E se quebrar algum ornamento, então, nós dois estamos mortos.

— Ela nunca vai saber, Wes. Prometo.

— Sabe de uma coisa? Isso é engraçado.

— Por que eu não estou rindo?

Trocaram um aperto de mãos e Luther voltou correndo para sua casa. Estava quase chegando, quando Spike Frohmeyer parou na entrada de veículos da sua casa com a bicicleta.

— Que negócio foi aquele? — Spike perguntou.

— Como disse? — Luther retrucou.

— O senhor e o senhor Trogdon.

— Por que você não vai tratar da sua... — Luther parou no meio da frase, vendo oportunidades. Precisava de aliados, no momento, não de inimigos, e Spike era exatamente o tipo.

— Ei, Spike, amigão — ele disse, calorosamente. — Preciso de alguma ajuda.

— Qual é o problema?

Os Trogdon vão ficar fora uma semana e vou guardar a árvore de Natal para eles.

— *Por quê?*

— É muito fácil uma árvore pegar fogo, especialmente quando cheia de lâmpadas. O senhor Trogdon tem medo que esquente muito. Por isso, vou levá-la para minha casa por alguns dias.

— É só desligar as lâmpadas.

— Mesmo assim, tem todos os fios e coisas. É muito perigoso. Acha que pode me ajudar? Pago quarenta dólares.

— Quarenta dólares! Fechado.

— Precisamos de um carrinho.

— Peço emprestado o do Clem.

— Vá depressa. E não conte para ninguém.

— Por quê?

— É parte do acordo, certo?

— Claro. Seja lá como for.

Spike saiu correndo com uma missão. Luther respirou fundo e olhou para os dois lados da rua. Olhos o espiavam, tinha certeza, como estavam espiando havia semanas. Como ele se tornou um vilão no seu bairro? Por que era tão difícil dançar ao seu ritmo durante algum tempo? Fazer algo que ninguém ousara fazer? Por que todo o ressentimento de pessoas que ele conhecia e de quem gostava havia anos?

Independentemente do que acontecesse nas próximas horas, ele jurou que não seria compelido a pedir que seus vizinhos fossem à festa. Primeiro, não podiam ir, porque estavam magoados com ele. Segundo, ele não lhes daria a satisfação de dizer não.

Catorze

O segundo telefonema foi para os Albritton, velhos amigos da igreja, que moravam a uma hora de distância. Luther contou a história e quando terminou Riley Albritton estava dando gargalhadas.

— É, Luther. — Riley disse para alguém ao seu lado, provavelmente Doris. — Blair acaba de telefonar. Estará em casa esta noite. — E com isso, Doris, ou fosse quem fosse, também caiu na risada.

Luther desejou não ter telefonado.

— Ajude-me, Riley — ele pediu. — Será que vocês poderiam vir?

— Lamento, amigão. Nós vamos jantar com os Macllvaines. Eles nós convidaram um pouco antes, você sabe.

— Tudo bem — Luther disse, e desligou.

O telefone tocou imediatamente. Era Nora, mais irritada do que nunca.

— Onde você está? — ela perguntou.

— Bem, estou na cozinha. Onde você está?

— Estou presa no tráfego, na Broad, perto do shopping.

— Por que você vai ao shopping?

— Porque não consegui estacionar no Distrito, nem cheguei à rua. Não comprei nada. Você conseguiu a árvore?

— Sim, uma verdadeira beleza.

— Está decorando?

— Sim, com Perry Como cantando “Toca o sino” no fundo, enquanto tomo um *eggnog* e decoro a árvore. Queria que você estivesse aqui.

— Você telefonou para alguém?

— Telefonei, para os Laird e os Albritton, nenhum deles pode vir.

— Eu telefonei para os Pinkerton, os Hart, os Malone e os Burkland. Todos têm compromissos. Pete Hart riu de mim, o chato.

— Dou uma sova nele por você. — Spike estava batendo na porta. — Tenho de trabalhar.

— Acho melhor você começar a ligar para os vizinhos — ela disse, com voz nervosa e embargada.

— Para quê?

— Para convidá-los.

— Nunca, Nora. Vou desligar agora.

— Nenhuma notícia de Blair?

— Ela está no avião, Nora. Ligue para mim mais tarde.

O carrinho que Spike pedira emprestado era um Radio Flyer vermelho que tinha visto tempos melhores. Luther o achou pequeno e velho demais, mas não tinham escolha.

— Eu vou na frente — ele explicou, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. — Espere cinco minutos, e traga o carrinho. Não deixe que ninguém o veja, certo?

— Onde estão meus quarenta dólares?

Luther deu a ele uma nota de vinte dólares.

— Metade agora, metade quando o trabalho estiver feito.

Entrou na casa dos Trogdon pela porta lateral da garagem, pela primeira vez na vida sentindo-se um ladrão. Quando abriu a porta, um alarme apitou por alguns segundos, segundos muito longos, nos quais o coração de Luther ficou gelado e sua vida e carreira inteiras passaram por sua mente. Apanhado, preso,

condenado, sua licença revogada, banido da Wiley & Beck em completa desgraça. Então, o alarme parou e ele esperou mais alguns segundos para respirar. Um painel ao lado da porta dos fundos dizia que a barra estava limpa.

Que bagunça. A casa era um monte de papéis e fitas por toda a parte, evidência de outra visita bem-sucedida do velho Papai Noel. Trish Trogdon estrangularia o marido se soubesse que ele tinha dado a chave para Luther. Na sala de estar, ele parou e olhou para a árvore.

Todos em Hemlock sabiam que os Trogdon não se importavam muito com a decoração da árvore. Deixavam as crianças dependurar qualquer coisa que pudessem encontrar. Havia um milhão de luzes, pedaços de grinaldas diferentes, ornamentos vulgares aos montes, sincelos verdes e vermelhos, até tiras de pipoca.

Nora vai me matar, Luther pensou, mas não tinha escolha. O plano era tão simples que tinha de dar certo. Ele e Spike retirariam os ornamentos que podiam se quebrar e as grinaldas e certamente as pipocas, deixariam tudo no sofá e nas cadeiras, tirariam a árvore da casa, levariam para a casa de Luther e a adornariam. Então, em algum momento, no futuro próximo, Luther e talvez Spike devolveriam tudo à árvore e todo mundo ficaria feliz.

Ele deixou cair o primeiro ornamento, que quase se espatifou no chão. Spike apareceu.

— Não quebre nada — Luther disse, apanhando e limpando o ornamento.

— Vamos nos encrencar por causa disto? — Spike perguntou.

— Claro que não. Agora, ao trabalho. E rápido.

Vinte minutos depois, a árvore estava despida de qualquer coisa que pudesse quebrar. Luther encontrou uma toalha suja na lavanderia, e, deitando de bruços debaixo da árvore, conseguiu pôr o suporte de metal sobre a toalha. Spike inclinou a árvore para um lado e depois para o outro. De quatro, Luther empurrou a árvore na direção de Spike, fazendo-a deslizar no assoalho, atravessou os ladrilhos da cozinha, foram até a lavanderia, com os galhos raspando nas paredes e deixando um rastro de agulhas secas de pinheiro.

— O senhor está fazendo uma sujeira — Spike disse, tentando ajudar.

— Limpo depois — disse Luther, suando como um atleta depois de uma

corrida.

A árvore, é claro, era mais larga do que a porta da garagem, como são todas as árvores. Spike empurrou o carrinho para mais perto. Luther segurou o tronco da árvore, levantou e balançou a parte de baixo, fazendo-a passar pela porta, e a puxou para fora. Quando ela estava segura na garagem, Luther respirou, apertou o botão do controle que abria a porta da garagem e sorriu para Spike.

— Por que o senhor está tão bronzeado? — o garoto perguntou.

O sorriso desapareceu quando Luther lembrou-se do cruzeiro que não ia fazer. Olhou para o relógio — doze e quarenta. Doze e quarenta e nem um convidado para a festa, nenhuma comida, nada de Frosty, nada de luzes em lugar algum, nada de árvore ainda. Mas uma estava a caminho. Naquele momento, tudo parecia sem esperança.

Você não pode desistir, meu velho.

Luther fez força mais uma vez e ergueu a árvore. Spike empurrou o carrinho para debaixo dela, e, é claro, o suporte de metal era mais largo do que o Radio Flyer. Mas Luther conseguiu equilibrá-la e esperou um momento.

— Você senta aqui — ele disse, apontando para um pequeno espaço no carrinho, debaixo da árvore. — Evite que ela caia para o lado. Eu empurro.

— Acha que vai funcionar? — Spike perguntou, desconfiado.

No outro lado da rua, Ned Becker estava tratando da sua vida quando viu a árvore desaparecer da janela da frente da casa dos Trogdon. Cinco minutos se passaram e a árvore reapareceu na garagem aberta, com um homem e um garoto tentando carregá-la. Ele olhou com mais atenção e reconheceu Luther Krank. Observando cada movimento, ele telefonou para Walt Scheel pelo celular.

— Ei, Walt, Ned falando.

— Feliz Natal, Ned.

— Feliz Natal, Walt. Ouça, estou olhando para a casa dos Trogdon e parece que Krank ficou louco.

— Por quê?

— Ele está roubando a árvore de Natal dos Trogdon.

Luther e Spike seguiram pela entrada de veículos da casa dos Trogdon. Luther atrás, fazendo o carrinho andar devagar. Spike apavorado, agarrado no tronco da árvore.

Scheel espiou pela janela da frente e, quando viu o roubo com os próprios olhos, digitou o número da polícia.

O sargento atendeu.

— Sim, aqui fala Walt Scheel, Hemlock, catorze oitenta e um. Está havendo um roubo neste momento.

— Onde?

— Bem aqui. Na Hemlock, catorze oitenta e três. Estou acompanhando o progresso do roubo. Depressa.

A árvore de Trogdon atravessou para o outro lado da rua, bem na frente da casa de Becker, onde agora, na frente da janela, Ned, sua mulher, Jude, e sua sogra espiavam. Luther fez o carrinho virar para a direita e começou a empurrar na direção da casa.

Ele queria andar depressa, antes que alguém o visse, mas Spike não parava de dizer para ir mais devagar. Luther tinha medo de olhar em volta e nem por um segundo acreditou que não estava sendo notado. Quando estava quase na frente da sua casa, Spike disse:

— Tiras.

Luther virou-se para trás rapidamente a tempo de ver o carro-patrulha parar no meio da rua, com as luzes piscando, mas sem sirene. Dois policiais saltaram do carro como se estivessem numa missão da SWAT.

Luther reconheceu Salino com a grande barriga e o jovem Treen do pescoço grosso. Os dois que tinham estado em sua casa, tentando vender o calendário para a Associação Beneficente da Polícia.

— Olá, senhor Krank — Salino disse, com um sorriso maldoso.

— Olá.

— Onde o senhor vai com isso? — perguntou Treen.

— Para a minha casa — Luther disse, apontando. Tinha chegado bem perto.

— Talvez seja melhor se explicar.

— Certo. Bem... Wes Trogdon, dali da frente, me emprestou sua árvore de Natal. Ele viajou há uma hora e eu e Spike aqui estávamos fazendo a mudança.

— Spike?

Luther virou-se para trás, para o carrinho e para o pequeno espaço onde Spike devia estar. Spike tinha desaparecido. Nem sinal dele em Hemlock.

— Sim, um garoto que mora aqui na rua.

Walt Scheel tinha um lugar na linha dos cinquenta metros. Bev estava descansando ou tentando descansar. Ele riu tão alto que ela desceu para ver do que se tratava.

— Pegue uma cadeira, meu bem, eles pegaram Krank roubando uma árvore.

Os Becker deram gargalhadas também.

— Tivemos um chamado dizendo que um roubo estava em progresso — disse Treen.

— Não tem roubo nenhum. Quem telefonou?

— Um senhor Scheel. De quem é este carrinho?

— Eu não sei. De Spike.

— Então, o senhor roubou o carrinho também — disse Treen.

— Eu não roubei nada.

— Tem de admitir, senhor Krank, que a coisa é muito suspeita — Salino disse.

Sim, em circunstâncias normais, Luther seria obrigado a dizer que a cena toda era um pouco fora do comum. Mas Blair estava cada vez mais perto e não havia tempo para voltar atrás.

— De modo algum, senhor. Eu sempre peço emprestada a árvore de Trogdon.

— Acho melhor levar o senhor para interrogatório — Treen disse, e tirou as

algemas do cinto. Quando viu as algemas, Walt Scheel rolou no chão de tanto rir. Os Becker quase não podiam respirar.

E Luther sentiu as pernas bambas.

— Ora, vamos, não pode estar falando sério.

— Entre no banco de trás do carro.

Luther sentou-se no banco de trás do carro da polícia, pela primeira vez na vida pensando em suicídio. Os dois policiais, no banco da frente, falavam no rádio alguma coisa sobre encontrar o dono da propriedade roubada. Suas luzes continuavam a girar, e Luther queria dizer muita coisa. Me soltem! Vou processá-los! Apaguem essas malditas luzes! No ano que vem, compro dez calendários! Vão em frente e atirem em mim!

Se Nora chegasse em casa agora, ela pediria o divórcio.

Os gêmeos Kirby eram dois delinquentes de oito anos, da outra extremidade da Hemlock, e por algum motivo estavam próximos. Chegaram na janela traseira, e olharam nos olhos de Luther, que se abaixou mais ainda no banco. Então, o garoto Bellington juntou-se a eles e os três espiaram para dentro do carro, para Luther, como se ele fosse o assassino de suas mães.

Spike chegou correndo, acompanhado por Vic Frohmeyer. Os policiais desceram do carro, trocaram algumas palavras com ele e, então, Treen afastou os garotos e tirou Luther do banco de trás.

— Ele tem as chaves — Vic dizia, e Luther lembrou-se então de que realmente estava com as chaves da casa de Trogdon. Que idiota!

— Eu conheço os dois — Frohmeyer continuou.

— Não tem roubo algum.

Os policiais confabularam por um momento, enquanto Luther tentava ignorar os olhares de Vic e de Spike. Olhou em volta, quase esperando ver Nora chegar com seu carro e ter um derrame.

— E a árvore? — Salino perguntou para Vic.

— Se ele diz que Trogdon lhe emprestou, então essa é a verdade.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Tudo bem, tudo bem — Salino disse, ainda olhando para Luther com desprezo, como se nunca tivesse visto um criminoso mais culpado. Então, entrou no carro devagar e foram embora.

— Obrigado — Luther disse.

— O que você está fazendo, Luther? — Vic perguntou.

— Estou pegando aquela árvore emprestada. Spike está me ajudando a levá-la para minha casa. Vamos, Spike.

Sem mais interrupções, Luther e Spike empurraram a árvore até a garagem e lutaram até ela estar segura na frente da janela da sala. Deixaram para trás uma trilha de agulhas secas de pinheiro, sincelos verdes e vermelhos, e alguma pipoca.

— Passo o aspirador depois — Luther disse. — Vamos verificar as luzes.

O telefone tocou. Era Nora, mais em pânico do que antes.

— Não encontro nada, Luther. Nem peru, nem presunto, nem chocolates, nada. E não consigo encontrar um presente decente também.

— Presentes? Por que está comprando presentes?

— É Natal, Luther. Você telefonou para os Yarber e os Friski?

— Telefonei — ele mentiu. — Os telefones estavam ocupados.

— Continue telefonando, Luther, porque ninguém vai aparecer. Tentei os McTeer, os Morris e os Warner, todos têm compromissos. Como vai a árvore?

— Vai indo.

— Telefono depois.

Spike ligou as luzes e a árvore adquiriu vida. Atacaram as nove caixas de decorações, sem ligar para onde punham isto ou aquilo.

No outro lado da rua, Walt Scheel os vigiava de binóculos.

Quinze

Spike estava na escada, precariamente inclinado para a árvore com um anjo de cristal numa das mãos e uma rena peluda na outra, quando Luther ouviu o carro na frente da casa. Olhou pela janela e viu o Audi de Nora entrando na garagem.

— É Nora — ele disse.

Pensando depressa, concluiu que a cumplicidade de Spike devia ser mantida em segredo.

— Spike, você tem de ir embora agora — ele disse.

— Por quê?

— O trabalho terminou. Aqui estão os outros vinte. Mil vezes obrigado. — Ajudou o garoto a descer da escada, entregou-lhe o dinheiro e o levou para a porta da frente. Quando Nora entrou na cozinha, Spike desceu os degraus da frente e desapareceu.

— Descarregue o carro — ela ordenou.

Com os nervos em frangalhos, ela estava prestes a estourar.

— O que aconteceu? — ele perguntou, e imediatamente desejou não ter dito nada. Era óbvio o que tinha acontecido.

Ela revirou os olhos e começou a se descontrolar, então cerrou os dentes e repetiu:

— Descarregue o carro.

Luther foi para a porta e estava quase fora da casa, quando ouviu:

— Que árvore mais feia!

Ele se virou, pronto para a guerra, e disse:

— Fique com ela ou deixe.

— Luzes vermelhas? — ela disse, incrédula.

Trogdon tinha enrolado uma fileira de luzes vermelhas no tronco da árvore. Luther pensara em tirá-las, mas ia levar uma hora. Por isso, ele e Spike tentaram escondê-las com ornamentos. Nora, é claro, viu as luzes da cozinha.

Agora ela estava com o nariz encostado na árvore.

— Luzes vermelhas? Nunca usamos luzes vermelhas.

— Estavam na caixa — Luther mentiu.

Não gostava de mentir, mas sabia que seria seu procedimento padrão por um ou dois dias.

— Qual caixa?

— Como assim, qual caixa? Estive dependurando coisas na árvore o mais depressa possível, Nora. Não é hora de fazer luxo com a árvore.

— Sincelos verdes? — ela disse, tirando um da árvore. — Onde você achou esta árvore?

— Comprei a última dos escoteiros. — Um desvio, não realmente uma mentira.

Ela olhou em volta, para as caixas vazias, e resolveu que tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

— Além disso — Luther disse insensatamente — do jeito que vão as coisas, ninguém vai ver.

— Cala a boca e descarregue o carro.

Havia quatro sacos de comida de uma loja que Luther nunca tinha ouvido falar, três sacolas de compras de uma loja de roupas do shopping, uma caixa de refrigerantes, uma caixa de garrafas de água e um buquê de flores horríveis de um florista conhecido por seus preços absurdos. O cérebro de contabilista de

Luther queria calcular a avaria, mas achou melhor desistir.

Como ia explicar isso no escritório? Todo o dinheiro economizado desaparecido como fumaça. Além disso, o cruzeiro que ele não fez, desperdiçado porque não quis fazer seguro de viagem. Luther estava no meio de um desastre financeiro e não podia fazer nada para estancar a hemorragia.

— Você falou com os Yarber e os Friski? — Nora perguntou, perto do telefone, com o fone no ouvido.

— Sim, eles não podem vir.

— Tire as comidas dos sacos — ela mandou, depois disse no telefone: — Sue, é Nora, Feliz Natal. Olhe, acabamos de ter uma grande surpresa. Blair vem com seu noivo, chega esta noite e estamos correndo como loucos tentando organizar uma festa de última hora. — Pausa. — Estava no Peru, pensamos que não a veríamos até o próximo Natal. — Pausa. — Sim, uma grande surpresa. — Pausa. — Sim, noivo. — Pausa. — Ele é médico. — Pausa. — É de lá, de algum lugar, Peru, eu acho. Ela o conheceu apenas há algumas semanas e agora pretendem se casar, por isso não preciso dizer que estamos em estado de choque. Então, esta noite. — Pausa.

Luther tirou do saco quatro quilos de truta do Oregon defumada, acondicionada em embalagem a vácuo de celofane, do tipo que dá a impressão de que o peixe foi apanhado há anos.

— Parece uma bela festa — Nora estava dizendo. — Sinto que vocês não possam vir. Sim, dou um abraço em Blair. Feliz Natal, Sue. — Desligou e respirou fundo. Luther escolheu o pior momento possível para dizer:

— Truta defumada?

— Isso ou pizza congelada — ela disparou, com olhos esfuziantes e os punhos cerrados. — Não existe um só peru ou presunto nas lojas e, mesmo que eu encontrasse, não temos tempo para cozinhar. Portanto, sim, Luther, senhor malandro de praia, vamos ter truta defumada para o Natal.

O telefone tocou e Nora atendeu.

— Alô, sim. Emily. Como vai você? Obrigada por retornar meu telefonema.

Luther não se lembrava de ninguém chamada Emily. Tirou da sacola um

pedaço de quilo e meio de ricota, um grande queijo suíço, caixas de bolachas, pastinha de mariscos e três tortas de chocolate feitas há dois dias, de uma confeitaria que Nora sempre evitava. Ela falava sobre sua festa de última hora quando, de repente, disse:

— Vocês podem vir! Isso é maravilhoso. Lá pelas sete horas, casual, tipo venha como estiver. — Pausa. — Seus pais? Claro, eles podem vir também, quanto mais melhor. Ótimo, Emily. — Ela desligou sem um sorriso.

— Quem é Emily?

— Emily Underwood.

Luther deixou cair uma caixa de bolachas.

— Não — ele disse.

De repente, ela se interessou em retirar a mercadoria do último saco.

— Você não fez isso, Nora — ele disse. — Diga que não convidou Mitch Underwood. Não aqui, não na nossa casa. Você não fez isso, Nora, por favor, por favor, diga que não fez.

— Estamos desesperados.

— Não tão desesperados.

— Eu gosto da Emily.

— Ela é uma bruxa e você sabe disso. Você gosta dela? Quando foi a última vez que almoçou com ela ou fez o desjejum ou tomou café ou qualquer coisa?

— Precisamos de gente, Luther.

— Mitch, a Boca, não é gente, ele é um falastrão pretensioso. Uma carga tempestuosa de ar quente. As pessoas se escondem dos Underwood, Nora. Por quê?

— Eles vêm. Agradeça.

— Eles vêm, porque ninguém com a cabeça no lugar os convidaria para uma ocasião social. Eles estão sempre livres.

— Me dê esse queijo.

— Isso é uma piada, certo?

— Ele vai ser bom com Enrique.

— Enrique nunca mais vai pôr os pés nos Estados Unidos, depois de Underwood. Ele odeia tudo — a cidade, o estado, os democratas, os republicanos, os independentes, ar limpo, qualquer coisa que se possa imaginar. É o maior chato do mundo, vai se embriagar e você vai ouvir sua voz a dois quarteirões daqui.

— Acalme-se, Luther. Está feito. Por falar em beber, não tive tempo de comprar vinho. Você tem de ir.

— Não vou deixar a segurança do meu lar.

— Sim, você vai. Eu não vi o Frosty.

— Não vou instalar Frosty. Estou resolvido.

— Sim, você vai.

O telefone tocou outra vez e Nora atendeu.

— Quem pode ser? — Luther resmungou. — Não posso pensar em nada pior.

— Blair — Nora disse. — Alô, querida.

— Me dê o telefone — Luther continuou resmungando. — Vou mandar os dois de volta para o Peru.

— Você está em Atlanta. Ótimo — Nora disse. Pausa. — Vamos indo, querida, nos preparando para a festa. — Pausa. — Nós também estamos entusiasmados, querida, mal podemos esperar. — Pausa. — É claro que vou fazer torta de creme de caramelo, sua favorita. — Olhou horrorizada para Luther. — Sim, meu bem, estaremos no aeroporto às seis. Amo você.

Luther olhou para o relógio.

— Três horas.

Ela desligou e disse:

— Preciso de um quilo de caramelo e um vidro de creme de marshmallow.

— Eu termino a árvore — precisa ainda de mais ornamentos — Luther disse. — Não vou lutar com as multidões.

Nora mastigou a ponta de uma unha por um segundo, avaliando as coisas. Isso significava que um plano estava chegando, provavelmente com uma porção de detalhes.

— Vamos fazer uma coisa — ela começou —, vamos fazer juntos a decoração. Quanto tempo precisa para Frosty?

— Três dias.

— Às quatro horas, dou uma última volta na cidade e você leva Frosty para o telhado. Enquanto isso, vamos procurar no catálogo telefônico e telefonar para todo mundo que conhecemos.

— Não conte para ninguém que Underwood vem.

— Fique quieto, Luther.

— Truta defumada com Mitch Underwood. Vai ser a festa mais quente da cidade.

Nora pôs um CD de Natal de Sinatra no aparelho e, por vinte minutos, Luther dependurou mais ornamentos na árvore de Trogdon. Nora apanhou o Papai Noel de cerâmica, as velas, e decorou a lareira com azevinho de plástico e visco. Não falaram por um longo tempo, então Nora quebrou o gelo com mais instruções.

— Essas caixas podem voltar para o sótão.

Entre todas as coisas que Luther odiava no Natal, talvez a tarefa mais temida era carregar caixas para cima e para baixo pela escada móvel do sótão. Subir a escada da casa até o segundo andar, passar espremido pelo corredor estreito entre os dois quartos, reajustar as posições para que a caixa, que inevitavelmente era grande demais, pudesse ser empurrada pela escada fraca até a abertura do sótão. Descendo ou subindo, era tudo a mesma coisa. Era um milagre que tivesse evitado acidente grave durante todos aqueles anos.

— E depois disso, comece a trazer Frosty — ela ordenou como um almirante.

Nora fez uma marcação cerrada no reverendo Zabriskie e ele finalmente

disse que podia ficar por meia hora. Luther, sob a mira de uma arma, telefonou para sua secretária, Dox, e insistiu até ela concordar em dar uma passada por alguns minutos. Dox fora casada três vezes, no momento estava solteira, mas sempre tinha um namorado de algum tipo. Os dois, mais o reverendo e a senhora Zabriskie, mais o grupo dos Underwood, faziam um total otimista de oito, se todos convergissem à mesma hora. Doze, com os Krank, Blair e Enrique.

Doze quase fez Nora chorar outra vez. Doze iam parecer três na sua sala de estar, na véspera de Natal.

Ligou para suas duas lojas de bebidas favoritas. Uma estava fechada, a outra ficaria aberta por mais meia hora. Às quatro, Nora saiu com uma torrente de instruções para Luther, que, a essa altura, estava pensando seriamente no conhaque escondido no porão.

Dezesseis

Logo depois que Nora saiu, o telefone tocou. Luther atendeu. Talvez fosse Blair outra vez. Ele contaria a verdade para ela. Diria o que achava daquela surpresa impensada de última hora, o quanto era egoísta. Ela ia ficar magoada, mas superaria. Com um casamento a caminho, precisava deles mais do que nunca.

— Alô — ele atendeu, agressivo.

— Luther, é Mitch Underwood — disse a voz tonitruante, que deu a Luther vontade de enfiar a cabeça no forno.

— Oi, Mitch.

— Feliz Natal para você. Ei, escute, obrigado pelo convite e tudo o mais, mas não conseguimos encaixar vocês. Muitos convites, você sabe.

Oh, sim, os Underwood estavam na lista A de todo mundo. O pessoal clamava pelas insuportáveis arengas de Mitch sobre impostos, sobre propriedades e zoneamento da cidade.

— Puxa, eu sinto muito, Mitch — Luther disse. — Talvez no próximo ano.

— Certo, telefone para nós.

— Feliz Natal, Mitch.

Os doze estavam agora reduzidos a oito, com mais desistências a caminho. Antes que Luther pudesse dar um passo, o telefone tocou outra vez.

— Senhor Krank, sou eu, Dox — disse a voz hesitante.

— Olá, Dox.

— Sinto muito sobre seu cruzeiro e tudo o mais.

— Você já disse isso.

— Sim, escute, alguma coisa apareceu. Aquele cara com quem estou saindo vai me fazer uma surpresa. Jantar no Tanner Hall. Champanhe, caviar, tudo. Ele fez reservas há um mês. Não posso dizer não.

— É claro que não pode, Dox.

— Ele vai alugar uma limusine e tudo o mais. Ele tem um coração que é um doce.

— Claro que tem, Dox.

— Não podemos ir à sua festa, mas eu gostaria de ver Blair.

Blair tinha viajado havia um mês. Dox não a via há dois anos.

— Eu digo a ela.

— Lamento, senhor Krank.

— Sem problema.

Agora, eram seis. Três Krank, mais Enrique, e o reverendo Zabriskie e sua senhora. Ele quase telefonou para Nora a fim de dar a má notícia, mas para que se dar ao trabalho? A pobrezinha estava lá fora, fazendo o impossível. Por que fazê-la chorar? Por que dar a ela outro motivo para implicar com ele porque sua grande ideia tinha fracassado?

Luther estava mais perto do conhaque do que queria admitir.

Spike Frohmeyer contou tudo o que tinha visto e ouvido. Com quarenta dólares no bolso e um vago voto de silêncio flutuando no ar, a princípio, ele hesitou. Mas ninguém ficava quieto em Hemlock. Depois de uma ou duas palavras de incentivo do pai, Vic, ele descarregou tudo.

Informou que fora pago para ajudar a levar a árvore da casa dos Trogdon para a sala de estar do senhor Krank, que o senhor Krank estava sempre dando uma fugida para o telefone e ligando para uma porção de gente, que tinha ouvido apenas o suficiente para saber que os Krank estavam planejando uma festa de

última hora para a véspera de Natal, mas ninguém queria ir. Não podia dizer o porquê da festa, nem o motivo de estar sendo arranjada com tanta pressa, especialmente porque o senhor Krank usava o telefone da cozinha e falava muito baixo. A senhora Krank estava fazendo compras e telefonava a cada dez minutos.

As coisas estavam muito tensas na casa dos Krank, segundo Spike.

Vic telefonou para Becker, que fora alertado por Walt Scheel, e logo os três conferenciavam, com Walt mantendo contato visual com a casa dos Krank.

— Ela acaba de sair correndo outra vez — informou Walt. — Nunca vi Nora correr tanto com o carro.

— Onde está Luther? — perguntou Frohmeyer.

— Ainda lá dentro — respondeu Walter. — Parece que acabaram de decorar a árvore. Devo dizer que eu gostava mais dela na casa dos Trogdon.

— Alguma coisa está acontecendo — disse Ned Becker.

Nora tinha uma caixa de vinhos no carrinho de compras, seis garrafas de tinto e seis garrafas de branco, mas não sabia por que estava comprando tanto. Quem exatamente iria beber tudo aquilo? Talvez ela mesma. Tinha apanhado também coisas caras. Queria que Luther subisse nas tamancas quando recebesse a conta. Todo o dinheiro que ele ia economizar no Natal e veja a droga em que estavam agora.

Um funcionário da casa de vinhos estava fechando as persianas e a porta. O único caixa atendia os últimos fregueses da fila. Três pessoas estavam na frente de Nora, uma atrás. Seu celular tocou, no bolso do casaco.

— Alô — ela murmurou.

— Nora, Doug Zabriskie.

— Alô, padre — ela disse e começou a sentir o corpo amolecer. A voz dele o traía.

— Estamos com um pequeno problema — ele começou, tristemente. — Típico caos de véspera de Natal, você sabe, todos correndo, cada um numa

direção. E a tia de Beth, de Toledo, acaba de aparecer inesperadamente para piorar as coisas. Temo que seja impossível passar por sua casa e ver Blair esta noite.

Falava como se não visse Blair havia anos.

— É uma pena — Nora conseguiu dizer, com um leve traço de compaixão. Ela queria praguejar e chorar ao mesmo tempo. — Fica para outra vez.

— Sem problema, então?

— Nenhum problema, padre.

Desligaram com um Feliz Natal e coisas assim, e Nora mordeu o lábio trêmulo. Pagou o vinho, carregou por oitocentos metros até o carro, resmungando contra o marido a cada passo pesado. Andou até um Kroger, abriu caminho entre a multidão, na entrada, e começou a procurar os caramelos.

Telefonou para Luther e ninguém atendeu. Era bom que ele estivesse no telhado.

Encontraram-se na frente da manteiga de amendoim, um procurando o outro ao mesmo tempo. Ela reconheceu a cabeleira ruiva, a barba cor de laranja e cinza e os pequenos óculos redondos de aros negros, mas não conseguiu lembrar o nome. Mas ele disse, imediatamente:

— Feliz Natal, Nora.

— E Feliz Natal para você — ela disse, com um sorriso rápido e caloroso.

Alguma coisa tinha acontecido com a mulher dele. Tinha morrido de alguma doença ou fugido com um homem mais moço. Conheceram-se alguns anos atrás, num baile a rigor, ela pensava. Mais tarde, ela soube do caso da mulher. Como era o nome dele? Talvez trabalhasse na universidade. Estava bem vestido, com um cardigã sob uma bela jaqueta de couro.

— Por que você está com tanta pressa? — ele perguntou. Carregava uma cesta de compras vazia.

— Oh, coisas de última hora, você sabe. E você?

Ela teve a impressão de que ele não estava fazendo nada, que estava no meio das hordas só para estar ali, que provavelmente estivesse muito só.

O que tinha acontecido mesmo com a mulher dele?

Nenhuma aliança visível.

— Apanhando algumas coisas. Grande jantar amanhã, certo? — ele perguntou, olhando para a manteiga de amendoim.

— Na verdade, esta noite. Nossa filha está vindo da América do Sul e estamos organizando uma pequena festa.

— Blair?

— Sim.

Ele conhecia Blair.

Saltando do penhasco, Nora disse, instintivamente:

— Por que você não aparece por lá?

— Fala sério?

— Oh, claro, é um entra-e-sai. Muita gente, muita comida. — Ela pensou na truta defumada e quase vomitou. Sem dúvida, o nome dele voltaria de repente.

— A que horas? — ele perguntou, visivelmente encantado.

— Quanto mais cedo melhor, digamos lá pelas sete.

Ele olhou para o relógio.

— Daqui a duas horas.

Duas horas! Nora tinha relógio, mas ouvir isso de outra pessoa parecia horrível. Duas horas!

— Bem, preciso correr — ela disse.

— Você mora na Hemlock — ele disse.

— Sim. Catorze setenta e oito. — Quem era aquele homem?

Ela saiu apressada, praticamente rezando para que o nome dele chegasse trovejante de algum lugar. Encontrou os caramelos, o creme de marshmallow e as massas de tortas.

A fila da caixa rápida — dez itens ou menos — ia até a seção de congelados. Nora entrou, quase não vendo o caixa, não querendo olhar para o relógio, à beira de uma desistência completa e total.

Dezessete

Ele esperou o máximo possível, embora não tivesse nem um segundo para gastar. A noite logo chegaria, e, no frenesi do momento, Luther tivera a ideia louca de instalar Frosty quando estivesse escuro. Não ia funcionar, e ele sabia disso, mas era difícil ter e manter um pensamento racional.

Passou alguns momentos planejando o projeto. Era necessário atacar da parte de trás da casa — de jeito algum ele permitiria que Walt Scheel ou Vic Frohmeyer, ou qualquer outra pessoa, o visse em ação.

Luther tirou Frosty do porão sem machucar nenhum dos dois, mas praguejava vigorosamente quando chegou ao pátio. Apanhou uma escada do depósito de ferramentas, nos fundos. Até então não fora visto, ou pelo menos acreditava que não.

O telhado estava um pouco molhado, com uma ou outra placa de gelo. E fazia muito mais frio lá em cima. Com uma corda de náilon de um quarto de polegada amarrada na cintura, Luther se arrastou para cima, como um gato apavorado, passando pelas telhas lisas de cimento até chegar ao topo. Olhou para o alto do telhado e depois para baixo — os Scheel ficavam bem na sua frente, no solo.

Enrolou a corda na chaminé e recuou devagar até chegar a uma placa de gelo e escorregar por sessenta centímetros. Fez uma pausa para que seu coração recomeçasse a bater. Olhou para baixo, apavorado. Se, por uma tragédia, ele caísse, seria uma queda livre muito breve, e um pouso entre os móveis de metal do pátio presos nos tijolos. A morte não seria instantânea, não senhor. Ele sofreria e, se não morresse, teria o pescoço quebrado ou talvez uma lesão cerebral.

Totalmente ridículo. Um homem de cinquenta e quatro anos fazendo brincadeiras como aquela.

O truque mais horrível de todos era voltar para a escada lá de cima, o que ele fez enfiando as unhas nas telhas com um pé depois do outro, dependurado sobre a calha. De volta ao solo, respirou fundo e se congratulou por sobreviver à primeira viagem ao topo do telhado e à volta.

Frosty tinha quatro partes — uma base larga e redonda, então uma bola de neve, depois o tronco, com um dos braços acenando e a outra mão na cintura, depois a cabeça com o rosto sorridente, cachimbo de sabugo de milho e cartola preta. Luther resmungou o tempo todo, enquanto juntava as partes, uma seção sobre a outra. Atarraxou a lâmpada no meio, ligou a extensão de dois metros e meio, amarrou a corda de náilon na cintura de Frosty e o pôs na posição para subir.

Eram quinze para as cinco. Sua filha e seu noivo novo em folha chegariam dentro de uma hora e quinze minutos. A viagem ao aeroporto levava vinte minutos, mais o tempo para estacionar, tomar o ônibus, andar, empurrar, acotovelar.

Luther queria desistir de tudo e começar a beber.

Mas puxou a corda enrolada na chaminé e Frosty começou a subir. Luther subiu com ele pela escada, passou pela calha e chegou às telhas. Luther puxava, Frosty se movia um pouco. Eram não mais de vinte quilos de plástico, mas logo começou a parecer muito mais pesado. Devagar, eles subiam, lado a lado, Luther de quatro, Frosty aos poucos, deitado de costas.

Apenas uma sugestão de noite, mas sem o alívio verdadeiro dos céus. Quando a pequena equipe chegasse ao topo, Luther estaria exposto. Seria obrigado a ficar de pé, enquanto lutava com seu homem de neve e o prendia na frente da chaminé. Iluminado com a lâmpada de duzentos watts, o velho Frosty se juntaria aos quarenta e um companheiros e toda a Hemlock saberia que Luther estava derrotado. Por isso, fez uma pausa e tentou dizer a si mesmo que não se importava com o que os vizinhos pensavam ou diziam. Segurou com força a corda que prendia Frosty, deitou de costas e olhou para as nuvens lá em cima, só então percebendo que estava suando e congelando. Eles iam rir e zombar, e durante anos contar a história de Luther “pulando” o Natal, e ele seria o alvo de piadas, mas que importância tinha isso?

Blair ficaria feliz. Enrique veria um verdadeiro Natal americano. Nora, ele esperava, iria se acalmar.

Então, pensou no *Princesa da Ilha* partindo no dia seguinte de Miami, com dois passageiros a menos, seguindo para as praias e as ilhas que Luther desejava tanto.

Teve vontade de vomitar.

Walt Scheel estava na cozinha, onde Bev terminava uma torta e, seguindo o novo hábito, foi até a janela e olhou para a casa dos Krank. Nada a princípio, depois ele parou. Lá em cima no telhado, perto da chaminé, estava Luther, e, então, ele viu o chapéu preto de Frosty, depois o rosto.

— Bev! — ele gritou.

Luther se arrastou para cima, olhou em volta rapidamente como um ladrão, agarrou-se à chaminé e começou a puxar Frosty.

— Você deve estar brincando — Bev disse, enxugando as mãos no pano de prato. Walt ria demais para poder falar. Apanhou o telefone e ligou para Frohmeyer e para Becker.

Quando Frosty estava completamente visível, Luther cuidadosamente o virou na frente da chaminé para o lugar em que devia ficar. Seu plano era segurar Frosty ali por um segundo, enquanto enrolava uma tira de lona de duas polegadas em volta da cintura farta e a prendia na chaminé, exatamente como no ano anterior. Tinha dado certo, então.

Vic Frohmeyer correu para seu porão, onde os filhos assistiam a um filme de Natal.

— O senhor Krank está pondo seu Frosty no telhado. Vão ver, mas fiquem na calçada. — O porão esvaziou.

Havia uma placa de gelo na parte da frente do telhado, a pouca distância da chaminé e praticamente invisível para Luther. Com Frosty no lugar, mas não preso, enquanto Luther tentava retirar a corda de náilon, esticar o fio elétrico e prender a tira de lona na chaminé, e exatamente quando ia fazer talvez o movimento mais perigoso de toda a operação, ouviu vozes lá embaixo. E quando virou-se para ver quem era, sem querer pisou na placa de gelo logo abaixo do topo e tudo caiu de uma vez.

Frosty se inclinou e desapareceu, escorregando pela frente do telhado sem nada para segurá-lo: fitas, cordas, nada. Luther foi logo atrás, mas felizmente

tinha conseguido se enrolar em tudo. Escorregando de cabeça pelo telhado íngreme e gritando suficientemente alto para que Walt e Bev o ouvissem de dentro da casa, Luther despencou como uma avalanche para a morte certa.

Mais tarde, ele lembraria, só para si mesmo, é claro, da queda. Evidentemente, havia mais gelo na frente do que na parte de trás, e quando pisou nele, sentiu-se como o pequeno disco de borracha usado para jogar hóquei. Lembrava-se bem de voar do telhado, de cabeça, com o concreto esperando por ele lá embaixo. E lembrou-se de ouvir — mas não ver — Frosty bater em alguma coisa próxima. Então, a dor aguda quando a queda foi detida — dor em volta dos tornozelos, quando a corda e a extensão elétrica ficaram completamente esticadas, dando um tranco no pobre Luther, mas, sem dúvida, salvando sua vida.

Ver Luther despencar do telhado de barriga para baixo, parecendo perseguir seu Frosty, foi demais para Walt. Ele morria de rir, curvando o corpo para a frente. Bev olhava horrorizada.

— Cala a boca, Walt! — ela gritou então. — Faça alguma coisa! — enquanto Luther, dependurado, girava bem acima da entrada de concreto, com os pés não muito longe da calha.

Luther girava e balançava, desamparado, acima da entrada da sua casa. Depois de algumas voltas, o fio e a corda se emaranharam e ele parou de rodar. Sentiu náusea e fechou os olhos por um momento. Como se vomita quando se está de cabeça para baixo?

Walt digitou o número de emergência da polícia. Informou que um homem estava ferido e talvez estivesse morrendo na Hemlock, e para mandar socorro imediatamente. Então, correu para fora de casa e atravessou a rua, onde os filhos de Frohmeyer se amontoavam debaixo de Luther. Vic Frohmeyer corria de sua casa, e todo o clã dos Becker, da casa vizinha, saía para a rua.

— Pobre Frosty — Luther ouviu uma das crianças dizer.

Pobre Frosty uma ova, ele teve vontade de dizer.

A corda de náilon cortava a carne do seu tornozelo. Tinha medo de se mexer, porque a corda parecia ceder um pouco. Estava ainda a dois metros acima do solo e uma queda seria desastrosa. De cabeça para baixo, Luther tentava respirar e ordenar seus pensamentos. Ouviu a voz tonitruante de Frohmeyer.

Alguém, por favor, dê um tiro em mim.

— Luther, você está bem? — Frohmeyer perguntou.

— Ótimo, Vic, obrigado, e você?

Luther começou a girar outra vez, devagar, no vento. Logo cairia na rua, cara a cara com seus vizinhos, as últimas pessoas que desejava ver.

— Tragam uma escada — alguém disse.

Aquilo em volta dos pés dele é um fio elétrico? — outra pessoa perguntou.

— Onde a corda está amarrada? — outro ainda quis saber.

Todas as vozes eram familiares, mas Luther não podia distingui-las.

— Eu liguei para a emergência da polícia — ouviu Walt Scheel dizer.

— Obrigado, Walt — Luther disse em voz alta para o grupo. Mas estava girando na direção da casa.

— Acho que Frosty está morto — um adolescente murmurou para outro.

Ali dependurado, esperando a morte, esperando que a corda escorregasse e cedesse completamente, atirando-o ao chão, Luther odiou o Natal com força renovada. Veja o que o Natal estava fazendo com ele.

Tudo por causa do Natal.

E ele detestava seus vizinhos também, todos, jovens e velhos. Começavam a se reunir na frente da sua casa, ele os ouvira chegar e, enquanto rodava devagar, podia vê-los correndo pela rua para assistir à cena.

O fio e a corda estalaram em algum lugar acima dele, soltaram-se, e Luther caiu quase mais dois metros, antes de levar um tranco com a parada súbita. A multidão deixou escapar uma exclamação abafada, sem dúvida alguns deles queriam dar vivas.

Frohmeyer gritava ordens como se lidasse com aquela situação todos os dias. Duas escadas chegaram e foram postas uma de cada lado de Luther. Ned Becker gritou do pátio dos fundos que tinha descoberto o que estava prendendo o fio elétrico e a corda de náilon, e, na sua opinião experimentada, não ia aguentar por muito tempo.

— Você ligou o fio da extensão? — Frohmeyer perguntou.

— Não — Luther respondeu.

— Vamos tirar você daí, está bem?

— Sim, por favor.

Frohmeyer subiu numa escada, Becker na outra. Luther viu que Swade Kerr estava lá embaixo, bem como Ralph Brixley e John Galdy, e alguns dos residentes mais velhos da rua.

Minha vida nas mãos deles, Luther pensou, e fechou os olhos. Ele pesava oitenta e sete quilos, menos cinco e meio perdidos com a dieta para o cruzeiro, e estava bastante preocupado agora com o modo pelo qual eles pretendiam desenrolar o fio e a corda e levá-lo para o chão. Seus salvadores eram homens de meia-idade que, se transpiravam, era só no campo de golfe. Certamente, nada de levantamento de peso. Swade Kerr era um vegetariano frágil que mal podia apanhar o jornal e, naquele momento, estava debaixo de Luther esperando ajudar a descê-lo para o chão.

— Qual é o plano, Vic? — Luther perguntou. Era difícil falar com os pés acima dele. A gravidade levava o sangue para sua cabeça, que latejava.

Vic hesitou. Na verdade, não tinham um plano.

O que Luther não podia ver era que o grupo de homens estava diretamente debaixo dele, para amortecer qualquer queda.

O que Luther pôde ouvir foi o seguinte: primeiro alguém disse: “Lá está Nora!”

Então, ele ouviu as sirenes.

Dezoito

A multidão abriu caminho para a ambulância. Ela parou a três metros da escada, do homem dependurado pelos pés e dos seus supostos salvadores. Dois paramédicos e um bombeiro saltaram, retiraram as escadas, mandaram Frohmeyer e seu bando se afastar e um deles levou a ambulância cuidadosamente para debaixo do senhor Krank.

— Luther, o que está fazendo aí em cima? — Nora gritou, correndo entre a multidão.

— O que parece que estou fazendo? — ele gritou, e sua cabeça latejou mais.

— Você está bem?

— Maravilhosamente.

Os paramédicos e o bombeiro subiram no capô da ambulância, rapidamente ergueram Luther alguns centímetros, desenrolaram o fio elétrico da corda e o baixaram devagar. Alguns aplaudiram, mas a maioria parecia indiferente.

Os paramédicos verificaram os sinais vitais, depois o puseram no chão e o levaram para as portas abertas, na parte de trás da ambulância. Ele tremia de frio e um paramédico o enrolou num cobertor cor de laranja. Sentado na parte de trás da ambulância, olhando para a rua, tentando ignorar a multidão boquiaberta que, sem dúvida, estava tendo prazer com sua humilhação, Luther só sentiu alívio. Seu escorregão de cabeça para baixo do telhado fora breve mas horrível. Tinha sorte de estar consciente.

— Deixe que olhem. Deixe que se embasbaquem. — Sentia muita dor para se importar com isso.

Nora estava lá para inspecionar o marido. Ela reconheceu o bombeiro Kistler e o paramédico Kendall como os dois ótimos jovens que tinham

aparecido havia umas duas semanas vendendo panetones para levantar fundos para as festas. Ela agradeceu a eles por terem salvo seu mando.

— Quer ir ao hospital? — Kendall perguntou.

— Só por precaução — disse Kistler.

— Não, obrigado — Luther disse, batendo os dentes de frio. — Não tem nada quebrado. — Mas, naquele momento, tudo parecia quebrado.

Um carro da polícia chegou correndo e estacionou na rua, é claro, com as luzes girando. Treen e Salino saltaram e abriram caminho entre o povo para observar as coisas.

Frohmeyer, Becker, Kerr, Scheel, Brixley, Kropp, Galdy, Bellington — todos rodearam Luther e Nora. Spike estava também no meio deles. Enquanto Luther, ali sentado, sofria e respondia a perguntas banais dos rapazes de uniforme, praticamente toda a Hemlock se aproximava para ver melhor.

Quando Salino entendeu a história, ele disse, em voz bem alta:

— Frosty? Pensei que não ia comemorar o Natal este ano, senhor Krank. Primeiro, pede uma árvore emprestada. Agora, isto.

— O que está acontecendo, Luther? — Frohmeyer perguntou. Era uma pergunta geral. A resposta era para todos.

Luther olhou para Nora e percebeu que ela ia falar. A explicação pertencia a ele.

— Blair vem passar o Natal em casa — ele disse, esfregando o tornozelo esquerdo.

— Blair vem para casa — Frohmeyer repetiu em voz alta, e a informação passou de ouvido a ouvido.

Independentemente do que sentiam por Luther naquele momento, os vizinhos adoravam Blair. Eles a viram crescer, ir para a universidade e esperavam sua volta a cada verão. Ela tomou conta de quase todas as crianças de Hemlock. Como filha única, Blair tratava as outras crianças como família. Era a irmã mais velha de todo mundo.

— E ela vai trazer o noivo — Luther acrescentou, e isso também passou de

um em um.

— Quem é Blair? — Salino perguntou, como um detetive da Homicídios procurando pistas.

— Minha filha — Luther explicou para o homem de uniforme. — Ela viajou há um mês para o Peru com o Corpo da Paz, e só devia voltar daqui a um ano, pelo menos foi o que pensamos. Ela telefonou mais ou menos às onze horas de hoje, estava em Miami e vinha para casa fazer uma surpresa e passar o Natal conosco, e está trazendo o noivo, um médico que conheceu lá. — Nora chegou mais perto e agora segurava o cotovelo dele.

— E ela espera ver uma árvore de Natal? — Frohmeyer perguntou.

— Sim.

— E um Frosty?

— É claro.

— E o que me diz da festa de Natal dos Krank?

— Isso também.

A multidão chegou para perto, enquanto Frohmeyer analisava as coisas.

— A que horas ela chega? — ele perguntou.

— Às seis!

Todos olharam para os relógios. Luther massa- geou o outro tornozelo. Seus pés estavam formigando, um bom sinal. O sangue estava descendo até os pés outra vez.

Vic Frohmeyer recuou um passo e olhou para os vizinhos. Pigarreou, levantou o queixo e começou:

— Tudo bem, minha gente, aqui está o plano do jogo. Vamos ter uma festa aqui, na casa dos Krank, as boas-vindas de Natal para Blair. Todos os que puderem tragam o que estavam preparando. Nora, você tem um peru?

— Não — ela disse timidamente. — Truta defumada.

— Truta defumada?

— Foi o que encontrei.

Várias mulheres murmuraram “truta defumada”.

— Quem tem peru? — Frohmeyer perguntou.

— Nós temos dois — disse Jude Becker. — Ambos no forno.

— Ótimo — disse Frohmeyer. — Cliff, vá com um grupo à casa de Brixley e apanhe Frosty. Traga algumas luzes também, vamos estendê-las nos arbustos de Luther. Todos vão para casa, trocam de roupa, pegam a comida que tiverem e nos encontramos aqui dentro de meia hora.

Olhou para Salino e Treen e disse:

— Vocês dois vão para o aeroporto.

— Para quê? — Salino perguntou.

— Blair precisa de uma carona para casa.

— Não sei se posso.

— Preciso telefonar para o chefe?

Treen e Salino foram para o carro da polícia. Os vizinhos começaram a ir embora, agora que tinham instruções de Frohmeyer. Luther e Nora observaram as pessoas se dispersarem de um lado e do outro de Hemlock, todos apressados, todos com um objetivo.

Nora olhou para Luther com lágrimas nos olhos e Luther teve vontade de chorar também. Seus tornozelos estavam em carne viva.

Frohmeyer perguntou:

— Quantos convidados virão?

— Eu não sei — Nora disse, olhando para a rua vazia.

— Não tantos quantos você pensa — Luther disse para ela. — Os Underwood telefonaram e cancelaram. Dox também.

— O padre Zabriskie também — Nora disse.

— Convidaram Mitch Underwood? — perguntou Frohmeyer.

— Sim, mas ele não vem.

Que festinha mais triste, Frohmeyer pensou.

— Então, de quantos convidados você precisa?

— Todos estão convidados — Luther disse. — A rua inteira.

— Sim, a rua inteira — Nora confirmou.

Frohmeyer olhou para Kistler e perguntou:

— Quantos caras estão na estação esta noite?

— Oito.

— Os bombeiros e os paramédicos podem vir também? — Vic perguntou para Nora.

— Sim, eles estão convidados — ela disse.

— E a polícia também — acrescentou Luther.

— Vai ser uma multidão.

— Uma multidão será ótimo, não é, Luther? — Nora perguntou.

Ele apertou mais o cobertor contra o corpo e disse:

— Sim, Blair vai adorar uma multidão.

— Que tal alguns cantores? — Frohmeyer perguntou.

— Seria perfeito — Nora disse.

Ajudaram Luther a ir para casa e, quando ele chegou à cozinha, estava andando sem ajuda, mas ainda mancando. Kendall deixou uma bengala de plástico. Luther jurou que não a usaria.

Quando ficaram sozinhos na sala de estar, com a árvore de Trogdon, Luther e Nora partilharam alguns momentos de silêncio na frente do fogo. Falaram sobre Blair. Tentaram em vão analisar a perspectiva de um noivo, depois de um marido, depois de um novo genro.

Nem podiam dizer o quanto estavam comovidos com a união dos vizinhos.

O cruzeiro não foi mencionado.

Nora olhou para o relógio e disse que precisava se vestir.

Eu gostaria de ter uma máquina fotográfica — ela disse, saindo da sala. — Você lá, dependurado pelos pés, com metade da cidade olhando. — E ela foi para o quarto, rindo sem parar.

Dezenove

Blair não deixou de ficar um pouco intrigada quando não viu os pais no portão de desembarque. Certo, foi tudo em cima da hora, o aeroporto estava cheio e, sem dúvida, eles estavam ocupados com a festa, mas afinal ela estava trazendo seu primeiro e único amor. Mas não disse nada, quando ela e Enrique caminharam rapidamente de braços dados, passo a passo, abrindo caminho graciosamente entre a multidão, encostados um no outro, olhos nos olhos.

Não havia ninguém à espera deles na esteira de bagagem. Mas quando estavam saindo com as malas, Blair viu dois policiais com uma tabuleta onde estava escrito “Blair e Enriqe".

Enrique estava escrito errado, mas, naquele momento, quem se importava? Ela os chamou e eles, imediatamente atentos, apanharam a bagagem e os conduziram pela massa de gente. O policial Salino explicou, enquanto andavam para fora do aeroporto, que o chefe mandara uma escolta da polícia para Blair e Enrique. Bem-vindos ao lar!

— A festa está esperando — ele disse, enquanto punham tudo na mala do carro de polícia, estacionado ilegalmente na frente dos táxis. Um segundo carro da polícia estava estacionado na frente do primeiro.

Como sul-americano, Enrique hesitou mais do que um pouco para entrar voluntariamente no carro-patrulha. Olhou em volta, nervoso, para a multidão de pedestres, de táxis e de ônibus, pára-choque com pára-choque, pessoas gritando, guardas apitando. A ideia de fugir passou por sua cabeça, depois seus olhos voltaram-se para o belo rosto da jovem que ele amava.

— Vamos — ela disse, e entraram no carro.

Ele a seguiria para qualquer parte. Com as luzes girando, os dois carros saíram a toda velocidade, costurando entre os outros carros, obrigando-os a se

afastar para o lado.

— Isto acontece sempre? — Enrique murmurou.

— Nunca — Blair respondeu. Que belo detalhe, ela pensou.

O policial Treen dirigia furiosamente. O policial Salino sorria lembrando-se da cena de Luther Krank dependurado pelos pés com todo mundo olhando. Mas não podia dizer nada. Blair jamais saberia a verdade, segundo ordens de Vic Frohmeyer, que finalmente conseguiu falar com o prefeito, e foi atendido.

Quando estavam chegando ao bairro residencial, o trânsito Ficou mais leve e começou a nevar.

— Calculo uns nove centímetros — Salino disse, virando-se para trás. — Neva no Peru?

— Nas montanhas — Enrique disse. — Mas eu moro em Lima, a capital.

— Tive um primo que foi ao México uma vez — Salino disse, mas não continuou porque não tinha nada para acrescentar. O primo quase morreu etc. mas Salino sabiamente resolveu não se aventurar naquela história de horror do Terceiro Mundo.

Blair estava determinada a superproteger seu noivo e seu país, por isso ela passou rapidamente para outro assunto:

— Já nevou depois do Dia de Ação de Graças?

O assunto tempo era o terreno mais comum e seguro.

— Tivemos cinco centímetros na semana passada, não foi? — Salino disse, olhando para Treen, que segurava a direção com força, as juntas das mãos brancas tentando com sucesso manter o carro a não mais de um metro e meio do carro de polícia da frente.

— Nove centímetros — Treen disse, com autoridade.

— Não. Foram cinco, não foram?

— Nove — Treen disse, balançando a cabeça, o que irritou Salino.

Finalmente chegaram a um acordo, sete centímetros de neve, enquanto Blair e Enrique, junti- nhos no banco de trás, olhavam para as fileiras de casas

decoradas para o Natal.

— Estamos quase lá — ela disse suavemente. — Esta é Stanton, logo depois vem Hemlock.

Spike estava de guarda. Acendeu duas vezes sua lanterna verde de escoteiro, e o palco estava armado.

Luther mancou dolorosamente até o banheiro, onde Nora acabara de fazer a maquiagem. Por vinte minutos, ela estivera experimentando tudo que podia encontrar — bases, pós, sombras. Sua pele maravilhosamente bronzeada estava escondida do pescoço para baixo e Nora estava resolvida a clarear o rosto.

Mas não estava dando certo.

— Você parece emaciada — Luther disse, com sinceridade. O pó voava em volta da cabeça dela.

Luther estava sentindo muita dor para se preocupar com o bronzeado. Por sugestão de Nora, estava vestido de preto — cardigã preto sobre uma camisa preta de gola alta e calça esporte cinza-escura. Quanto mais escura a roupa, mais pálida a pele parecia, na opinião dela. O cardigã, usado apenas uma vez, tinha sido, felizmente, um presente de aniversário de Blair. A camisa de gola alta nunca fora usada, e nem ele nem Nora lembravam-se de onde tinha vindo.

Ele se sentia como um mafioso.

— Desista — ele disse, quando ela começou a jogar os vidros, ameaçando jogar um nele.

— Não vou desistir — ela disse, irritada. — Blair não vai saber do cruzeiro, você entende, Luther?

— Então, não fale do cruzeiro para ela. Diga que seu médico recomendou bronzeamento para o quê, para qual vitamina?

— D, da luz do sol, não uma cama de bronzear. Outra ideia idiota, Luther.

— Diga que tivemos alguns dias bastante quentes para a estação, e estivemos bastante ao ar livre, trabalhando nos canteiros.

— Essa é a sua mentira, e não vai funcionar. Ela não é cega. Vai olhar para

seus canteiros e ver que não são tocados há meses.

— Acertou no alvo.

— Mais alguma ideia brilhante?

— Estamos adiantando a chegada da primavera? Compramos um kit de bronzear?

— Muito engraçado.

Ela passou por ele, zangada, pó voando atrás. Luther mancando no corredor com a nova bengala de plástico, em direção à multidão na sala de estar, quando ouviu alguém gritar: “Lá vêm eles."

Devido a um defeito na tira de-lona, Ralph Brixley estava segurando seu Frosty no lugar, na frente da chaminé de Luther, na neve e no frio, quando viu a luz verde giratória no começo da rua. “Lá vêm eles!", ele gritou para o pátio dos Krank, onde seu assistente, Judd Bellington, esperava ao lado da escada, tentando consertar a tira de lona.

De onde estava, Ralph olhava com certo orgulho (e certa frustração, porque estava frio lá em cima e esfriando mais a cada minuto), enquanto toda a vizinhança rodeava os carrinhos para ajudar um dos seus, mesmo que fosse Luther Krank.

Um grande coro, sob a direção severa da senhora Ellen Mulholland, estava ao lado da entrada da casa e começou a cantar “Toca o sino”. Linda Galdy tinha um conjunto de sininhos, e uma banda recrutada apressadamente começou a tocar os sinos acompanhando o coro. O gramado da frente estava apinhado, cheio de crianças, todos esperando por Blair e seu noivo misterioso.

Quando o carro de polícia diminuiu a marcha na frente da casa dos Krank, foi saudado com um viva, gritado pelas crianças de Hemlock.

— Meu Deus — Blair disse. — Que multidão.

Um carro de bombeiros estava estacionado na frente da casa dos Becker e uma ambulância grande, verde-lima, na frente da casa dos Trogdon, e, seguindo a deixa, todas as luzes dos dois carros começaram a piscar para dar as boas-vindas a Blair. Quando os carros da polícia pararam na frente da casa, Vic Frohmeyer abriu a porta.

— Feliz Natal, Blair — ele disse, com seu vozeirão.

Blair e Enrique logo estavam no jardim, rodeados por dezenas de vizinhos, enquanto o coro berrava a plenos pulmões. Blair apresentou Enrique, que parecia um pouco espantado com a recepção. Subiram os degraus da frente e entraram na sala de estar, onde outro brado se ergueu. A pedido de Nora, quatro bombeiros e três policiais estavam enfileirados, ombro a ombro, na frente da árvore, tentando esconder de Blair a maior parte possível.

Luther e Nora esperavam, nervosos, no quarto, uma reunião privada com a filha e uma calma apresentação de Enrique.

— E se nós não gostarmos dele? — Luther murmurou, sentando-se na beirada da cama, esfregando os tornozelos. A festa corria animada no corredor.

— Quieto, Luther. Nós criamos uma menina inteligente. — Nora aplicava uma última camada de pó no rosto.

— Mal acabaram de se conhecer.

— Amor à primeira vista.

— Isso é impossível.

— Talvez você tenha razão. Levei três anos para ver seu potencial.

A porta se abriu e Blair entrou correndo. Nora e Luther olharam primeiro para ela, depois olharam rapidamente para ver o quanto Enrique era moreno.

Ele não era moreno! Pelo menos dois tons mais claro do que Luther!

Abraçaram a apertaram a filha como se não a vissem há anos; depois, com grande alívio, foram conhecer o futuro genro.

— Vocês parecem ótimos — Blair disse, examinando os dois.

Nora vestia uma suéter folgada de Natal, pela primeira vez na vida querendo parecer mais gorda. Luther era o verdadeiro gigolô de meia-idade.

— Estivemos fazendo dieta — ele disse, ainda sacudindo a mão de Enrique.

— Você esteve no sol — Blair disse para Luther.

— Bem, sim. Tivemos um pouco de calor fora de tempo. Fiquei um pouco

queimado trabalhando no jardim, no último Fim de semana.

— Vamos para a festa — Nora disse.

— Não podemos deixar tanta gente esperando — Luther acrescentou, saindo na frente.

— Ele não é bonito? — Blair murmurou para a mãe. Enrique estava só um passo à frente delas.

— Muito bonito — Nora disse, com orgulho.

— Por que papai está mancando?

— Machucou o pé. Ele está bem.

A sala de estar estava apinhada de gente, uma gente diferente, Blair notou, não que isso importasse. A maior parte dos convidados de sempre não estava. A maior parte dos vizinhos, sim. E ela não entendia por que a polícia e os bombeiros tinham sido convidados.

Havia alguns presentes para Enrique, que ele abriu no centro da sala. Ned Becker passou adiante uma camisa de golfe vermelha de um clube local. John Galdy acabara de ganhar um livro de gravuras de pequenos hotéis locais. Sua mulher o embrulhou novamente e descarregaram em Enrique, que ficou comovido, quase a ponto de chorar. Os bombeiros deram a ele dois panetones, e ele confessou que aquela delícia não existia no Peru. A Associação Beneficente da Polícia deu-lhe um calendário.

— O inglês dele é perfeito — Nora murmurou para Blair.

— Melhor do que o meu — Blair respondeu também num murmúrio.

— Pensei que você tinha dito que ele nunca esteve nos Estados Unidos.

— Ele estudou em Londres.

— Oh! — E Enrique ganhou mais um ponto. Bonito, estudou em Londres, médico. — Onde você o conheceu?

— Em Lima, durante a orientação.

Todos deram um viva quando Enrique abriu uma caixa alta e tirou uma lâmpada lava, passada adiante pelos Bellington.

Terminados os presentes, Luther anunciou:

— Jantar. — E todos foram para a cozinha, onde a mesa estava coberta com as doações da Hemlock, embora a comida tivesse sido arranjada e rearranjada até parecer original e festiva. Até a truta defumada de Nora fora enfeitada por Jessica Brixley, talvez a melhor cozinheira da rua.

Os cantores estavam gelados e cansados da neve, embora ela ainda não estivesse pesada. Ouviram o anúncio do jantar e entraram com o conjunto dos sininhos da senhora Linda Galdy.

O homem com a barba cor de laranja e cinza, que Nora tinha encontrado perto da manteiga de amendoim no Kroger, apareceu do nada, e parecia conhecer todo mundo, embora ninguém demonstrasse conhecê-lo. Nora o recebeu e observou-o atentamente, e, por fim, o ouviu apresentar-se como Marty alguma coisa. Marty adorava reuniões e logo entrou no espírito da festa. Encontrou-se com Enrique num canto, enquanto comiam bolo e sorvete, e imediatamente começou uma longa conversa, em espanhol, sem mais nem menos.

— Quem é ele? — Luther murmurou, quando passou mancando.

— Marty — Nora murmurou, como se o conhecesse há anos.

Quando todos tinham comido, voltaram aos poucos para a sala de estar, onde um fogo enorme estava aceso. As crianças cantaram duas canções de Natal, e então Marty apareceu com uma guitarra. Enrique deu um passo à frente também e explicou que ele e seu novo amigo gostariam de cantar umas duas canções tradicionais de Natal peruanas.

Marty atacou a guitarra com vigor e o dueto começou numa bela harmonia. As palavras eram desconhecidas dos ouvintes, mas a mensagem era clara. O Natal era uma época de alegria e de paz em todo o mundo.

— Ele canta também — Nora murmurou para Blair, que estava radiante.

Entre as canções, Marty explicou que tinha trabalhado no Peru, e que cantar aquelas canções lhe trazia saudades. Enrique apanhou a guitarra, tocou alguns acordes e começou suavemente outra canção de Natal.

Luther, encostado no lado da lareira, alternando o peso do corpo de um pé para o outro, sorria de acordo com a ocasião, embora sua vontade fosse dormir para sempre. Olhou para seus vizinhos, todos atentos à música. Estavam todos

ali, exceto Trogdon.

E exceto Walt e Bev Scheel.

Vinte

Depois de outra canção estrangeira de Natal e durante um aplauso barulhento para o dueto de Marty e Enrique, Luther, sem ser notado, saiu da cozinha e foi para a garagem escura. Vestido para enfrentar a neve — sobretudo, gorro de lã, protetor de orelhas, botas, luvas —, com os dois tornozelos inchados e arranhados, ajudado pela bengala de plástico que tinha jurado não usar, tentando não se encolher de dor a cada passo, saiu de casa.

A bengala estava na mão direita, e na mão esquerda um grande envelope pesado. A neve era pouca ainda, mas cobria todo o solo.

Na calçada, ele virou e olhou para a multidão na sua sala de estar. Casa cheia. Uma árvore que, a distância, parecia muito melhor. Lá em cima, um Frosty emprestado.

Hemlock estava quieta. Felizmente, o carro dos bombeiros, a ambulância e os carros-patrulhas da polícia tinham ido embora. Luther olhou para os lados e não viu ninguém. A maior parte dos moradores estava em sua casa, cantando agora, salvando-o de um episódio que sem dúvida seria lembrado como um dos mais curiosos de sua carreira.

A casa dos Scheel estava bem iluminada por fora, mas quase completamente escura dentro. Luther seguiu para lá, as botas roçando os ferimentos, a bengala permitindo aquela aventura. Tocou a campainha e olhou outra vez para sua casa, bem em frente, no outro lado da rua. Ralph Brixley e Judd Bellington apareceram no lado da casa, apressadamente instalando fileiras de luzes nos arbustos de Luther.

Ele fechou os olhos por um segundo, balançou a cabeça, olhou para os pés.

Walt Scheel atendeu à porta com um agradável “Ora, feliz Natal, Luther".

— E feliz Natal para você — Luther disse, com um sorriso genuíno.

— Está perdendo sua festa.

— Tenho só um segundo, Walt. Posso entrar?

— É claro.

Luther entrou capengando e parou em cima de um capacho. Suas botas tinham acumulado neve e ele não queria deixar nenhum rastro.

— Quer me dar seu sobretudo? — Walt perguntou. Alguma coisa estava assando na cozinha e Luther considerou isso um bom sinal.

— Não, obrigado. Como vai Bev?

— Está tendo um bom dia, obrigado. íamos à sua casa para ver Blair, mas começou a nevar. Então, que tal o noivo?

— Um jovem muito agradável — Luther disse.

Bev Scheel veio da sala de estar e disse “olá” e “feliz Natal”. Vestia uma suéter vermelha de Natal e parecia a mesma de sempre, na opinião de Luther. Diziam que o médico dera a ela seis meses de vida.

— Uma queda séria — Walt disse, com um sorriso.

— Podia ter sido pior — Luther disse, sorrindo, tentando gostar do fato de ser alvo de uma piada. Não vamos falar nisso, ele pensou.

Pigarreou e disse:

— Olhe, Blair vai passar dez dias aqui, portanto não faremos o cruzeiro. Nora e eu gostaríamos que vocês o fizessem em nosso lugar. — Ergueu o envelope e o sacudiu de leve.

A reação foi retardada, olhares foram trocados, pensamentos examinados. Estavam atônitos, e por um momento não conseguiam falar. Luther continuou:

— O voo parte amanhã ao meio-dia. Precisam estar lá cedo para trocar os nomes nas passagens e coisas assim, uma pequena inconveniência, mas vale a pena. Já telefonei para minha agente de viagens esta tarde. Dez dias no Caribe, praias, ilhas, tudo. Umas férias de sonho.

Walt balançou a cabeça, sem convicção. Os olhos de Bev estavam cheios de lágrimas. Nenhum dos dois conseguia falar. Finalmente, Walt disse, ainda com pouca convicção:

— Não podemos aceitar, Luther. Não é direito.

— Não seja bobo. Eu não fiz seguro de viagem, por isso, se vocês não aceitarem, todo o pacote será desperdiçado.

Bev olhou para Walt, que já estava olhando para ela, e quando seus olhos se encontraram Luther compreendeu. Era loucura, mas por que não?

— Não sei se meu médico vai permitir — ela disse, com voz fraca.

— Tenho aquele negócio do Lexxon, do aquecedor — Walt murmurou, coçando a cabeça.

— E prometemos aos Short irmos à sua festa de Ano-Novo — Bev acrescentou, pensativa.

— Benny disse que talvez apareça. — Benny era seu filho mais velho, que há anos não aparecia em casa.

— E o gato? — Bev perguntou.

Luther deixou que eles procurassem resolver os problemas e, quando terminaram as fracas desculpas, ele disse:

— É um presente nosso para vocês, sincero, de coração, sem nenhum compromisso, um presente de Natal para duas pessoas que, neste momento, têm dificuldade de encontrar um motivo para recusar. Apenas aceitem, certo?

— Não sei se tenho as roupas certas — Bev disse, como era de se esperar.

E Walt respondeu:

— Não seja ridícula.

Com a resistência quase desfeita, Luther deu o golpe final. Deu o envelope para Walt.

— Está tudo aí — passagem aérea, passagens do cruzeiro, tudo, incluindo o número do telefone da agência de viagens.

— Quanto custa, Luther? Se formos, você será reembolsado.

— É um presente simples, Walt. Não custa nada, nada de reembolso. Não complique as coisas.

Walt compreendeu, mas o orgulho interferiu.

— Teremos de discutir isso quando voltarmos.

Pronto, eles já estavam indo e voltando.

— Podemos falar sobre tudo, então.

— E o gato? — Bev perguntou.

Walt apertou o queixo com o polegar e o indicador, pensativo, e disse:

— Sim, acho que é um problema. Muito tarde para ligar para o canil.

Com noção exata do momento oportuno, um gato grande, peludo e negro, entrou no hall, se esfregou na perna direita de Walt, depois olhou longamente para Luther.

— Não podemos simplesmente deixá-lo — Bev disse.

— Não, não podemos — Walt concordou.

Luther detestava gatos.

— Podemos pedir a Jude Becker — Bev disse.

— Sem problema. Eu tomo conta dele — Luther disse, engolindo em seco, sabendo muito bem que a tarefa ficaria a cargo de Nora.

— Tem certeza? — Walt perguntou, um pouco depressa demais.

— Sem problema.

O gato olhou outra vez para Luther e saiu. O sentimento era mútuo.

As despedidas levaram muito mais tempo do que os olás e, quando Luther abraçou Bev, pensou que ela ia quebrar. Sob a suéter folgada, estava uma mulher frágil e doente. As lágrimas molhavam seu rosto.

— Vou ligar para Nora — ela murmurou. — Obrigada.

O velho durão Walt tinha os olhos úmidos também. Nos degraus da frente, no último aperto de mãos, ele disse:

— Isso significa muito, Luther. Obrigado.

Quando os Scheel fecharam a porta, Luther começou a voltar para casa sem o peso do grande envelope agora, livre das passagens e dos grossos folhetos, livre do prazer que continham, seus passos eram agora mais rápidos. E repleto de satisfação por ter dado o presente perfeito, Luther andou ereto e orgulhoso, mancando levemente.

Na rua, parou e olhou para trás. A casa dos Scheel, escura como uma caverna até poucos momentos atrás, estava agora viva, iluminada, as luzes se acendendo no térreo e no primeiro andar. Vão passar a noite fazendo as malas, Luther pensou.

Uma porta se abriu no outro lado da rua e a família Galdy saiu ruidosamente da sala de estar dos Krank. Risos e música escaparam com eles e ecoaram na Hemlock. A festa não parecia prestes a acabar.

Ali parado, na beirada da rua, a neve suave acumulando-se no gorro de lã e no colarinho, olhando para sua casa recentemente decorada, com quase toda a vizinhança dentro dela, Luther contou suas bênçãos. Blair estava em casa e trouxera um jovem muito agradável, bonito, educado, que evidentemente estava louco por ela. E que, naquele momento, estava encarregado da festa ao lado de Marty Qualquer coisa.

Quanto a Luther, tinha sorte por estar de pé e não deitado em paz numa mesa na Funerária Franklin ou preso à cama numa UTI do Hospital Mercy, com tubos por toda a parte. Lembrar o escorregão do alto do telhado, de cabeça, ainda o horrorizava. Muita sorte, sem dúvida.

Abençoado com amigos e vizinhos dispostos a sacrificar seus planos para a véspera de Natal a fim de salvá-lo.

Olhou para sua chaminé, de onde o Frosty dos Brixley o observava. Rosto redondo sorridente, cartola, cachimbo de sabugo de milho. Através da neve que caía, Luther teve a impressão de que Frosty piscava o olho para ele.

Faminto como sempre, Luther, de repente, teve vontade de comer truta defumada. Começou a andar na neve. “Vou comer um panetone também”, prometeu a si mesmo.

Pular o Natal. Que ideia ridícula.

Talvez no próximo ano.

JOHN GRISHAM nasceu no Arkansas, em 1955. Formado em Direito pela Universidade do Mississípi, a atividade de advogado influenciou a temática de seus livros. Desde 1991, é um dos escritores mais lidos nos EUA, com mais de 100 milhões de livros vendidos e traduzidos para 31 idiomas. Sua obra é publicada no Brasil pela Rocco. Vários de seus livros foram adaptados para o cinema. John Grisham vive com a família em Oxford, EUA.



OBRAS DO AUTOR

Tempo de matar

A firma

O cliente

O homem que fazia chover

A câmara de gás

O júri

O sócio

O advogado

O dossiê Pelicano

O testamento

A confraria

A casa pintada

A intimação

Esquecer o Natal

RR DONNELLEY

América Latina

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Unidade Livros

Av Tucunaré 299 - Tamboré

Cep. 06460.020 - Barueri - SP - Brasil

Tel.: (55-11) 4166 3500 (55-**21**) 2240 7724

Fax: (55-11) 4166 3701 (55-21) 2240 7724